



DEPARTAMENTO DE DIREITO

MESTRADO EM DIREITO

**INSOLVÊNCIA**

*versus*

**RECUPERAÇÃO**

***COMO O SIREVE DEIXOU DE SER ALTERNATIVA AO PER***

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Direito  
na especialidade de *Ciências Jurídico Processuais*

**Autor:** Armando Travassos

**Orientador:** Professora Doutora Ana Roque

**Fevereiro de 2016**

**Lisboa**

*Aos meus filhos, DANIEL e FRANCISCO, á ISABEL, á minha  
mãe e á memória do meu pai.*

*A eles este trabalho muito deve.*

Expresso, neste espaço, o meu sincero agradecimento a todos os que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, colaborando na concretização de mais uma etapa da minha vida académica.

Deixo também um agradecimento especial à Senhora Professora Doutora Ana Roque, pelo apoio, pelos incentivos, pelos ensinamentos, pela disponibilidade e atenção que sempre demonstrou, quer na elaboração deste trabalho, quer pela referência pessoal e académica que representa para mim.

***Armando Travassos***

# ÍNDICE

|   |             |
|---|-------------|
| <b>ACRÓNIMOS</b>  | <b>V</b>    |
| <b>RESUMO</b>   | <b>VII</b>  |
| <b>ABSTRACT</b>   | <b>XIII</b> |
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>   | <b>1</b>    |
| 1.1 BREVES CONSIDERAÇÕES  | 1           |
| 1.2 A DISSERTAÇÃO   | 2           |
| <b>2 A FALÊNCIA E A RECUPERAÇÃO NO DIREITO</b>                                    | <b>5</b>    |
| 2.1 ENQUADRAMENTO NA HISTÓRIA   | 5           |
| 2.1.1 LEI DAS DOZE TÁBUAS   | 5           |
| 2.1.2 O DIREITO ROMANO  | 6           |
| 2.1.3 A IDADE MÉDIA   | 6           |
| 2.1.4 AS ORDENAÇÕES   | 6           |
| 2.1.5 O ALVARÁ DE 1756  | 7           |
| 2.1.6 O CÓDIGO NAPOLEÓNICO  | 7           |
| 2.1.7 A MODERNA LEGISLAÇÃO SOBRE INSOLVÊNCIAS.                                    | 8           |
| 2.1.8 A INFLUÊNCIA DO REINO UNIDO E DA LEGISLAÇÃO ALEMÃ NO DIREITO FALIMENTAR     | 8           |
| 2.1.9 A EVOLUÇÃO DA LEGISLAÇÃO DA INSOLVÊNCIA EM PORTUGAL, A PARTIR DO SÉCULO XIX | 8           |
| 2.1.10 O REGULAMENTO (CE) N.º 1346/2000 DE 29/MAIO                                | 9           |
| 2.2 ENQUADRAMENTO ATUAL   | 10          |
| 2.2.1 FALÊNCIA OU INSOLVÊNCIA   | 10          |
| 2.2.2 A RECUPERAÇÃO DA EMPRESA EM DIFICULDADES                                    | 12          |
| <b>3 O CPEREF E O CIRE</b>  | <b>14</b>   |
| 3.1 COMPARAÇÃO E DISTINÇÃO  | 14          |
| 3.1.1 DUAS ÉPOCAS DISTINTAS DA INSOLVÊNCIA E DA RECUPERAÇÃO DE EMPRESAS           | 14          |
| 3.1.2 O CIRE  | 16          |
| 3.2 ASPECTOS RELEVANTES DO CIRE   | 17          |
| 3.2.1 FACTOS QUE LEGITIMAM O PEDIDO DE INSOLVÊNCIA/ RECUPERAÇÃO                   | 17          |
| 3.2.2 O MINISTÉRIO PÚBLICO  | 18          |
| 3.2.3 O DEVER DE APRESENTAÇÃO   | 18          |
| 3.2.4 A SENTENÇA  | 19          |
| 3.2.5 O ADMINISTRADOR DE INSOLVÊNCIA  | 20          |
| 3.2.6 A COMISSÃO E A ASSEMBLEIA DE CREDORES                                       | 20          |
| 3.2.7 OS PRIVILÉGIOS DO ESTADO  | 21          |
| 3.2.8 OS CRÉDITOS SOBRE A MASSA INSOLVENTE  | 22          |
| 3.2.9 A ADMINISTRAÇÃO PELO DEVEDOR  | 23          |

|            |  |           |
|------------|--|-----------|
| 3.2.10     | O INCIDENTE DE CLASSIFICAÇÃO DA INSOLVÊNCIA                      | 24        |
| 3.2.11     | O PLANO DE INSOLVÊNCIA   | 24        |
| 3.2.12     | A RELAÇÃO TRIBUTÁRIA É CONTROVERSA                               | 26        |
| <b>3.3</b> | <b>ASPETOS ESTRUTURANTES DO CIRE</b>                             | <b>27</b> |
| 3.3.1      | O SUPRIMENTO DA ACEITAÇÃO DE CREDORES                            | 28        |
| <b>4</b>   | <b>PEC COMO ANTECESSOR DO SIREVE</b>                             | <b>30</b> |
| <b>4.1</b> | <b>A INTERVENÇÃO MEDIADORA</b>                                   | <b>30</b> |
| 4.1.1      | O PROCEDIMENTO EXTRAJUDICIAL DE CONCILIAÇÃO                      | 30        |
| <b>4.2</b> | <b>REFORMULAÇÃO DO PEC POR FORÇA DA ALTERAÇÃO DO CIRE</b>        | <b>31</b> |
| <b>4.3</b> | <b>AS LACUNAS DO PEC</b>   | <b>32</b> |
| 4.3.1      | A VIA JUDICIAL PARA GARANTIR O ACORDO EXTRAJUDICIAL              | 33        |
| <b>4.4</b> | <b>O PEC DEU ORIGEM AO SIREVE</b>                                | <b>34</b> |
| <b>5</b>   | <b>A RECUPERAÇÃO NO DIREITO EUROPEU</b>                          | <b>35</b> |
| <b>5.1</b> | <b>A RECOMENDAÇÃO DA COMISSÃO</b>                                | <b>35</b> |
| <b>5.2</b> | <b>A NOVA ABORDAGEM</b>  | <b>35</b> |
| 5.2.1      | A RESISTÊNCIA À CRISE  | 36        |
| 5.2.2      | O REGULAMENTO (EU) 2015/848/CULTURA DE 2ª OPORTUNIDADE           | 36        |
| 5.2.3      | A RECOMENDAÇÃO FAVORECE A RECUPERAÇÃO E A REVITALIZAÇÃO          | 37        |
| 5.2.4      | UMA CULTURA DE RECUPERAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO                      | 38        |
| 5.2.5      | PRINCÍPIOS COMUNS  | 38        |
| 5.2.6      | A ADAPTAÇÃO DOS ESTADOS-MEMBROS                                  | 39        |
| <b>6</b>   | <b>O PROGRAMA REVITALIZAR</b>                                    | <b>40</b> |
| <b>6.1</b> | <b>A RCM Nº11/2012 DE 03 DE FEVEREIRO</b>                        | <b>40</b> |
| 6.1.1      | MUITAS EMPRESAS PODEM SER RECUPERADAS                            | 42        |
| 6.1.2      | UMA RESPOSTA ESTRATÉGICA   | 44        |
| <b>6.2</b> | <b>PRINCÍPIOS ORIENTADORES DA RECUPERAÇÃO DE DEVEDORES</b>       | <b>45</b> |
| 6.2.1      | RCM Nº 43/2011 DE 25 DE OUTUBRO                                  | 45        |
| 6.2.2      | O COMPROMISSO 2.18   | 46        |
| 6.2.3      | A COOPERAÇÃO CONSTRUTIVA   | 48        |
| 6.2.4      | ONZE PRINCÍPIOS ORIENTADORES QUE AFINAL SÃO APENAS RECOMENDAÇÕES | 49        |
| 6.2.5      | O PRINCÍPIO GERAL DA BOA-FÉ                                      | 50        |
| <b>7</b>   | <b>O EMPRESÁRIO PERANTE A NECESSIDADE DE DECIDIR</b>             | <b>52</b> |
| <b>7.1</b> | <b>AS DIFICULDADES SÃO UM ESTÁDIO NA VIDA DAS EMPRESAS</b>       | <b>52</b> |
| <b>7.2</b> | <b>DIFICULDADES ECONÓMICAS OU DIFICULDADES FINANCEIRAS?</b>      | <b>53</b> |
| 7.2.1      | O DIAGNÓSTICO  | 53        |
| 7.2.2      | AS PARTICULARIDADES DAS ÉPOCAS DE CRISE                          | 54        |
| 7.2.3      | A DECISÃO  | 54        |
| <b>7.3</b> | <b>INSOLVÊNCIA OU REVITALIZAÇÃO</b>                              | <b>55</b> |

|             |  |           |
|-------------|--|-----------|
| 7.3.1       | LIQUIDAÇÃO OU SANEAMENTO   | 56        |
| 7.3.2       | A DECISÃO PELO SIREVE OU PELO PER  | 57        |
| 7.3.3       | SIREVE E PER, VISAM ESTABELECE UM PROCESSO NEGOCIAL                          | 57        |
| 7.3.4       | O SIREVE DEIXOU DE SER ALTERNATIVA AO PER                                    | 59        |
| <b>8</b>    | <b>A REVITALIZAÇÃO</b>   | <b>61</b> |
| <b>8.1</b>  | <b>O SIREVE -SISTEMA DE RECUPERAÇÃO DE EMPRESAS POR VIA EXTRAJUDICIAL</b>    | <b>61</b> |
| 8.1.1       | CONDIÇÕES DE ACESSO  | 62        |
| 8.1.2       | CONDIÇÕES CIRCUNSTÂNCIAIS  | 64        |
| 8.1.3       | CONDIÇÕES “HISTÓRICAS” PODEM AFASTAR EMPRESAS RECUPERÁVEIS DO SIREVE         | 65        |
| <b>8.2</b>  | <b>SITUAÇÃO ECONÓMICA DIFÍCIL OU INSOLVÊNCIA EMINENTE</b>                    | <b>66</b> |
| 8.2.1       | VIABILIDADE ECONÓMICA  | 67        |
| 8.2.2       | A DECISÃO DE ACEITAÇÃO OU RECUSA   | 68        |
| 8.2.3       | O PAPEL DO IAPMEI  | 69        |
| <b>8.3</b>  | <b>AS NEGOCIAÇÕES</b>  | <b>70</b> |
| 8.3.1       | O PROCESSO NEGOCIAL  | 70        |
| 8.3.2       | O ACORDO   | 72        |
| 8.3.3       | O CONTEÚDO DOS ACORDOS   | 72        |
| <b>8.4</b>  | <b>OS EFEITOS DO SIREVE</b>  | <b>73</b> |
| 8.4.1       | TRÉGUA   | 73        |
| 8.4.2       | MEDIAÇÃO   | 74        |
| 8.4.3       | INIBIÇÃO NEGOCIAL DA EMPRESA   | 75        |
| 8.4.4       | EFEITOS DO ACORDO  | 76        |
| 8.4.5       | EXTINÇÃO DO ACORDO   | 77        |
| 8.4.6       | EXTINÇÃO DO PROCEDIMENTO   | 77        |
| <b>9</b>    | <b>ALTERAÇÕES INTRODUZIDAS PELO DEC. LEI 26/2015 DE 06 DE FEVEREIRO</b>      | <b>79</b> |
| <b>9.1</b>  | <b>EMPRESAS APRISIONADAS PELO ARTº2A</b>                                     | <b>79</b> |
| <b>9.2</b>  | <b>NOVOS CRITÉRIOS</b>   | <b>80</b> |
| 9.2.1       | A PROTEÇÃO DOS GARANTES É UM AVANÇO IMPORTANTE                               | 81        |
| 9.2.2       | ALTERAÇÕES AO CSC  | 82        |
| <b>10</b>   | <b>EFEITOS GLOBAIS DO ACORDO SIREVE</b>                                      | <b>84</b> |
| <b>10.1</b> | <b>SUPORTE JUDICIAL</b>  | <b>84</b> |
| 10.1.1      | O QUADRO LEGAL   | 84        |
| 10.1.2      | O LEGISLADOR NÃO ATRIBUIU AO IAPMEI O PODER DE CONCLUIR O PROCESSO           | 85        |
| 10.1.3      | O PAPEL DO TRIBUNAL  | 86        |
| 10.1.4      | O SUPRIMENTO É DETERMINANTE PARA A ESTABILIDADE DO PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO | 87        |
| <b>10.2</b> | <b>A (IN) CONSTITUCIONALIDADE DO Nº 4 DO ART.º258.º DO CIRE</b>              | <b>87</b> |
| <b>11</b>   | <b>O PROCESSO ESPECIAL DE REVITALIZAÇÃO É POR AGORA MAIS APELATIVO</b>       | <b>90</b> |

|             |  |            |
|-------------|--|------------|
| <b>11.1</b> | <b>ALTERNATIVA À INSOLVÊNCIA PARA SALVAR EMPRESAS VIÁVEIS</b>        | <b>90</b>  |
| 11.1.1      | O SIREVE VERSUS PER  | 90         |
| 11.1.2      | OS OBJECTIVOS DO PER   | 90         |
| 11.1.3      | O PER PERMITE AO DEVEDOR NEGOCIAR COM OS CREDITORES                  | 91         |
| 11.1.4      | O ACORDO DEVE ATENDER AO PLANO DE NEGÓCIOS                           | 91         |
| 11.1.5      | O ART.º196.º DO CPPT   | 92         |
| 11.1.6      | A POUCA FLEXIBILIDADE DOS CREDITORES PÚBLICOS                        | 92         |
| <b>11.2</b> | <b>CONDIÇÕES DE ACESSO</b>   | <b>93</b>  |
| 11.2.1      | CONDIÇÕES FORMAIS  | 94         |
| 11.2.2      | PROCESSO COM NEGOCIAÇÃO  | 94         |
| 11.2.3      | PROCESSO SEM NEGOCIAÇÃO  | 95         |
| 11.2.4      | CONDIÇÕES ECONÓMICAS   | 95         |
| 11.2.5      | SITUAÇÃO ECONÓMICA DIFÍCIL OU DE INSOLVÊNCIA IMINENTE                | 95         |
| <b>11.3</b> | <b>SUSCEPTIBILIDADE DE RECUPERAÇÃO</b>                               | <b>96</b>  |
| 11.3.1      | A NOMEAÇÃO DE ADMINISTRADOR JUDICIAL PROVISÓRIO                      | 96         |
| 11.3.2      | TRÉGUA PROCESSUAL  | 97         |
| 11.3.3      | ACÇÕES DE COBRANÇA   | 97         |
| 11.3.4      | ANTERIORES PROCESSOS   | 97         |
| 11.3.5      | INIBIÇÃO DO DEVEDOR  | 98         |
| 11.3.6      | GARANTIAS  | 98         |
| 11.3.7      | RECLAMAÇÕES DE CRÉDITOS  | 99         |
| <b>11.4</b> | <b>AS NEGOCIAÇÕES</b>  | <b>99</b>  |
| 11.4.1      | O PROCESSO   | 100        |
| 11.4.2      | APROVAÇÃO DO PLANO   | 100        |
| 11.4.3      | APROVAÇÃO POR UNANIMIDADE  | 101        |
| 11.4.4      | APROVAÇÃO POR MAIORIA  | 101        |
| 11.4.5      | HOMOLOGAÇÃO DE ACORDO  | 101        |
| 11.4.6      | NÃO APROVAÇÃO DE UM PLANO  | 101        |
| <b>12</b>   | <b>CONCLUSÃO</b>   | <b>103</b> |
| <b>12.1</b> | <b>SIREVE E PER NÃO SÃO INSTRUMENTOS DE RECUPERAÇÃO ALTERNATIVOS</b> | <b>103</b> |
|             | <b>BIBLIOGRAFIA</b>  | <b>110</b> |

## ACRÓNIMOS

|                 |  |
|-----------------|--|
| <b>Ac</b>       | Acórdão  |
| <b>AJP</b>      | Administrador Judicial Provisório  |
| <b>AJ</b>       | Administrador Judicial   |
| <b>AI</b>       | Administrador de Insolvência   |
| <b>Al./Als.</b> | Alínea/alíneas   |
| <b>Art.º</b>    | Artigo   |
| <b>ATA</b>      | Autoridade Tributária e Aduaneira  |
| <b>BCE</b>      | Banco Central Europeu  |
| <b>CC</b>       | Código Civil   |
| <b>Cf/Cfr.</b>  | Confrontar/conferir  |
| <b>CE</b>       | Comissão Europeia  |
| <b>CIRE</b>     | Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas                           |
| <b>CPC</b>      | Código de Processo Civil   |
| <b>CPEREF</b>   | Código dos Processos Especiais de Recuperação da Empresa e de Falência       |
| <b>CPPT</b>     | Código de Procedimento e de Processo Tributário                              |
| <b>CRP</b>      | Constituição da República Portuguesa   |
| <b>CRCSPSS</b>  | Código dos Regimes Contributivos do Sistema Previdencial de Segurança Social |
| <b>CSC</b>      | Código das Sociedades Comerciais   |
| <b>DE</b>       | Direito Económico  |
| <b>Dec. Lei</b> | Decreto-Lei  |
| <b>Ed.</b>      | Edição   |
| <b>FMI</b>      | Fundo Monetário Internacional  |
| <b>IAPMEI</b>   | Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação                |
| <b>InsO</b>     | <i>Insolvenzordnung</i>  |
| <b>ISS</b>      | Instituto de Segurança Social  |
| <b>LGT</b>      | Lei Geral Tributária   |
| <b>LOSJ</b>     | Lei da Organização do Sistema Judiciário                                     |
| <b>MJ</b>       | Magistrado Judicial  |

|                          |  |
|--------------------------|--|
| <b>MP</b>                | Ministério Público   |
| <b>n.º/n.ºs</b>          | Número/números   |
| <b>p./pp.</b>            | Página/páginas   |
| <b>p.e.</b>              | Por exemplo  |
| <b>PEC</b>               | Procedimento Extrajudicial de Conciliação  |
| <b>PER</b>               | Processo Especial de Revitalização   |
| <b>PME</b>               | Pequena e Média Empresa  |
| <b>RCM</b>               | Resolução do Conselho de Ministros   |
| <b>SIREVE</b>            | Sistema de Recuperação de Empresas por via Extrajudicial<br>Após Dec. Lei 178/2012 de 3 de Agosto    |
| <b>“novo<br/>SIREVE”</b> | Sistema de Recuperação de Empresas por via Extrajudicial,<br>Após Dec. Lei 26/2015 de 6 de Fevereiro |
| <b>SS</b>                | Segurança Social   |
| <b>ss.</b>               | Seguintes  |
| <b>STA</b>               | Supremo Tribunal Administrativo  |
| <b>TJUE</b>              | Tribunal de Justiça da União Europeia  |
| <b>TOC</b>               | Técnico Oficial de Contas  |
| <b>UE</b>                | União Europeia   |
| <b>V</b>                 | Vide   |
| <b>Vol</b>               | Volume   |

## RESUMO

O memorando “Portugal Memorandum of Understanding of Specific Economic Policy Conditions”, celebrado entre o Governo Português, o BCE- Banco Central Europeu, UE- União Europeia e o FMI- Fundo Monetário Europeu estabeleceu a implementação na Lei, de mecanismos que possibilitem a reestruturação, de uma forma voluntária e extrajudicial de empresas e particulares.

O Estado Português comprometeu-se com base neste memorando, a alterar os procedimentos de insolvência, para melhor apoiar a reabilitação de devedores com equilíbrio, face aos interesses de credores e devedores, o que ficou expresso nos pontos, 2.17, 2.18, 2.19, 2.21 do *memorando*.

O memorando previa que a Autoridade Tributária e Aduaneira e a Segurança Social utilizassem uma maior variedade de instrumentos de reestruturação de responsabilidades, aconselhando ponto 2.19<sup>1</sup> do *memorando*, uma revisão da lei tributária com a finalidade da administração “...utilizar uma maior variedade de instrumentos de reestruturação baseados em critérios claramente definidos”.

O Art.º 191.º do *CRCSPSS - Código dos Regimes Contributivos do Sistema Previdencial de Segurança Social*, estabelece o princípio de que as condições de regularização da dívida à segurança social, não podem ser menos favoráveis do que o acordado para os restantes credores do devedor.

O ponto 2.21<sup>2</sup> do *memorando* definia que, “as autoridades lançarão (iam) uma campanha para sensibilizar a opinião pública e as partes interessadas sobre os instrumentos de reestruturação disponíveis para o resgate precoce de empresas viáveis” de modo a fomentar o recurso ao procedimento extrajudicial de recuperação de empresas e assim contribuir para o aumento do número de negociações concluídas com sucesso. Neste contexto, foram aprovados “princípios orientadores da recuperação de

---

<sup>1</sup>Cfr. **Memorando BCE,FMI,EU** - Ponto 2.19. “As autoridades tomarão também as medidas necessárias para autorizar a administração fiscal e a segurança social a utilizar uma maior variedade de instrumentos de reestruturação baseados em critérios claramente definidos, nos casos em que outros credores também aceitem a reestruturação dos seus créditos, e para rever a lei tributária com vista à remoção de impedimentos à reestruturação voluntária de dívidas”.

<sup>2</sup> Cfr. **Memorando BCE, FMI,EU** - Ponto 2.21. “As autoridades lançarão uma campanha para sensibilizar a opinião pública e as partes interessadas sobre os instrumentos de reestruturação disponíveis para o resgate precoce de empresas viáveis através de, por exemplo, formação e novos de informação”.

devedores”<sup>3</sup>, que têm como fonte inspiradora os princípios plasmados no “ *Global Statement of Principles for Multi-Creditor Workouts*” elaborados pela *INSOL internacional* em outubro do ano 2000. Estes “*princípios orientadores*”, nas palavras de JOÃO AVEIRO PEREIRA, “*funcionam com uma espécie de código ético*”<sup>4</sup>, sendo considerados um instrumento útil para promover a eficácia dos procedimentos extrajudiciais de recuperação. Na tentativa de dar uma resposta estratégica global à necessidade de preservar o tecido empresarial português, foi lançado o “*Programa Revitalizar* através da RCM- *Resolução do Concelho de Ministros n.º 11/2012, de 03 de Fevereiro*”<sup>5</sup>.

Como refere MENEZES CORDEIRO, “...a reforma da insolvência levada a cabo pela Lei n.º 16/2012, de 20 de Abril, decorreu das obrigações assumidas pelo Estado Português, através da assinatura do Memorando da Troika. Curiosamente, o Memorando ocupa-se da matéria da insolvência a propósito do seu ponto 2: *Regulação e supervisão do sector financeiro, fazendo-lhe, depois, uma curta referência a propósito do sistema judicial*”<sup>6</sup>. Para o referido autor “*Esta iniciativa pretendia otimizar o enquadramento legal dos procedimentos tributários e financeiros em que o tecido empresarial desenvolve a sua atividade, de modo a encorajar projetos empresariais operacionalmente viáveis*” e os condicionalismos económicos e financeiros gerais.

O “*Programa Revitalizar*”,<sup>7</sup> assenta em três pilares: um de génese financeira e dois de natureza processual. A propósito do primeiro destes pilares, convém referir que a reanimação da economia portuguesa depende, fundamentalmente, das empresas. São elas que produzem bens e prestam serviços, proporcionando emprego e rendimento, consumo e receitas tributárias para o Estado cumprir as suas funções. Era por isso urgente apoiar as empresas, sobretudo as pequenas e médias, proporcionando-lhe liquidez ou crédito. São as *PME-Pequenas e Médias Empresas* o objeto deste trabalho.

Para MENEZES CORDEIRO<sup>8</sup> “a principal novidade introduzida no Código da Insolvência pela Lei n.º 16/2012, de 20 de Abril, consubstancia-se no processo especial

---

<sup>3</sup> Cfr. Resolução do Concelho de Ministros 43/2011 de 25 de outubro

<sup>4</sup> Cfr. PEREIRA, João Aveiro, A Revitalização Económica de Devedores, Almedina

<sup>5</sup> Cfr. Resolução do Concelho de Ministros 11/2012 de 03 de fevereiro

<sup>6</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, pp 11 e ss

<sup>7</sup> Cfr. Resolução do Concelho de Ministros 11/2012 de 03 de fevereiro

<sup>8</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, pp 11 e ss

*de revitalização (PER), presente nos Art.º(s) 17.º-A a 17.º-I do CIRE ora introduzidos e que constituem um novo capítulo II do CIRE.*

No domínio processual, foram instituídos dois instrumentos de adesão voluntária, promotores da negociação empenhada em alcançar acordos de revitalização. Um destes instrumentos, o “*SIREVE-Sistema de Recuperação de Empresas por Via Extrajudicial*”<sup>9</sup>, ao qual vamos dar especial importância neste trabalho. E o “*PER- Processo Especial de Revitalização*”<sup>10</sup>, que será analisado neste trabalho comparativamente com o SIREVE, pois, embora dispondo de um enquadramento judicial limitado aos aspetos organizativos e legais, tem também a função a atalhar à degradação do tecido empresarial e poupar o devedor, a economia e a sociedade aos inconvenientes da insolvência. Para MENEZES CORDEIRO<sup>11</sup>, “*...o CIRE, na sequência da reforma de 2012, prevê, perante uma situação técnica de dificuldade séria, um processo especial de revitalização (PER). No âmbito desse processo e iniciado, nos termos apontados, no PER, todos os credores são convidados a participar nas negociações. Se não participarem, correm o risco de, com o voto maioritário dos restantes, se chegar a um plano de recuperação que, uma vez homologado pelo juiz, se torna vinculativo para todos nos termos do do nº6 do Art.º17.º-F do CIRE.*”

Por sua vez o SIREVE, como refere MENEZES CORDEIRO<sup>12</sup>, “*inicia-se através de um requerimento ao IAPMEI, requerimento esse que suspende (suspendia, no anterior no anterior quadro legal do SIREVE) o prazo previsto para o nº1 do Artº18º do CIRE para a apresentação à insolvência, pelo devedor. O IAPMEI-Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas à Inovação profere (ou não) despacho de aceitação do requerimento dispondo depois, 30 dias para fazer um juízo técnico sendo este favorável, seguem-se as negociações, nas quais se devem observar os princípios da RCM-Resolução do Conselho de Ministros nº 43/2011, de 25 de outubro.*”

Ambos os procedimentos visavam estabelecer um quadro legal, propício à revitalização de empresas viáveis, nos domínios da insolvência e ou da sua recuperação, sobre o manto da boa-fé.

---

<sup>9</sup> Cfr. Dec.-Lei 178/2012, de 03 de Agosto

<sup>10</sup> Cfr. Lei nº 16/2012, de 20 de Abril

<sup>11</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, pp 11 e ss

<sup>12</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, pp 11 e ss

Para MENEZES CORDEIRO<sup>13</sup> “...há que agir de boa-fé e, designadamente, que observar deveres de segurança, de lealdade e de informação, de modo a assegurar a tutela da confiança e a primazia da materialidade subjacente”.

Para isso, era necessário desenvolver mecanismos eficazes de articulação dos devedores com o Estado, tendo em vista encontrar soluções que promovam a viabilização das empresas em dificuldades. Pretendia-se assim, criar uma dinâmica institucional e económica, como alternativa segura ao processo de insolvência, através de consenso entre a empresa ou devedor em dificuldades financeiras e os seus credores e para isso, como refere MENEZES CORDEIRO<sup>14</sup>, “*Todo o processo de insolvência sofreu uma grande simplificação perante o anterior Código, para o autor o “Código da Insolvência de 2004 inovou, essencialmente, nas questões seguintes: (i) a primazia da satisfação dos credores; (ii) a ampliação da autonomia privada dos credores; (iii) a simplificação do processo”*”.

É sobre os credores que, agora, recai o ónus de decidir se vale a pena ajudar o devedor e tentar minimizar as perdas dos seus créditos ou deixá-lo cair na insolvência, sujeitando-se a perder tudo.

O legislador parece confiante de que, na posição de credores, os agentes económicos decidem racionalmente e com preocupações políticas e económicas de preservação do tecido empresarial, o que nem sempre tem vindo a acontecer.

No entanto, importa considerar que a grande maioria das empresas, em Portugal, é de pequeníssima, pequena ou média dimensão e muitas são de estrutura familiar e gestão não profissional, com fraco índice de capitais próprios e muito dependentes do crédito.

Neste contexto, apareceram para as negociações desenvolvidas no quadro de cada um destes dois instrumentos processuais de recuperação, *onze princípios* aprovados pela RCM n.º 43/2011, 25 de outubro, que visam especialmente dignificar as negociações, através de diferentes pressupostos de que destacamos o facto de que, “*quem negoceia com outrem para a conclusão de um contracto deve, tanto nos preliminares como na formação*

---

<sup>13</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina. pp 11 e ss-“Esses **deveres** obrigam a uma disponibilidade para ouvir e à troca de informações efetivas quanto aos desejos, objetivos e disponibilidades de cada um. Finalmente, eles vedam atitudes bruscas, contraditórias e injustificadas. Sobrelevam, em nome da boa-fé, os anunciados princípios da tutela da confiança e da primazia da materialidade subjacente”.

<sup>14</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina. pp 11 e ss

*dele, proceder segundo as regras da boa-fé, sob pena de responder pelos danos que culposamente causar à outra parte conforme Art.º 227.º, nº 1, do CC-Código Civil”.*

Este otimismo não se confirmou já que, no ambiente conjuntural de crise, muitos credores privados se encontram em sérias dificuldades financeiras, necessitando de receber rapidamente os seus créditos, para evitarem eles próprios a necessidade de revitalização ou mesmo a insolvência.

Estes princípios surgem assim como uma espécie de mandamentos que, tanto o devedor como os seus credores são convidados a respeitar, tendo em vista o objetivo de celebrar um acordo economicamente revitalizador apoiados na *boa-fé*<sup>15</sup> que, como nos refere MENEZES CORDEIRO<sup>16</sup>, “...surge, hoje, reconhecida como um instituto jurídico geral, aplicável em todas as disciplinas: desde o DC-Direito Constitucional às diversas áreas processuais. Este sucesso deve-se à sua própria natureza. Não se trata de um instituto comum: antes de um vetor transversal que dá corpo a um modo integrado de funcionamento da Ciência do Direito”.

O SIREVE e o PER dispunham de normativo legal temporalmente coincidente e portanto gerador de efeitos semelhantes, como se pode extrair da diferente legislação e pressupostos a que *estiveram amarrados*. Esta ligação tornou-os, durante algum tempo, verdadeiras *alternativas* à revitalização de empresas. Os devedores podiam, livremente, optar para a sua revitalização, por um procedimento integralmente extrajudicial ou por um procedimento parcialmente judicial. Contudo o legislador alterou sem grandes explicações este pressuposto, publicando o Dec. Lei nº 26 / 2015, de 06 de fevereiro, que originou a republicação do Dec. Lei nº 178/2012, de 03 de agosto, dando-lhe uma redação que inclui alterações de pormenor, mas também novos pressupostos de acesso ao procedimento que alteraram profundamente a sua natureza técnica.

Esta alteração introduzida pelo legislador resultou, para já, num afastamento das empresas em dificuldades da utilização deste procedimento. Ao longo deste trabalho, faremos um enquadramento histórico e legal dos normativos da insolvência, que nos ajudará certamente a compreender as mudanças da legislação falimentar ao longo do

---

<sup>15</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina pp 11e ss– “Nos Direitos de tipo continental, a boa-fé desenvolveu as suas especiais qualidades ao longo da História, obtendo uma radicação especial no campo civil. Com efeito, ela surge referida no Código Civil Português vigente em setenta artigos, dispersos pelos seus cinco livros. Institutos parcelares, de índole muito variada, têm-na em conta e fazem dela o seu cerne”.

<sup>16</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina. pp 11 e ss

tempo, algumas delas bruscas e incoerentes, o que nos permitirá cimentar a opinião de que o direito de insolvência não pode viver afastado da recuperação de devedores viáveis.

Pretendemos analisar o regime legal do SIREVE, especialmente as suas lacunas, dando enfoque ao facto de não ser agora alternativo ao PER. Designaremos ao longo deste trabalho, este *novo* procedimento SIREVE por “novo SIREVE” para ajudar à sua compreensão sem necessidade de repetir exaustivamente a identificação técnica do diploma legal que o origina.

Como veremos, face à sua juventude a norma que instituiu o SIREVE apresentava diversos problemas interpretativos, incoerências e dificuldades de aplicação prática, capazes de pôr em risco a sua utilização e o seu sucesso, ou mesmo os projetos de revitalização empresarial que a ela recorressem. Sem esquecer que nos debruçamos sobre um tema muito recente e pouco abordado, pretendemos com este estudo traçar um quadro geral sobre o processo em apreço focando a nossa atenção, fundamentalmente, na sistematização dos problemas que nos parecem mais relevantes no seio das PME, expondo, quanto a estes, as ainda escassas opiniões doutrinárias, propondo sempre que possível modestos contributos que se adequem ao fim e objetivos do processo de revitalização.

Nem tudo o que foi alterado com a entrada em vigor do “novo SIREVE”<sup>17</sup> nos parece desadequado, mas, duvidamos que os condicionalismos que lhe foram impostos, se não forem revistos em tempo útil o não inviabilizem, tornando-o desnecessário ao sistema da recuperação de devedores.

Ao longo deste trabalho consideramos chave as palavras: INSOLVÊNCIA, DEVEDORES, CREDORES, REVITALIZAÇÃO, RECUPERAÇÃO, NEGOCIAÇÃO e BOA-FÉ.

---

<sup>17</sup> Cfr. Dec-Lei 26/2015 de 6 de Fevereiro

## ABSTRACT

The memorandum - "Portugal Memorandum of Understanding of Specific Economic Policy Conditions", celebrated between the Portuguese Government, the European Central Bank, BCE, European Union, EU, and the Monetary Fund, IMF, establishes the implementation of mechanisms into the Law, that enable the voluntary restructuring of companies and individuals.

The Portuguese Government has committed itself to change the insolvency proceedings, in order to better support the rehabilitation of debtors, balancing the interests of both creditors and debtors through memorandum paragraphs 2.17, 2.18, 2.19 and 2.21.

That memorandum also anticipated that the tax authorities and social security were allowed to use a wider range of restructuring instruments, with Paragraph 2.19<sup>18</sup> of the said memorandum also advising a revision of the tax in order to *“use a wider variety of instruments for restructuring, based on clearly defined criteria”*.

The 191<sup>st</sup> Article of the CRCSPSS - Code of the Contributory Regimes for the Providence System of Social Security, establishes the principle that debt settlement conditions to social security cannot be less favorable than those accorded with the other creditors of the debtor.

Paragraph 2.21<sup>19</sup> stated that the *“authorities should launch an awareness campaign for the public and stakeholders, regarding the available tools for the timely rescue of viable companies”*, in order to foster the use of extrajudicial recovery procedures, and thereby contribute to increasing the number of successful negotiations. In this context, *“guiding principles for the recovery of debtors”*<sup>20</sup> were approved, whose source of motivation were the principles embodied in the *“Global Statement of Principles for Multi-Creditor Workouts”* prepared by INSOL International in October 2000. These guiding principles, in the words of JOÃO AVEIRO PEREIRA, “work with a kind of

---

<sup>18</sup> **Cfr. Memorandum ECB, IMF, EU - Paragraph 2.19.** Authorities shall also take the necessary measures to authorize the tax authorities and social security to use a wider range of restructuring tools based on clearly defined criteria, where other creditors also agree to the restructuring of their claims, and to review the law tax for the removal of impediments to voluntary debt restructuring.

<sup>19</sup> **Cfr. Memorandum ECB, IMF, EU - Paragraph 2.21.** should launch an awareness campaign for the public and stakeholders, regarding the available tools for the timely rescue of viable companies.

<sup>20</sup> **Cfr. Resolução do Concelho de Ministros 43/2011 de 25 de Outubro**

ethical code”<sup>21</sup> and are considered a useful tool to promote the efficiency of extrajudicial recovery procedures. In an attempt to give a global strategic response to preserve the Portuguese business community, the “Revitalize program was launched by a resolution of the Council of Ministers, namely Resolution N° 11/2012 of the 3rd February”<sup>22</sup>.

As MENEZES CORDEIRO stated, “... *the reform of insolvency carried out by Law No. 16/2012, of 20 April, held the obligations assumed by the Portuguese State, through the signing of the Troika Memorandum. Interestingly, the Troika Memorandum deals with the matter of insolvency in connection with Point 2 - Regulation and supervision of the financial sector, making it then a short reference to the purpose of the judicial system*”. To this author “*this initiative intended to optimize the legal framework for tax and financial procedures where the business community is active, in order to encourage operationally viable business projects*”<sup>23</sup>, where the financial component is inadequate in relation to the business model, economic and general financial constraints.

The “Revitalize Program”<sup>24</sup> is based on three pillars, one financial and two procedural. Regarding the first of these pillars, it should be noted that the revival of the Portuguese economy depends crucially on companies. They are producing goods and providing services, providing employment and income, consumption and tax revenues for the state to fulfill its functions. That is why it was so urgent to support businesses, especially small and medium sized ones, with cash or credit. The small to médium sized companies are the main focus of this work.

As said by MENEZES CORDEIRO<sup>25</sup>, “*the main innovation introduced in the Bankruptcy Code by Law No. 16/2012, of 20th April, is embodied in the special process of revitalization, presented in articles 17-A to 17-I, herein introduced and comprising a new chapter II*”.

In the procedural area, two voluntary instruments were established, promoters of committed negotiations to achieve revitalization agreements. The *SIREVE – System for the Recovery under Extrajudicial Means*<sup>26</sup>, one of these instruments that we will give particular importance in this work, progresses on an extrajudicial environment. The *PER*

---

<sup>21</sup> Cfr. PEREIRA, João Aveiro, A Revitalização Económica de Devedores, Almedina

<sup>22</sup> Cfr. Resolução do Concelho de Ministros 11/2012 de 03 de fevereiro

<sup>23</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, pp 11 e ss

<sup>24</sup> Cfr. Resolução do Concelho de Ministros 11/2012 de 03 de fevereiro

<sup>25</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, pp 11 e ss

<sup>26</sup> Cfr. Dec.-Lei 178/2012 de 03 de Agosto

– *Procedure for Extrajudicial Revitalization*<sup>27</sup>, which will also be analyzed in this paper and compared to SIREVE, while providing a limited judicial framework regarding the organizational and legal aspects also has the function to cut short the deterioration of the business environment and save the debtor, the economy and society to the drawbacks of insolvency. To MENEZES CORDEIRO<sup>28</sup>, *"the CIRE, following the 2012 reform, provides a special process of revitalization (PER) for a technical situation of serious difficulty. In the heart of this process and, in pointed terms, started the PER, all creditors are invited to participate in the negotiations. If one of them does not participate they risk a plan, due to a majority of votes, that once approved by a judge becomes binding for all as of n°6, Art. 27° of CIRE"*.

On the other hand, the SIREVE, as stated by MENEZES CORDEIRO<sup>29</sup> *"begins with an application to IAPMEI, which suspends the deadline of n°1 of Art. 18° of the CIRE, for submission to insolvency. The IAPMEI – Institute for Support of Small and Medium Companies makes (or not) an order for acceptance of the application and has 30 days to make a technical judgment. It is followed, in case of favorable judgment, by negotiations in which the principles of RCM n° 43/2011 are to be met, as of 25 October"*.

Both procedures were intended to establish a legal framework favorable to the revival of viable businesses in the domains of insolvency and or recovery in the premises of good will.

For MENEZES CORDEIRO<sup>30</sup> *"... in all situations described, it is necessary to act with good will and, in particular, to observe safety duties, loyalty and information, to ensure the protection of trust and the primacy of the underlying materiality"*.

For this it was necessary to develop rapid and effective mechanisms in joint enterprises with the State, in particular the social security and tax authorities, in order to find solutions that promote the viability of companies in difficulty. The aim was to thus create institutional and economic dynamics, as safe alternative to insolvency proceedings, by consensus between the company or debtor in financial difficulties and its creditors.

---

<sup>27</sup> Cfr. Lei n° 16/2012, de 20 de Abril

<sup>28</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, Il Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, pp 11 e ss.

<sup>29</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, Il Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, pp 11 e ss.

<sup>30</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, Il Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, "Esses deveres obrigam a uma disponibilidade para ouvir e à troca de informações efetivas quanto aos desejos, objetivos e disponibilidades de cada um. Finalmente, eles vedam atitudes bruscas, contraditórias e injustificadas. Sobrelevam, em nome da boa-fé, os anunciados princípios da tutela da confiança e da primazia da materialidade subjacente."

For this MENEZES CORDEIRO<sup>31</sup> said “*All the insolvency proceedings suffered a big simplification to the previous code*”. Menezes Cordeiro believes that the “*2004 Insolvency Code innovated essentially on the following issues: the primacy of satisfaction of the creditors; expansion of the private autonomy of creditors; simplification of the process*”.

It's the creditors who bear the burden of deciding whether it is worth helping the debtor and try to minimize the loss of their claims or let it fall into insolvency, subjecting themselves to lose everything.

The legislator seems very confident that, in the position of the creditors, the economic agents decide rationally and with political and economic concerns, so to preserve the business sector, which does not always happen.

However, the vast majority of businesses in Portugal is very small, small or medium sized, many are of familiar structure with non-professional management, with weak capital indexes and highly dependent on credit.

In this context, eleven principles were presented for these negotiations, developed within the framework of each of these two procedural tools of recovery, approved by the RCM n° 43/2011 aimed especially at dignifying the negotiations through different assumptions. “*Those who negotiate with others for the fulfillment of a contract must, in both preliminary and developing stages, act in accordance with good will, under penalty of liability for culpable damage caused to the other party*” as of Art. 227.º, n° 1, of the CC – Civil Code.”

This optimism was not confirmed, due to the cyclical environment of economic crisis, as many private lenders are in serious financial trouble and need to quickly receive their credits to avoid themselves the need to revitalize or even apply for insolvency.

These principles emerge as a kind of ethical code, that both the debtor and creditors are invited to respect, given the aim of concluding an economically revitalizing agreement supported in *Good Will*<sup>32</sup> that, as in Menezes Cordeiro<sup>33</sup>, “*... appears, today, recognized as a general legal principle applicable in all disciplines: from constitutional law to the various process areas. This success is due to its nature. It is not a common institute:*

---

<sup>31</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, pp 11 e ss.

<sup>32</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina – “Nos Direitos de tipo continental, a boa-fé desenvolveu as suas especiais qualidades ao longo da História, obtendo uma radicação especial no campo civil. Com efeito, ela surge referida no Código Civil Português vigente em setenta artigos, dispersos pelos seus cinco livros. Institutos parcelares, de índole muito variada, têm-na em conta e fazem dela o seu cerne”. pp 11 e ss.

<sup>33</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina. pp 11 e ss.

*before a cross-vector that embodies an integrated mode of operation of the Science of Law”.*

The SIREVE and PER were temporally coincident. It can be concluded that the different legislation and assumptions, tied to these procedures for some time, also made them real alternatives. This connection made them, for some time, real alternatives to the revitaliation of viable companies. So debtors could opt for its revitalization, for extra-judicial proceedings or judicial proceedings. However, the legislature decided to change this assumption, without much explanation and by publishing the Dec. Lei 26/2015 of 06 February and republishing the Dec-Law 178/2012, with an essay that includes detailed changes but also new criteria for the access to this procedure that deeply change its nature.

This change resulted for now, in a reluctance from troubled firms in using this procedure. Throughout this paper, we make an historical and legal framework of the insolvency legislation, which will help us certainly understand the changes in bankruptcy legislation over time, some of them abrupt and incoherent, which will lead help to support the view that insolvency rights can't be unlinked from the recovery of viable debtors.

One aim is to analyze the legal regime of SIREVE, namely its shortcomings, giving special attention to the fact that it is currently not an alternative to the PER. We will designate this new procedure by “New SIREVE”<sup>34</sup> to help understanding the legal diploma that originated it without exhaustively stating it.

Given its 'youth', the norm has several interpretive problems, inconsistencies and difficulties of practical application, able to threaten its use, its success and even the success of the revitalization processes that it uses. Without forgetting, that we delved into a very recent theme and rarely addressed, we aim with this study to draw a general picture of the present case, focusing our attention primarily on the systematization of the problems that seem more relevant, exposing the scarce doctrinal opinions and existing case law positions. We also try to propose solutions, wherever possible, which suit the purposes and objectives of the process.

Not everything that was changed with the entry of the New SIREVE is, in our view, inadequate, but there are serious doubts that, if the constraints imposed to this procedure are not timely reviewed, it might be rendered unnecessary to the debtor recovery system.

---

<sup>34</sup> **Cfr.** Dec-Lei 26/2015 de 6 de Fevereiro

Throughout this work we consider the following key words: INSOLVENCY, DEBTORS, REVITALIZATION, RECOVERY, NEGOTIATION and GOOD WILL.

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 BREVES CONSIDERAÇÕES

O *CIRE - Código da Insolvência e Recuperação de Empresas* foi alterado pelo Dec. Lei nº16/2012, de 20 de abril, com assistência técnica do FMI visando garantir uma maior rapidez nos procedimentos judiciais e extrajudiciais, relativos à aprovação de planos de reestruturação. Nesse contexto foram introduzidos no sistema jurídico português o *SIREVE - Sistema de Recuperação de Empresas por Via Extrajudicial* e o *PER-Processo Especial de Revitalização*, este, com forte componente judicial.

O SIREVE foi introduzido no nosso ordenamento jurídico, através Dec. Lei nº178/2012, de 03 de agosto, em cumprimento das obrigações assumidas pelo Estado Português no Memorando de Entendimento, assinado com o BCE, UE e FMI, substituindo o *PEC-Processo Especial de Conciliação* que tinha encontrado suporte no Dec. Lei 316/98, de 20 de outubro, posteriormente reformulado pelo Dec. Lei 201/2004, de 18 de agosto.

O PEC e o SIREVE encontraram no IAPMEI a sua entidade mediadora. Pretendiam estes dois instrumentos ser mecanismos facilitadores da recuperação extrajudicial de empresas viáveis, sem recurso aos tribunais.

O “SIREVE deriva do *Programa Revitalizar*”<sup>35</sup> e foi aprovado pela RCM nº 11/2012, fomentando a otimização do enquadramento legal, tributário e financeiro, em que o tecido empresarial desenvolve a sua atividade em Portugal.

Visavam estas medidas fomentar projetos empresariais viáveis, em que a componente financeira está desajustada face ao modelo de negócio.

O “*Programa Revitalizar*”<sup>36</sup> incentivou mecanismos de revitalização de empresas viáveis, nos domínios da insolvência e da recuperação de empresas, criando dois sistemas, o SIREVE e o PER, que se assumiram como *temporalmente alternativos*.

Constituiriam segundo o legislador, mecanismos céleres que deveriam ser eficazes e possibilitar a revitalização de devedores que se encontrem em situação económica difícil

---

<sup>35</sup> Cfr. Resolução do Conselho de Ministros nº 11/2011, de 03 de Fevereiro.

<sup>36</sup> Cfr. Resolução do Conselho de Ministros nº 11/2011, de 03 de Fevereiro.

ou em situação de insolvência iminente, mas que ainda não tenham entrado em situação de insolvência atual, dando assim corpo à redação do Art. 17º D do CIRE.

O PEC num passado recente e o SIREVE instituído mais recentemente, são soluções e instrumentos de combate ao *desaparecimento* de agentes económicos, visto que cada agente que desaparece representa um custo apreciável para a economia, contribuindo para o empobrecimento do tecido económico português.

O desaparecimento de empresas gera desemprego e extingue oportunidades empresariais que, dificilmente se podem recuperar pelo surgimento de novas empresas.

## 1.2 A DISSERTAÇÃO

Deter-nos-emos neste trabalho essencialmente no SIREVE, cuja disciplina legal se encontra *lacunosa* e por esse facto tem sido alvo de críticas dos diferentes agentes envolvidos nesta problemática, especialmente, face aos seus efeitos na recuperação de *PME*. As inúmeras questões que têm sido suscitadas levaram-nos a organizar este estudo pela sequência que nos pareceu a mais adequada á sua compreensão, evidenciando as *lacunas* da norma legal e o seu afastamento dos interesses dos potenciais interessados na revitalização, por via da sua aplicação. Pretendemos estudar a recuperação extrajudicial de *PME* por via do SIREVE, como alternativa ao PER.

A via da recuperação extrajudicial após PEC, agora corporizada no SIREVE, deveria promover a obtenção de uma solução consensual entre a empresa em dificuldades financeiras e os seus credores.

A recuperação extrajudicial por via do SIREVE, ou a recuperação judicial por via do PER, tem como escopo recuperar economicamente a empresa, considerando também a sua função social, introduzindo o dever de negociar. Para MENEZES CORDEIRO “...o *dever de negociar traduz-se na obrigação de respeitar certos deveres acessórios, ditados pela boa-fé*”<sup>37</sup>.

Ambos os procedimentos pretendem ser alternativa à insolvência no âmbito de entidades empresariais, pelo que dedicaremos especial atenção à sua compreensão, com breve passagem pela história e pelos diferentes normativos legais que têm suportado a *insolvência-saneamento* e a *insolvência recuperação*.

---

<sup>37</sup> Cfr-CORDEIRO, António Menezes, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, pp 11 e ss

A escolha deste tema decorreu do fato de se tratar de um assunto atual, com timidos antecedentes focados no PEC, que, como já vimos têm ,fundamentalmente, em comum a intervenção do IAPMEI e o contato direto com a realidade, que nos levou a refletir e investigar sobre o tema que escolhemos para a nossa dissertação. A juventude e controvérsia a que o mesmo está sujeito, exigem o aprofundamento e a reflexão de profissionais da área, para que a sua aplicação prática se possa tornar proveitosa para o tecido económico.

A metodologia utilizada compreendeu revisão atualizada de levantamento bibliográfico e da legislação, por agora pouco abundante mas já muito controversa, e o contacto direto com o tema e com a realidade empresarial.

O trabalho que propomos, insere-se em contexto académico num *mestrado em Ciências Jurídico e Processuais, da Universidade Autónoma de Lisboa* e procurará de alguma forma contribuir para ajudar a explicitar a matéria em apreço, esperando ajudar a mitigar eventuais dúvidas decorrentes ou resultantes de casos concretos.

A elaboração deste trabalho tem como objetivo a análise dos mecanismos que podem ser utilizados na recuperação judicial de *PME*, desde que as mesmas estejam em dificuldades económicas e financeiras.

A Lei de recuperação extrajudicial que suporta o SIREVE<sup>38</sup>, e que dá azo a uma interpretação possível, de que Artº17.º-A do CIRE<sup>39</sup> pode acomodar os pressupostos legais da recuperação de devedores empresariais, torna (va) os dois instrumentos de revitalização, que neste trabalho compararemos, *como alternativos*, embora como veremos, em determinadas circunstâncias incompatíveis.

A evolução do *direito de falimentar* e o paradigma dos diferentes momentos que tem vivido entre a liquidação e a recuperação, levam-nos a procurar visitar alguns dos

---

<sup>38</sup> Cfr. Dec-Lei nº178/2012 de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de Fevereiro suporta o SIREVE.

<sup>39</sup> Cfr. ARTIGO 17.º-A do Dec Lei nº 16/2012, de 20 de Abril, “1. O processo especial de revitalização destina-se a permitir ao devedor que, comprovadamente, se encontre em situação económica difícil ou em situação de insolvência meramente iminente, masque ainda seja suscetível de recuperação, estabelecer negociações com os respetivos credores de modo a concluir com estes acordos conducente à sua revitalização; 2. O processo referido no número anterior pode ser utilizado por todo o devedor que, mediante declaração escrita e assinada, ateste que reúne as condições necessárias para a sua recuperação; e 3. O processo especial de revitalização tem carácter urgente.”

aspetos mais marcantes entre o seu aparecimento e o seu atual momento. Neste contexto deter-nos-emos, fundamentalmente, no SIREVE<sup>40</sup>.

O SIREVE e o PER têm como ponto central reparar e reestruturar a situação económica e financeira do devedor e, ao mesmo tempo, salvaguardar e preservar a entidade empresarial procurando defender o emprego dos seus trabalhadores, bem como os interesses dos credores em contexto de dificuldades empresariais.

Os “*princípios orientadores*”<sup>41</sup> que em capítulo próprio analisaremos, publicados em anexo à RCM n.º 43/2011, de 25 de outubro, constituem elementos de compromisso destinado a promover a eficácia dos procedimentos extrajudiciais de recuperação de devedores. Deveriam ser princípios negociais estruturantes capazes de produzir os efeitos esperados pelo legislador, contudo tiveram excessiva liberdade interpretativa, e nem sempre tem sido convenientemente observados na relação entre credores e devedores.

Procuraremos demonstrar as *lacunas* do SIREVE, e a sua crescente perda de importância no sistema da revitalização empresarial, especialmente porque agora os dois mecanismos legais (SIREVE e PER) que visavam à partida o mesmo objetivo e que começaram por ser *alternativos e temporalmente coincidentes*, se afastaram por força da entrada em vigor do Dec. Lei nº 26/2015, de 06 de fevereiro.

SIREVE e PER são agora instrumentos inevitavelmente complementares, correndo-se o risco de a recuperação extrajudicial de entidades empresariais, por via do SIREVE se ter aprisionado por *opção* do legislador.

Para a compreensão da *insolvência* versus *recuperação*, importa começar por perceber como estas duas tendências do *direito falimentar*, se desenvolveram ao longo dos tempos, pelo que a propósito faremos uma breve resenha histórica.

---

<sup>40</sup> Cfr. MARTINS, Alexandre Soveral p 505 e ss.”A Apresentação do requerimento de recuperação através do SIREVE suspendia o prazo de apresentação à insolvência previsto no nº1 do Artº18 do Dec.Lei nº 178/2012 de 03 de agosto. No entanto o Dec. Lei nº 26/2015 de 06 de fevereiro revogou o Artº5º.”

<sup>41</sup> Cfr. Resolução do Conselho de Ministros 43/2011 de 25 de outubro

## 2 A FALÊNCIA E A RECUPERAÇÃO NO DIREITO

### 2.1 ENQUADRAMENTO NA HISTÓRIA

O *direito falimentar* teve uma evolução notória ao longo dos tempos, verificáveis na sua própria história e na riqueza de comportamentos jurídicos que a acompanham. Começou por ser um *direito* que marcadamente penalizava os devedores retirando-lhe a liberdade, ou os bens, passando pela distinção entre mercadores devedores desonestos, e mercadores devedores honestos. Contudo sempre gravitou entre a *falência-liquidação* e a *falência-saneamento*, ora dando primazia a uma, ora a outra. A brevíssima resenha histórica que integrámos neste trabalho pretende mostrar a evolução do *direito falimentar* e se possível estimular o seu estudo pormenorizado, que por falta de enquadramento não faremos no contexto deste trabalho.

Como refere PEDRO PIDWEL, “...o *direito falimentar* evoluiu de acordo com as necessidades emergentes da actividade comercial, isto é, tal como nos dias de hoje, a lei procurou acompanhar e adaptar-se às situações novas que iam surgindo”<sup>42</sup>.

#### 2.1.1 LEI DAS DOZE TÁBUAS

O primeiro instituto penalizador do devedor inadimplente foi estabelecido pela *Lei das Doze Tábuas*. As obrigações do devedor eram satisfeitas com a sua liberdade e até mesmo com a sua vida.

Na terceira tábua, inscreveram-se direitos e deveres dos devedores.

A obrigação recaía sobre o indivíduo e não sobre seus bens. Como refere PEDRO PIDWEL, “...a *responsabilidade pessoal* conferia aos credores amplos poderes sobre a *pessoa do devedor*”<sup>43</sup>.

Era admitida a *addicere*, que consistia na adjudicação do devedor insolvente, cujo procedimento consistia em o credor deter a posse sobre a pessoa do devedor, sendo este aprisionado, permanecendo em um estado de servidão para com o credor. Poderia o

---

<sup>42</sup> Cfr. PIDWEL, Pedro, -O Processo de insolvência e a Recuperação da Sociedade Comercial de Responsabilidade limitada, Coimbra Editora, 2011, p 25 a 31 e ss.”

<sup>43</sup> Cfr. PIDWEL, Pedro, -O Processo de insolvência e a Recuperação da Sociedade Comercial de Responsabilidade limitada, Coimbra Editora, 2011, p 25 a 31 e ss.”

devedor ser morto ou vendido como escravo no estrangeiro (*trans tiberim*, ou seja, além do Tibre).

### 2.1.2 O DIREITO ROMANO

Foram os jurisconsultos romanos que delimitaram o instituto jurídico da falência.

A crueldade dos castigos corporais que podiam ser infligidos aos devedores, a que acrescia o perigo de fuga frequentemente bem-sucedida, fizeram alterar o paradigma, surgindo os pactos fiduciários através dos quais era feita a transmissão da propriedade do bem dado como garantia, na condição da sua devolução ao devedor após o cumprimento da obrigação.

Uma das grandes inovações consistia no facto de “... o procedimento poder ser de iniciativa do falido ou imposto pelos credores”, como refere PEDRO PIDWEL<sup>44</sup>.

### 2.1.3 A IDADE MÉDIA

A Idade Média trouxe ao direito das falências alterações de vulto, que foram traduzidas no aperfeiçoamento do instituto da falência.

Apesar da ambivalência que caracteriza o direito das falências nas cidades mercantis Italianas, o regime transmitiu-se às restantes cidades da Europa, originando um corpo legal que evoluiu no sentido de todas as providências atentatórias da dignidade pessoal do falido, serem paulatinamente substituídas por outras de carácter patrimonial.

### 2.1.4 AS ORDENAÇÕES

#### *a) Afonsinas*

Em 1521, as Ordenações Afonsinas consideradas o primeiro código impresso europeu, foram substituídas pelas Ordenações Manuelinas elaboradas pelo Rei D. Manoel. As Ordenações (Manuelinas) previam que ocorrendo a falência, o devedor seria preso até pagar o que devia aos credores. Por influência do Direito Italiano, poderia o devedor ceder seus bens aos credores evitando a prisão.

---

<sup>44</sup>, Cfr. PIDWEL, Pedro O Processo de insolvência e a Recuperação da Sociedade Comercial de Responsabilidade Limitada, Coimbra editora, 2011, p 27 e ss

## **b) Filipinas**

No ano de 1603, surgiram as Ordenações Filipinas aplicadas em Portugal pelo facto de o país estar submetido ao Reino de Castela. Tiveram grande influência devido ao florescimento e despertar das atividades mercantis.

É nelas que se encontram regras mais claras acerca da falência, distinguindo-se aí a falência dolosa, culposa e a falência sem culpa. (Livro V)

As referidas Ordenações disciplinavam o concurso de credores, surgindo a prioridade do credor que tomasse a iniciativa da execução. No caso de o devedor não possuir bens, estava prevista a sua prisão (Livro V, Título LXVI).

As Ordenações Filipinas consagravam a *quebra* dos comerciantes, distinguindo mercadores devedores desonestos dos mercadores devedores honestos, equiparando os desonestos a ladrões públicos, inabilitando-os para o comércio e impondo-lhes penas, que variavam do degredo à pena de morte.

Os mercadores devedores honestos não eram punidos.

### **2.1.5 O ALVARÁ DE 1756**

Após este período surgiu o Alvará de 13 de novembro de 1756, promulgado pelo Marquês de Pombal que é considerado como marco decisivo no direito falimentar, pois introduziu um autêntico processo de falência mercantil em juízo comercial, sendo exclusivo ao comerciante, mercadores ou homens do negócio.

### **2.1.6 O CÓDIGO NAPOLEÓNICO**

A situação de *quebra* que se desenvolveu em Itália influenciou de forma decisiva as Praças Comerciais Europeias de que resultou em 1673, a unificação da legislação comercial em França com o Código Napoleónico.

Como refere PEDRO PIDWEL, “...o Código Napoleónico fez o seu caminho, influenciando, como já foi dito, de forma decisiva e as diversas codificações estrangeiras que se lhe seguiram, podendo afirmar-se que o direito falimentar moderno do mundo ocidental encontra ali os seus alicerces”<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup> Cfr. PIDWEL, Pedro, O Processo de insolvência e a Recuperação da Sociedade Comercial de Responsabilidade Limitada, Coimbra editora, 2011, pp. 37.

Com o advento do Código Comercial francês de 1807, a falência adquire um caráter económico-social, passando o legislador a fazer distinção entre devedores honestos e devedores desonestos. Não obstante a falência fica restrita aos comerciantes, sem prejuízo da tradição diversa de outros países.

#### **2.1.7 A MODERNA LEGISLAÇÃO SOBRE INSOLVÊNCIAS.**

A moderna legislação sobre insolvências de *negócios* começou na Holanda com a falência da *Companhia das Índias*, que detinha o monopólio do comércio com a região então conhecida como Indochina. Desse modo a insolvência na Holanda, consolidou-se como uma das leis mais antigas sobre insolvência, com princípios ainda em vigor, embora com os ajustamentos impostos pelo tempo e pela evolução do direito. Constitui um procedimento consolidado ao longo de 200 anos, com uma filosofia anglo-saxónica que ainda é raiz do atual PER.

#### **2.1.8 A INFLUÊNCIA DO REINO UNIDO E DA LEGISLAÇÃO ALEMÃ NO DIREITO FALIMENTAR**

No Reino Unido, emergiu um formato diferente de resolver as insolvências. O *receivership*, uma espécie de administrador judicial que aparece com amplos poderes para continuar a gerir a empresa, negócio ou propriedades de quem não consegue pagar as suas responsabilidades financeiras. A insolvência no Reino Unido era um processo sem retorno, onde os empresários insolventes perdiam definitivamente o poder sobre a empresa ou negócio.

Na legislação Alemã, a insolvência está na linha da frente do pensamento económico das economias modernas de mercado assente no crédito abundante. Caracteriza-se por ser muito formalista em linha com a sua origem românica.

#### **2.1.9 A EVOLUÇÃO DA LEGISLAÇÃO DA INSOLVÊNCIA EM PORTUGAL, A PARTIR DO SÉCULO XIX**

A partir do sec. XIX o *direito falimentar português*, tem uma relação direta com o Código Ferreira Borges que entrou em vigor em 1834, fruto da grande renovação legislativa decorrente da revolução liberal. Como refere PEDRO PIDWEL “...a falência

*resultava da cessação dos pagamentos, mas poderia ser requerida antes, se fosse manifesta a insuficiência do ativo”<sup>46</sup>.*

Em Portugal, a primeira legislação sobre a então falência aparece em 1888 em plena Monarquia Parlamentar, contida no *CCom-Código Comercial*.

Pela sua importância e o súbito impacto na sociedade, logo em 1889 o legislador sentiu a necessidade de criar um código autónomo, já com características de lei especial, que se sobrepunha ao *CCom*.

No entanto no final da Monarquia Parlamentar, o *CCom* é consolidado com a criação de um Código de Processo Comercial<sup>47</sup>, onde as falências voltaram a ser incorporadas. Esta fórmula sobreviveu à Primeira República sem alterações de monta. Apenas Oliveira Salazar voltou a alterar o código das falências, incorporando-o desta vez no *CC-Código Civil*, contra a opinião corrente dos juristas de então.

A entrada de Portugal na CEE trouxe um elevado número insolvências, pelo que em 1993 o legislador apresentou o *CPEREF-Código dos Processos Especiais de Recuperação da Empresa e da Falência*, como código autónomo dedicado exclusivamente à insolvência. O CPEREF dava então primazia à recuperação das empresas, para adaptação à nova concorrência Europeia.

#### **2.1.10 O REGULAMENTO (CE) N.º 1346/2000 DE 29/MAIO**

Em 31 de maio de 2002, entrou em vigor na UE o regulamento (CE) n.º 1346/2000 relativo aos processos de insolvência, que obrigou os Estados membros a atualizar as suas legislações. Surgiu assim o Dec. Lei n.º 53/2004, de 18 de março, que contem o CIRE com muitos aspetos modernos e característicos de economias avançadas, onde o crédito e o default não são tabu.

O CIRE tem vindo a sofrer alterações sucessivas, sendo a mais recente resultante do Dec. Lei n.º 16/2012, de 20 de abril, que consubstancia o PER e que conjuntamente com o SIREVE, serão estudados ao longo deste trabalho.

---

<sup>46</sup>Cfr. PIDWEL, Pedro O Processo de insolvência e a Recuperação da Sociedade Comercial de Responsabilidade limitada, Coimbra editora, 2011, pág 43 e 47

<sup>47</sup>Cfr. BEIRÃO, Veiga.que “reformou o Código Comercial”.

## 2.2 ENQUADRAMENTO ATUAL

### 2.2.1 FALÊNCIA OU INSOLVÊNCIA

É relativamente frequente fora do contexto profissional confundir-se a *insolvência* com a *falência*, contudo estas designações têm significados económicos e jurídicos distintos.

A *falência* é o estado em que o devedor é responsável por mais dívidas do que os bens que possui para as solver, contudo o devedor pode não estar insolvente, bastando para tanto que consiga cumprir as suas obrigações por via direta ou indireta.

Uma entidade *falida* não está automaticamente insolvente, pelo que faz sentido analisar, em alternativa, a recuperação de devedores. O devedor pode estar, apenas, em situação económica difícil, como preceitua o Artº17.º-B do CIRE, aditado pelo Dec. Lei nº 16/2012, de 20 de Abril.

CATARINA SERRA “...optou pela conservação da denominação clássica processo de falência”<sup>48</sup> em detrimento da mais recente-processo de insolvência. O que demonstra a propósito do tema, a diversidade de pensamento a que *Direito da Insolvência* nos tem habituado.

O *direito falimentar* representa um recanto da ordem jurídica. A sua inegável relevância prática, particularmente em épocas de crise, e a transformação acelerada do tecido produtivo, dá-lhe uma importância dogmática e crítica a que não é alheia a sua diversidade e criatividade.

A *falência* é um processo de execução universal conforme preceitua o Art.º1 do CIRE, muito embora se lhe reconheçam como funções essenciais, entre outras, a de preservar créditos perante devedores insolventes ou apenas em situação difícil.

Nos seus diferentes conteúdos ao longo dos tempos, a legislação, como já vimos, ora tem dado primazia à *falência-liquidação*, ora à *falência saneamento*. A falência/

---

<sup>48</sup> Cfr. SERRA, Catarina. A Falência no Quadro da Tutela Jurisdicional dos Direitos de Crédito. O Problema da Natureza do Processo de Liquidação Aplicável à Insolvência no Direito Português. Coimbra: Coimbra, 2009. P. 10-11. “... optou pela conservação da denominação clássica processo de falência, em detrimento da mais recente processo de insolvência.” “Compreende-se a intenção com que o legislador do Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas adoptou a última”.

Insolvência deixou de significar, como regra, fraude ou má-fé, muito embora em determinados casos concretos, possam existir exceções.

No direito, a *insolvência* constitui um laboratório jurídico, onde o direito civil se mistura com o direito comercial, dando cada vez mais relevância aos direitos tributário, laboral e penal. Nele se testam implicações recíprocas, sob o olhar atento da vida económica.

Nada impede que a *falência* seja resultado do insucesso das atividades comerciais, por motivos que podem até ser alheios à vontade dos administradores/gerentes e empresários, como as que derivam de repentinas crises económicas, ou de mudanças abruptas das políticas económicas.

A *falência/insolvência* é um modo regular de dissolução, liquidação e extinção das sociedades como preceitua a alínea e) do nº1 do artº 142 do *CSC- Código das Sociedades Comerciais*.

É inquestionável que para a falência/ insolvência muito contribui o crédito, que pode ser comparado ao oxigénio para dar vida a qualquer sistema económico, onde os mecanismos de circulação das riquezas encontram um dos seus elementos essenciais.

Para MENEZES LEITÃO “...*insolvência significa o inverso da solvência*”<sup>49</sup>, já OLIVEIRA ASCENSÃO “*não vislumbra vantagem na mudança*”<sup>50</sup>. Mas para MENEZES CORDEIRO, “*insolvência “apresenta perante a falência, duas vantagens: - semanticamente é mais neutra do que a tradicional “falência” e conceitualmente abrange a dimensão da liquidação universal.*”<sup>51</sup>

---

<sup>49</sup>Cfr. LEITÃO, António Menezes, “etimologicamente insolvência significa o inverso da solvência, tendo esta ultima expressão origem no verbo latino *solvere* que significa desatar, livrar, pagar, resolver. Diferente era a origem do anterior termo *falência*, também do latim, que tinha a sua origem na raiz *fall*, comum ao verbo *fallere*, ao adjetivo *fallax* e aos substantivo *fallacia*, significando fingir, induzir em erro, ou falsidade nas promessas, o qual era utilizado para exprimir a violação da confiança de que gozava o comerciante perante os seus credores, ao não cumprir os seus compromissos (*fidem fallente*). Já o equivalente termo inglês *bankruptcy* tem origem na expressão *banca rupta*, que designava um costume medieval das cidades italianas, onde se costuma quebrar fisicamente as bancas dos banqueiros e mercadores que fugiam com os bens dos seus credores”.

<sup>50</sup> Cfr. ASCENSÃO, Oliveira. *Insolvência: efeitos sobre os negócios em curso*. Direito e Justiça. Revista da Faculdade de Direito da Universidade católica Portuguesa. Lisboa. Uceditora, 2005. P. 235, v. XIX, t. II, “não vislumbra vantagem na mudança”.

<sup>51</sup> Cfr. CORDEIRO, Menezes, entende que a designação *insolvência* “apresenta perante a falência, duas vantagens: semanticamente, ela surge valorativamente mais neutra do que a tradicional *falência*”.

## 2.2.2 A RECUPERAÇÃO DA EMPRESA EM DIFICULDADES

É hoje reconhecido, que qualquer lei da insolvência deve ter como uma das suas finalidades principais, a recuperação e a preservação da empresa<sup>52</sup>. Em Inglaterra, país conhecido pelas suas tendências pró-credor (*creditor-friendly*), admite-se desde o Relatório Cork (*Report of the Review Committee on Insolvency Law and Practice*) (1982), que uma lei da insolvência boa e moderna deve disponibilizar os meios adequados para a preservação das empresas que sejam viáveis

Para CATARINA SERRA<sup>53</sup>, “*As novidades nas últimas décadas, tanto ao nível interno dos países como ao nível internacional, são, de facto, ilustrativas do crescimento daquilo que nos países anglo-americanos se chama “rescue culture” (“cultura de resgate”) ou, quando estão envolvidas empresas, “corporate rescue” (“recuperação ou revitalização de empresas”*

Segundo o Art.º17.º-B do CIRE, aditado pela Lei nº 16/2012, de 20 de Abril, “...*encontra-se em situação económica difícil o devedor que enfrentar dificuldade séria para cumprir pontualmente as suas obrigações, designadamente por ter falta de liquidez ou por não conseguir obter crédito*”.

A doutrina portuguesa configura, no seu contexto normativo, a *insolvência* como um processo em que os interesses envolvidos nas realidades empresariais emergem de uma forma determinante na tentativa de recuperação da empresa com dificuldades financeiras, mas com viabilidade económica. A falência/insolvência é efetivamente a “*última ratio*”<sup>54</sup>. Para a jurisprudência portuguesa, o processo falimentar é um processo em que os interesses envolvidos nas realidades empresariais emergem de uma forma determinante. A tentativa de recuperação da empresa com dificuldades financeiras mas com viabilidade económica é fulcral, sendo a falência a *última ratio* na intenção de garantir que nenhuma empresa económica viável, venha a descurar a oportunidade de se salvar com o contributo dos credores. Entre os avanços e recuos da liquidação e da

---

<sup>52</sup> Em Inglaterra, país conhecido pelas suas tendências pró-credor (*creditor-friendly*), desde o Relatório Cork (*Report of the Review Committee on Insolvency Law and Practice*) (1982) entende-se que uma lei da insolvência, boa e moderna, deve disponibilizar os meios adequados para a preservação das empresas que sejam viáveis

<sup>53</sup> Cfr. SERRA, Catarina, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, pp 11 ss

<sup>54</sup> Para a jurisprudência portuguesa o processo falimentar “no seu sentido axiológico e no seu normativo global, é um processo em que os interesses envolvidos na realidade empresariais emergem, duma forma determinante, e em que a vertente fulcral é colocada na tentativa de recuperação da empresa com dificuldades financeiras mas com viabilidade económica, sendo a falência, efetivamente a última ratio fulcrado “ na intenção expressa de garantir que nenhuma empresa económica viável venha a descurar a oportunidade, com o contributo dos credores, de se salvar da falência”.

recuperação apareceu o CIRE, que para alguns é um elemento determinante da primazia da *falência-liquidação*.

A Lei n.º 16/2012, de 20 de abril, procedeu à sexta alteração do CIRE, com a intenção de simplificar formalidades e procedimentos, instituindo o PER. O SIREVE apareceu suportado pelo Dec. Lei 178/2012, de 03 de agosto, agora atualizado pela Lei 26/2015 de 6 fevereiro, como expoente da *recuperação extrajudicial* de entidades empresariais. Na redação destas normas, o legislador introduziu a possibilidade do devedor em situação económica difícil, ou em situação de insolvência meramente iminente, poder antes de se apresentar à insolvência, requerer ao tribunal a instauração de um destes procedimentos, visando a sua recuperação.

### 3 O CPEREF E O CIRE

#### 3.1 COMPARAÇÃO E DISTINÇÃO

Como institutos da recuperação de empresas, faz sentido analisar o CPEREF e o CIRE, porque os pressupostos que podem estar na origem de uma decisão de insolvência, ou de recuperação, assentam *mutattis mutandis* nos mesmos princípios de direito.

Sem pretender tornar este capítulo demasiado pormenorizado na explicação, e comparação distintiva entre o CPEREF e o CIRE, caindo assim no detalhe dos dois mais recentes códigos da insolvência portuguesa, interessa fundamentalmente perceber o percurso que um devedor em dificuldades pode seguir, por sua iniciativa ou se a isso for compelido.

Se atendermos a estes dois aspetos, concluiremos que o caminho inicial destes procedimentos é semelhante, com as devidas adaptações. Para a *recuperação extrajudicial*, não podíamos deixar de considerar relevante neste contexto, enquadrar aspetos determinantes do percurso do processo de *insolvência*.

A compreensão dos efeitos da *insolvência* introduzirá necessariamente, no decurso do nosso trabalho, algumas comparações e reflexões. Como escreveu PEDRO PIDWEL, “...com a entrada em vigor do CIRE, terminou o império do CPEREF<sup>55</sup>”.

##### 3.1.1 DUAS ÉPOCAS DISTINTAS DA INSOLVÊNCIA E DA RECUPERAÇÃO DE EMPRESAS

Nas palavras de CATARINA SERRA, “... com o Código dos Processos Especiais de Recuperação da Empresa e de Falência, aprovado em 1993 e revisto em 1998, o regime passa a compor-se de dois processos especiais (o processo de falência e o processo de recuperação de empresas e consagra-se, pela primeira vez, a prioridade da recuperação sobre a falência”<sup>56</sup>.

---

<sup>55</sup> Cfr. PIDWEL, Pedro. O Processo de insolvência e a Recuperação da Sociedade Comercial de Responsabilidade limitada, Coimbra Editora, 2011, p 43 e 47 e ss. “com a entrada em vigor do CIRE, terminou o império do CPEREF, que vigorou no nosso ordenamento jurídico durante dezassete anos, período de tempo em que foi levado a cabo, quer pela doutrina, quer pela jurisprudência”.

<sup>56</sup> Cfr. SERRA, Catarina. II Congresso de Direito da Insolvência-Almedina, 2014, pp 11 e ss.

*Para CATARINA SERRA, “Com o Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas, aprovado pelo DL n° 53/2004, de 18 de Março, o processo de recuperação foi, como se disse, eliminado.*

*Por influência da lei alemã (a Insolvenzordnung, de 5 de Outubro de 1994), o processo (agora único) de insolvência configura-se como um processo de execução universal vocacionado para a liquidação do património do devedor com vista à satisfação dos credores. A recuperação ficou reduzida a uma finalidade possível do processo de insolvência, em alternativa à liquidação”<sup>57</sup>.*

O CPEREF falava apenas de falências, pois o crédito bancário ainda não estava tão difundido como hoje.

No âmbito do seu enquadramento legal, toda a empresa em situação económica difícil ou em situação de insolvência, podia e devia ser objeto de uma ou mais medidas de recuperação, ou ser declarada em situação de falência.

Para CATARINA SERRA “...a recuperabilidade das empresas assentava, em suma, na sua viabilidade económica e na susceptibilidade da sua recuperação financeira (cf. Art. 1º, nº2, do CPEREF). E o juiz era o guardião último do preenchimento destas condições, competindo-lhe sindicar, em certos termos, a oportunidade da decisão de recuperação (cfr. art. 23º, nºs 1 e 2, e art. 25º, nº 3 e 4, do CPEREF)<sup>58</sup>.

CATARINA SERRA refere ainda que “...no Código da Insolvência e Recuperação de Empresas, houve uma alteração do paradigma legal. A decisão de recuperação passou a caber integralmente aos credores e o juiz deixou de ter quaisquer poderes nesta matéria, nomeadamente quanto à oportunidade e à adequação do plano”<sup>59</sup>. O CIRE teve como opção legislativa modificar radicalmente o regime do CPEREF, com todas as consequências que daí advieram, designadamente a perda de todo o acervo que tinha sido construído durante a vigência deste último.

Com a entrada em vigor do CIRE, o legislador voltou a privilegiar a liquidação e a satisfação dos credores. Como referiu PEDRO PIDWEL “ O CIRE representou um retrocesso visível, no sentido da insolvência-liquidação em detrimento da falência-

---

<sup>57</sup> Cfr. SERRA, Catarina. II Congresso de Direito da Insolvência-Almedina, 2014, pp 11 e ss.

<sup>58</sup> Cfr. SERRA, Catarina, “A falência no quadro da tutela jurisdicional dos direitos de crédito – a natureza jurídica do processo de liquidação aplicável à insolvência no direito português, cit., pp. 202 e ss.”

<sup>59</sup> Cfr. SERRA, Catarina, O regime português da insolvência, 5ª edição, Coimbra, Almedina, pp. 22 e ss

Nos termos do art. 1º, nº2, do CPEREF, “ deve (ia) ser decretada a falência da empresa insolvente quando ela se mostr (asse) economicamente inviável ou se não consider (asse) possível, em face das circunstâncias, a sua recuperação financeira”.

saneamento, teve diferentes consequências, nomeadamente na perda de um acervo jurisprudencial relevante”<sup>60</sup>.

O Art.º 1º do CIRE refere que “*O processo de insolvência é um processo de execução universal tem como finalidade a satisfação dos credores pela forma prevista num plano de insolvência, baseado, nomeadamente, na recuperação da empresa compreendida na massa insolvente, ou, quando tal não for possível, na liquidação do património do devedor insolvente e (n) a repartição do produto obtido pelos credores*”. Em aparente consonância, o Art. 192º do CIRE, passou a conter um nº 3. Nele se determina que “*O plano de insolvência que se destine a prover à recuperação do devedor designa-se plano de recuperação, devendo tal menção constar de todos os documentos e publicações respeitantes ao mesmo*”. Contudo o CIRE sempre previu, o instituto do Plano de Insolvência que, podia e ainda pode ter no atual quadro legal uma de várias finalidades, entre elas; *liquidação da massa insolvente*, a transmissão da empresa a entidade distinta do devedor insolvente ou a recuperação da empresa contida na massa insolvente.

A última alteração à legislação portuguesa da insolvência, pretendeu atender aos principais aspetos relevantes da *insolvência e recuperação*.

Com a entrada na UE, a legislação comercial teve de ser atualizada em função dos vários e diferentes objetivos e diretivas.

O processo de falência foi evoluindo ao longo do tempo, com a tomada de consciência de que se deve acrescentar aos interesses dos credores e do falido e também dos interesses públicos, começando aqui a surgir objetivos de recuperação das empresas, sempre que tal seja possível.

### 3.1.2 O CIRE

O CIRE inovou face ao CPEREF<sup>61</sup>. Todo o processo de insolvência sofreu uma grande simplificação: (1) *desapareceu o dualismo recuperação/falência, substituído por um processo único: o da insolvência*; (2) *todo o processo e os seus apensos têm carácter*

---

<sup>60</sup> Cfr. PIDWEL, Pedro, O Processo de insolvência e a Recuperação da Sociedade Comercial de Responsabilidade limitada, Coimbra editora, 2011, pág 19, “O plano de insolvência deve ser homologado pelo juiz (cfr. art. 214º do CIRE), devendo este, quando actue oficiosamente, limitar-se ao controlo da legalidade, designadamente recusando a homologação do plano de insolvência com base na violação não negligenciável das regras procedimentais ou das normas aplicáveis ao seu conteúdo (cfr. art. 215º do CIRE).”

<sup>61</sup> A propósito deste assunto recomenda-se a leitura de autores como LEITÃO, António Menezes- *Direito da insolvência*, 4º ed. (2012), 382 pp. e SERRA, Catarina- *O novo regime português da insolvência/ Uma introdução*, 2004 e 4ª ed. (2010), 176 pp., bem como a 5ª ed. (2012), 209 pp.. Desta Autora vide ainda a monografia *A falência no quadro da tutela jurisdicional dos direitos de crédito* (2009), 530 pp.

*de urgência, preferindo aos restantes; (3) é evitada a duplicação do chamamento dos credores ao processo; (4) os registos são urgentes; (5) o processo não pode ser suspenso; (6) as notificações são mais expeditas; (7) há apenas um grau de recurso.* É evidente que a celeridade processual exige uma cultura de ligeireza por parte dos operadores judiciais. Mas torna-se necessário um esforço judicial, no sentido de ultrapassar a escassez regulativa através de novas rotinas que permitam prosseguir os fins da insolvência, sem cair na tentação excessiva de liquidação de entidades empresariais, ainda que estejam em dificuldades, especialmente, se estas dificuldades forem ultrapassáveis.

Do atual CIRE, destaca-se a primazia da *satisfação dos credores*<sup>62</sup>; a autonomia privada dos credores e a simplificação do processo. Logo, faz sentido referenciar neste espaço alguns aspetos relevantes que ajudem à compreensão da recuperação de empresas, observando que, qualquer lei da insolvência deve ter como finalidade principal a recuperação.

## **3.2 ASPECTOS RELEVANTES DO CIRE**

### **3.2.1 FACTOS QUE LEGITIMAM O PEDIDO DE INSOLVÊNCIA/ RECUPERAÇÃO**

Para além dos pressupostos do requerimento de insolvência, consagraram-se expressamente no Art.º 20.º do CIRE, diferentes factos que legitimam o pedido de declaração de insolvência, entre eles;

- *A “Suspensão generalizada do pagamento de obrigações vencidas”*
- *E o “Incumprimento generalizado, nos últimos seis meses, de dívidas tributárias, contribuições e quotizações para a segurança social, dívidas emergentes do contrato de trabalho ou da violação ou cessação deste contrato”*

Para que exista uma situação de insolvência terá de ocorrer impossibilidade de o devedor cumprir as obrigações vencidas.

Qualquer credor pode requerer a declaração de insolvência do devedor, podendo os credores públicos ter um papel ativo na instauração do processo.

---

<sup>62</sup> **Cfr.** Referimos ainda a propósito desta temática como bibliografia geral, além dos Códigos anotados, VASCONCELOS, Luís Miguel Pestana FERNANDES, Luís A. Carvalho / LABAREDA, João-Coletânea de estudos sobre a insolvência e EPIFÂNIO, Maria do Rosário, Manual de Direito da insolvência.

Estes pressupostos validam a decisão do empresário para se apresentar a um processo de *insolvência*, ou a um procedimento de *recuperação*.

### 3.2.2 O MINISTÉRIO PÚBLICO

Nos termos do n.º 1.º do Art.º 20.º do CIRE, o “*Ministério Público pode requerer a declaração de insolvência de qualquer devedor representação das entidades cujos interesses lhe estão legalmente confiados*” se se verificarem os pressupostos para tal, ordenando a citação do devedor, que disporá de 10 dias seguidos para apresentar oposição.

O núcleo central da reforma CPEREF/CIRE consiste na supremacia dada à vontade dos credores. A eles cabe a decisão sobre a forma mais adequada de serem ressarcidos dos seus créditos, competindo-lhe determinar se a liquidação do património do devedor será a melhor forma de ver os seus direitos protegidos, ou se esse objetivo será melhor alcançado através da manutenção do devedor em atividade.

### 3.2.3 O DEVER DE APRESENTAÇÃO

O Art.º 18.º do CIRE<sup>63</sup> penaliza agora, mais gravemente o devedor que não se apresente à insolvência em tempo útil. Consagrou-se uma presunção de culpa grave para efeitos de qualificação da insolvência como culposa, em relação aos administradores ou gerentes que de facto ou de direito, sejam responsáveis pelo incumprimento do dever de apresentação à insolvência.

Na anterior redação do Art.º 18 do CIRE, o devedor dispunha de 60 dias após conhecimento da situação, para se apresentar a uma medida (insolvência ou recuperação), dispondo agora, apenas de 30 dias a seguir ao conhecimento da situação de insolvência ou de iminente insolvência, para se apresentar a a uma medida de recuperação ou á insolvência.

---

<sup>63</sup> Cfr. ARTIGO 18.º do Dec. Lei nº 53/2004 de 18 de Março, atualizado pela Lei nº 16/2012, de 20 de Abril, “- O devedor deve requerer a declaração da sua insolvência dentro dos 30 dias seguintes à data do conhecimento da situação de insolvência, tal como descrita no n.º 1 do artigo 3.º, ou à data em que devesse conhecê-la”.

### 3.2.4 A SENTENÇA

A sentença que declare a insolvência do devedor encontra norma de suporte no Art.º 36.º do CIRE<sup>64</sup>, nela o juiz, entre outras medidas, nomeia o administrador de insolvência designando o prazo para reclamação de créditos e ainda dia hora para uma assembleia de credores. Essa assembleia terá como principal objetivo apreciar o relatório elaborado pelo *AI-administrador de insolvência*.

Proferida a sentença de insolvência, são citados o devedor, os administradores ou gerentes da sociedade devedora a quem tenha sido fixada residência, sendo ainda notificados os cinco maiores credores conhecidos da massa insolvente, a quem é facultada cópia da petição inicial que deu origem ao processo que decretou a insolvência. Após a sentença que declare a insolvência do devedor, e não existindo dela recurso, nem o PER nem o SIREVE são mecanismos que permitam a recuperação do devedor, ficando o caminho apenas aberto para um *plano de insolvência*.

---

<sup>64</sup> Cfr. ARTIGO 36º do Dec. Lei nº 53/2004 de 18 de Março, alterado pela Lei 16/12, de 20 Abril dispõe que “Na sentença que declarar a insolvência, o juiz: a) Indica a data e a hora da respectiva prolação, considerando-se que ela teve lugar ao meio dia na falta de outra indicação; b) Identifica o devedor insolvente, com indicação da sua sede ou residência c) Identifica e fixa residência aos administradores, de direito e de facto, do devedor, bem como ao próprio devedor, se este for pessoa singular; d) Nomeia o administrador da insolvência, com indicação do seu domicílio profissional; e) Determina que a administração da massa insolvente será assegurada pelo devedor, quando se verificarem os pressupostos exigidos pelo n.º 2 do artigo 224.º; f) Determina que o devedor entregue imediatamente ao administrador da insolvência os documentos referidos no n.º 1 do artigo 24.º que ainda não constem dos autos; g) Decreta a apreensão, para imediata entrega ao administrador da insolvência, dos elementos da contabilidade do devedor e de todos os seus bens, ainda que arrestados, penhorados ou por qualquer forma apreendidos ou detidos e sem prejuízo do disposto no n.º 1 do artigo 150.º; h) Ordena a entrega ao Ministério Público, para os devidos efeitos, dos elementos que iniciem a prática de infracção penal; i) Caso disponha de elementos que justifiquem a abertura do incidente de qualificação da insolvência, declara aberto o incidente de qualificação, com carácter pleno ou limitado, sem prejuízo do disposto no artigo 187.º; j) Designa prazo, até 30 dias, para a reclamação de créditos; l) Adverte os credores de que devem comunicar prontamente ao administrador da insolvência as garantias reais de que beneficiem m) Adverte os devedores do insolvente de que as prestações a que estejam obrigados deverão ser feitas ao administrador da insolvência e não ao próprio insolvente; n) Designa dia e hora, entre os 45 e os 60 dias subsequentes, para a realização da reunião da assembleia de credores aludida no artigo 156.º, designada por assembleia de apreciação do relatório, ou declara, fundamentadamente, prescindir da realização da mencionada assembleia. 2 - O disposto na parte final da alínea n) do número anterior não se aplica nos “casos em que for requerida a exoneração do passivo restante pelo devedor no momento da apresentação à 15 Alterado pela Lei 16/12, de 20 Abril. Redação anterior: Artigo 36.º [...] — Na sentença que declarar a insolvência, o juiz: (...) c) Fixa residência aos administradores do devedor, bem como ao próprio devedor, se este for pessoa singular; (...) i) Declara aberto o incidente de qualificação de insolvência, com carácter pleno ou limitado, sem prejuízo do disposto no artigo 187.º; (...) n) Designa dia e hora, entre os 45 e os 75 dias subsequentes, para a realização da reunião da assembleia de credores aludida no artigo 156.º, neste Código designada por assembleia de apreciação do relatório insolvência, em” “que for previsível a apresentação de um plano de insolvência ou em que se determine que a administração da insolvência seja efetuada pelo devedor. 3 - Nos casos em que não é designado dia para realização da assembleia de apreciação do relatório nos termos da alínea n) do n.º 1, e qualquer interessado, no prazo para apresentação das reclamações de créditos, requeira ao tribunal a sua convocação, o juiz designa dia e hora, entre os 45 e os 60 dias subsequentes à sentença que declarar a insolvência, para a sua realização. 4 - Nos casos em que não é designado dia para realização da assembleia de apreciação do relatório nos termos da alínea n) do n.º 1, os prazos previstos neste Código, contados por referência à data da sua realização, contam-se com referência ao 45.º dia subsequente à data de prolação da sentença de declaração da insolvência. 5 - O juiz que tenha decidido não realizar a assembleia de apreciação do relatório deve, logo na sentença, adequar a marcha processual a tal factualidade, tendo em conta o caso concreto.”

### 3.2.5 O ADMINISTRADOR DE INSOLVÊNCIA

A figura do gestor judicial foi extinta com a chegada do CIRE, passando a existir a figura do administrador da insolvência / administrador judicial, que neste trabalho vamos designar por AJ ou AJP, quando se tratar de um *administrador judicial provisório*. A primeira nomeação deste profissional no processo confere-lhe apenas numa primeira fase, o estatuto de AJP. O AJP é nomeado nos termos do Art.º 52.º do CIRE. Pode este administrador judicial, posteriormente, ser substituído pelos credores nos termos do Art.º 53.º do mesmo diploma legal, que tem assim a possibilidade de nomear outro administrador para prosseguir o processo. O CIRE para por cobro a situações anómalas vividas durante a vigência do CPEREF, estabelece a responsabilidade do AJP/ AI perante o devedor, e bem assim perante os credores da massa insolvente, pelos danos causados ou pela inobservância culposa dos seus deveres.

Esta figura de ligação entre o devedor e o tribunal, durante um processo de recuperação tutelado pelo PER, tem especial relação com as práticas do CIRE, contudo no PER, o AJP/AJ deve ter um perfil marcadamente de gestor, afastando-se tanto quanto possível do conceito de liquidação, que reveste especial proximidade com o processo de insolvência/ liquidação. Neste aspeto o SIREVE não tem qualquer figura similar, o que veio a condicionar o seu êxito, muito embora a plataforma do IAPMEI timidamente force a nomeação de um interlocutor, figura que nunca foi regulamentada.

### 3.2.6 A COMISSÃO E A ASSEMBLEIA DE CREDITORES

Os Art.º (s) 66.º, 67.º, 68.º e 69.º do CIRE, regulam a comissão de credores que passou a ser facultativa, dependendo a sua existência e composição de decisão da assembleia de credores.

A assembleia de credores pode prescindir da comissão nomeada pelo juiz. Podendo também nomear uma comissão caso o tribunal não o tenha feito. Pode também alterar a sua composição.

O Art.º70.º do CIRE, veio determinar que os membros da Comissão de Credores respondem também perante os credores, pelos prejuízos que resultem da inobservância culposa dos seus deveres.

Os credores podem constituir a referida comissão, caso o juiz não o faça. Podem também prescindir da comissão de credores, nomeada pelo juiz, ou substituir os seus membros, elegendo nova composição e designando o presidente, como preceitua o nº1 do Art.º67.º do CIRE.

Este instituto não encontra, a nosso ver, qualquer adaptabilidade nem com o PER, nem com o SIREVE, contudo, a forma de participação dos credores nestes processos, garante-lhe iguais direitos, podendo mesmo essa participação ser decisiva, se forem atendidos alguns pressupostos, como veremos.

### 3.2.7 OS PRIVILÉGIOS DO ESTADO

A análise do regime fiscal das sociedades insolventes não é pacífica, em especial quando se decide pela *insolvência* e não pela *recuperação*. Em quase tudo a ATA diverge dos AJ/AJP e até dos MJ- *Magistrados Judiciais*, sendo evidente quase sempre a contradição entre a ATA e o Art.º 104.º da CRP- *Constituição da República Portuguesa*, que determina que “...a tributação das empresas incide fundamentalmente sobre o seu rendimento real.” Parece assim possível que uma sociedade insolvente, normalmente já sem atividade, até ao seu encerramento possa ser sujeito de obrigações fiscais. Veja-se a propósito o *Ac-Acordão do STA no processo 01145/09, de 24 de fevereiro de 2011*.

A polémica em torno dos privilégios do Estado acentua-se também perante o instituto da recuperação. Embora os credores não estatais devam participar na recuperação de devedores, com perdões, moratórias e carências, na verdade o Estado apenas aceita *moratórias garantidas*. Precavendo-se assim de possíveis insolvências, indo em muitos casos até ao *instituto da reversão*. A prática geral diz-nos que os credores estatais não autorizam períodos de carência, muitas vezes nem redução de juros, colocando-se ATA numa posição privilegiada de absoluto afastamento da realidade do instituto da recuperação. Enquanto isso, os credores não estatais suportam a pressão de apoiar a recuperação de empresas em dificuldade.

No processo de insolvência, o CIRE veio determinar que apenas se extinguem as hipotecas legais acessórias de créditos detidos pelo Estado, instituições de Segurança Social e Autarquias Locais, quando o registo tenha sido requerido nos dois meses anteriores ao início do processo de insolvência, o que configura um estímulo para que

estes credores requeiram processos de insolvência que até agora raramente eram por eles iniciados.

O CIRE consagra que a ATA e a SS detém privilégios nos créditos tributários, constituídos nos doze 12 meses que antecedem a insolvência, contados da data de início do processo. Foi ainda consagrado o mesmo princípio para os privilégios creditórios especiais de que estas entidades sejam titulares, sendo um dos casos mais polémicos o que deriva do IMI, uma vez que o CIMI não faz qualquer menção ao processo de insolvência. É certo que o Art.º 8.º da referida norma evidencia que o imposto sobre o imóvel é da responsabilidade do seu proprietário à data de 31 de dezembro do ano a que o mesmo respeitar. Contudo para ATA, a sentença de declaração de insolvência não tem por fim a transmissão de imóveis, que apenas foram objeto de apreensão para a massa. Não faz sentido, em nossa opinião, tal posição até porque o insolvente perde o controlo da sua situação tributária, cuja gestão passa para o AJ/AJP e para os credores.

### 3.2.8 OS CRÉDITOS SOBRE A MASSA INSOLVENTE

O Art.º46.º do CIRE determina o conceito de massa insolvente, estabelecendo o Art.º47.º uma hierarquia entre créditos, que se estabelece entre *garantidos*, *privilegiados*, *subordinados* e *comuns* e ainda créditos *sobre condição*, o que determina a intervenção dos credores no processo. Considerando as diferentes situações em que se encontram os credores e a necessidade de lhes conferir o tratamento adequado, passou a atender-se aos seguintes critérios;

Os *Créditos garantidos* são os que abrangem créditos e juros que beneficiem de garantias reais, a que são equiparados os privilégios creditórios especiais sobre os bens da massa insolvente até ao montante máximo por eles assegurado;

Os *Créditos privilegiados* gozam de privilégios creditórios gerais sobre bens integrados na massa insolvente;

Os *Créditos comuns* abrangem todos os demais créditos, não incluídos nas restantes categorias;

Os *Créditos subordinados* cujo pagamento apenas tem lugar depois de integralmente liquidados os restantes créditos, abrangem os créditos por suprimentos e os créditos titulados por pessoas especialmente relacionadas com o devedor, entre as quais se destacam o cônjuge e familiares próximos.

A averiguação desta situação pode retroagir aos dois anos anteriores ao início do processo.

Os *créditos sob condição*, como a própria designação indica, apenas existirão se a condição se vier a verificar.

Importa aqui referir que, quer no PER, quer agora no “novo SIREVE”, esta distinção dos créditos quanto à sua natureza, encontra idêntica aplicabilidade, nomeadamente, para apuramento da decisão final de aceitação ou não, pelos credores do processo de recuperação.

### 3.2.9 A ADMINISTRAÇÃO PELO DEVEDOR

O CIRE estabelece, no seu Art.º 224.<sup>65</sup> uma nova sistematização dos efeitos da declaração de insolvência, consagrando um preceito inovador aplicável aos casos em que massa insolvente deriva de uma empresa.

Na sentença declaratória da insolvência, o juiz pode determinar que a administração da massa insolvente seja assegurada pelo devedor.

Quer no PER, quer no SIREVE, o devedor aparece como figura ativa da dinamização do processo, apenas ficando limitado nos seus atos de disposição. No PER carece de intervenção do AJP, e no SIREVE através de declaração por si subscrita, na qual se compromete a não alienar bens dos seus ativos cuja finalidade não seja comercial.

---

<sup>65</sup> Cfr.-ARTIGO 224.º do Dec. Lei nº 53/2004 de 18 de março-alterado pela Lei 16/12, de 20 Abril determina que “Na sentença declaratória da insolvência o juiz pode determinar que a administração da massa insolvente seja assegurada pelo devedor.2 - São pressupostos da decisão referida no número anterior que: a) O devedor a tenha requerido;b) O devedor tenha já apresentado, ou se comprometa a fazê-lo no prazo de 30 dias após a sentença de declaração de insolvência, um plano de insolvência que preveja a continuidade da exploração da empresa por si próprio;c) Não haja razões para requear atrasos na marcha do processo ou outras desvantagens para os credores;d) O requerente da insolvência dê o seu acordo, caso não seja o devedor.3 - A administração é também confiada ao devedor se este o tiver requerido e assim o deliberaremos credores na assembleia de apreciação de relatório ou em assembleia que a preceda independentemente da verificação dos pressupostos previstos nas alínea c) e d) do número anterior contando-se o prazo previsto na alínea b) do mesmo número a partir da deliberação dos credores.”

### 3.2.10 O INCIDENTE DE CLASSIFICAÇÃO DA INSOLVÊNCIA

A qualificação da insolvência<sup>66</sup> como culposa<sup>67</sup> tem sérias consequências para os visados. Essas consequências vão desde a sua inabilitação e inibição para o exercício do comércio, até à condenação a restituir bens ou direitos já recebidos para pagamento dos créditos sobre a insolvência, podendo mesmo atingir a impossibilidade do exercício de alguns cargos.

O incidente de qualificação da insolvência está previsto nos Art.º (s) 185.º, 186.º, 187.º e 189.º do CIRE. Visa a responsabilização dos titulares da empresa e dos administradores/gerentes de pessoas coletivas, sendo desencadeado oficiosamente em todos os processos de insolvência, independentemente do seu sujeito ou de o processo ser encerrado por insuficiência da massa insolvente. Tem como finalidade apurar se a insolvência é *fortuita* ou *culposa*.

### 3.2.11 O PLANO DE INSOLVÊNCIA

Após a declaração de insolvência, o devedor ou qualquer credor ou grupo de credores, que representem um quinto do passivo da massa insolvente, podem apresentar

---

<sup>66</sup> Cfr. ARTIGO 185º do Dec. Lei nº 53/2004 de 18 de Março, alterado pela Lei 16/12, de 20 Abril –“A insolvência é qualificada como culposa ou fortuita, mas a qualificação atribuída não é vinculativa para efeitos da decisão de causas penais, nem das acções a que se reporta o n.º 2 do artigo 82º”.

<sup>67</sup> Cfr. ARTIGO 186.º do Dec. Lei nº 53/2004 de 18 de Março, alterado pela Lei 16/12, de 20 Abril –“A insolvência é culposa quando a situação tiver sido criada ou agravada em consequência da actuação, dolosa ou com culpa grave, do devedor, ou dos seus administradores, de direito ou de facto, nos três anos anteriores ao início do processo de insolvência.2 - Considera-se sempre culposa a insolvência do devedor que não seja uma pessoa singular quando os seus administradores, de direito ou de facto, tenham:a) Destruido, danificado, inutilizado, ocultado, ou feito desaparecer, no todo ou em parte considerável, o património do devedor;b) Criado ou agravado artificialmente passivos ou prejuízos, ou reduzido lucros, causando nomeadamente, a celebração pelo devedor de negócios ruinosos em seu proveito ou no de pessoas com eles especialmente relacionadas;c) Comprado mercadorias a crédito, revendendo-as ou entregando-as em pagamento por preço sensivelmente inferior ao corrente, antes de satisfeita a obrigação;d) Disposto dos bens do devedor em proveito pessoal ou de terceiros;e) Exercido, a coberto da personalidade colectiva da empresa, se for o caso, uma actividade em proveito pessoal ou de terceiros e em prejuízo da empresa;f) Feito do crédito ou dos bens do devedor uso contrário ao interesse deste, em proveito pessoal ou de terceiros, designadamente para favorecer outra empresa na qual tenham interesse directo ou indirecto;g) Prosseguido, no seu interesse pessoal ou de terceiro, uma exploração deficitária, não obstante saberem ou deverem saber que esta conduziria com grande probabilidade a uma situação de insolvência;h) Incumprido em termos substanciais a obrigação de manter contabilidade organizada mantido uma contabilidade fictícia ou uma dupla contabilidade ou praticado irregularidade com prejuízo” “relevante para a compreensão da situação patrimonial e financeira do devedor;i) Incumprido, de forma reiterada, os seus deveres de apresentação e de colaboração até à data da elaboração do parecer referido no n.º 2 do artigo 188.º3 - Presume-se a existência de culpa grave quando os administradores, de direito ou de facto, do devedor que não seja uma pessoa singular, tenham incumprido:a) O dever de requerer a declaração de insolvência;b) A obrigação de elaborar as contas anuais, no prazo legal, de submetê-las à devida fiscalização ou de as depositar na conservatória do registo comercial.4 - O disposto nos n.ºs 2 e 3 é aplicável, com as necessárias adaptações, à actuação de pessoa singular insolvente e seus administradores, onde a isso não se opuser a diversidade das situações.5 - Se a pessoa singular insolvente não estiver obrigada a apresentar-se à insolvência, esta não será considerada culposa em virtude da mera omissão ou retardamento na apresentação, ainda que determinante de um agravamento da situação económica do insolvente”.

nos termos dos Art.º (s) 192.º, 193.º, 194.º, 195.º, 196.º, 197.º, 198.º uma proposta de *plano de insolvência*.

Tal plano será elaborado pelo AJP/AJ, em colaboração com a comissão de credores, se existir, e com a comissão de representantes do trabalhador e ainda com o devedor, devendo o referido plano seguir as diretrizes que tenham sido aprovadas na assembleia de credores.

Qualquer proposta de *plano de insolvência* <sup>68 69 70</sup>, que passe pela manutenção da exploração da empresa devedora, deverá ser acompanhado de declaração por parte do insolvente, em que aceite a sua disponibilidade para o efeito.

A requerimento do (s) respetivo (s) proponente (s) do *Plano de Insolvência*, o juiz pode decretar a suspensão da liquidação da massa insolvente, se tal se tornar necessário para não prejudicar a execução do plano. Admitida pelo juiz a proposta de *Plano de Insolvência* é convocada a assembleia de credores.

Considera-se o plano aprovado se os credores que representem um terço do total dos créditos com direito de voto, representando mais de dois terços dos votos emitidos, o votarem favoravelmente.

Não se destacam alterações significativas relativamente às que já existiam no anterior regime, deixando-se aos credores a fixação do conteúdo do *plano de insolvência*.

---

<sup>68</sup> Cfr. ARTIGO 192.º- do Dec. Lei nº 53/2004 de 18 de Março, alterado pela Lei 16/12, de 20 Abril, estatui que “O pagamento dos créditos sobre a insolvência, a liquidação da massa insolvente e a sua repartição pelos titulares daqueles créditos e pelo devedor, bem como a responsabilidade do devedor depois de findo o processo de insolvência, podem ser regulados num plano de insolvência em derrogação das normas do presente Código.2 - O plano só pode afectar por forma diversa a esfera jurídica dos interessados, ou interferir com direitos de terceiros, na medida em que tal seja expressamente autorizado neste título ou consentido pelos visados.3 - O plano que se destine a prover à recuperação do devedor designa-se plano de recuperação,devendo tal menção constar em todos os documentos e publicações respeitantes ao mesmo”.

<sup>69</sup> Cfr. ARTIGO 193 do Dec. Lei nº 53/2004 de 18 de Março, alterado pela Lei 16/12, de 20 Abril, determina que “Podem apresentar proposta de plano de insolvência o administrador da insolvência, o devedor, qualquer pessoa que responda legalmente pelas dívidas da insolvência e qualquer credor ou grupo de credores cujos créditos representem pelo menos um quinto do total dos créditos não subordinados reconhecidos na sentença de verificação e graduação de créditos, ou na estimativa do juiz, se tal sentença ainda não tiver sido proferida.2 - O administrador da insolvência deve apresentar em prazo razoável a proposta de plano de insolvência de cuja elaboração seja encarregado pela assembleia de credores.3 - O administrador elabora a proposta de plano de insolvência em colaboração com a comissão de credores, se existir, com a comissão ou representantes dos trabalhadores e com o devedor, devendo conformar-se com as directrizes que tenham sido aprovadas em assembleia de credores, quando a proposta não seja de sua iniciativa.”

<sup>70</sup> Cfr. ARTIGO 194.do Dec. Lei nº 53/2004 de 18 de Março, alterado pela Lei 16/12, de 20 Abril refere que “O plano de insolvência obedece ao princípio da igualdade dos credores da insolvência, sem prejuízo das diferenciações justificadas por razões objectivas.2 - O tratamento mais desfavorável relativamente a outros credores em idêntica situação dependendo consentimento do credor afectado, o qual se considera tacitamente prestado no caso de votofavorável.3 - É nulo qualquer acordo em que o administrador da insolvência, o devedor ou outrem confira vantagens a um credor não incluídas no plano de insolvência em contrapartida de determinado comportamento no âmbito do processo de insolvência, nomeadamente quanto ao exercício do direito de voto.”

Quer no PER quer no SIREVE, o plano de negócios é determinante para a continuidade da atividade da empresa em dificuldade, divergem em muito do plano de insolvência mas, no essencial, ambos procuram a continuidade da atividade da sociedade.

### 3.2.12 A RELAÇÃO TRIBUTÁRIA É CONTROVERSA

Como já tivemos oportunidade de analisar a relação dos credores públicos, na insolvência ou na recuperação é controversa. A solução contida no nº3 do Art.º 30.º, da *LGT-Lei Geral Tributária* contraria claramente os objetivos previstos no Memorando de Entendimento sobre as determinantes da política económica, firmado entre Portugal e a UE, o BCE e o FMI.

As isenções de Impostos como o IRC e IRS, continuam a manter-se para algumas realidades, como no extinto CPEREF, destacando-se as eventuais mais-valias que o devedor obtenha com a dação em cumprimento, com os seus bens e eventuais variações patrimoniais positivas, resultantes do perdão.

É reconhecido aos credores como custo ou perda do respetivo exercício, para efeitos de IRC e/ou IRS, o valor dos créditos objeto de redução ao abrigo de plano de insolvência ou de plano de pagamentos por via de PER ou SIREVE, sendo também relevante o impacto em sede IVA, já que permite a sua recuperação pelo credor.

As isenções do Imposto do Selo mantem-se como no anterior regime, designadamente no que respeita a alguns atos previstos nos planos de insolvência, desde que incluídos ou previstos no plano de recuperação.

A eficácia do plano de insolvência sobre os créditos tributários tem sido objeto de aceso debate doutrinal e jurisprudencial, controvérsia que pode ser dividida em dois momentos temporais. Um primeiro momento, anterior à alteração do Art.º 30º da LGT, pelo Art.º123.º da Lei nº 55-A/2010, de 31 de Dezembro (Lei do Orçamento do Estado para 2011), e um segundo momento, posterior a essa alteração que aditou um nº 3 ao Art.º

30.º, nos termos do qual o disposto no nº 2 do Art.º 30.º que prevalece sobre qualquer legislação especial <sup>71 72 73</sup>.

Pode desde já concluir-se que o estado não participa na recuperação de empresas, para além de permitir moratórias.

O Art.º 267.º do CIRE estatui que” *Não podem ser exigidos quaisquer preparos pelos atos de registo de despachos ou sentenças proferidos no processo de insolvência, bem como pelos de registo de apreensão de bens para a massa insolvente, constituindo os respetivos emolumentos uma dívida da massa equiparada às custas do processo de insolvência.*”

### 3.3 ASPETOS ESTRUTURANTES DO CIRE

Procurámos ao longo desta pequeníssima passagem pelos aspetos estruturantes do CIRE, mostrar a sua relação direta com os mecanismos e suporte legal da revitalização. Sendo evidente que o PER a ele está umbilicalmente ligado, mas, deixando evidente que SIREVE está *orfão do suprimento da aprovação de credores*, nos termos dos Art.º(s) 258.º e 259.º do CIRE e naturalmente da disposição contida no Art.º 17-B CIRE.

Relativamente aos aspetos estruturantes do CIRE, pudemos concluir que o seu Art.º 1.º<sup>74</sup> define a finalidade do processo de insolvência, “*como execução universal, com a finalidade de proporcionar a satisfação dos credores, pela forma prevista num plano de insolvência*”, podendo ser baseado na recuperação da empresa quando tal se afigure

---

<sup>71</sup> **Cfr. MORAIS, Rui Duarte.** Os credores Tributários no Processo de Insolvência, in: “Direito e Justiça”, vol. XIX, tomo II, 2005, pp. 221 e ss.

<sup>72</sup> **Cfr. O Acórdão da Relação de Lisboa**, de 6-07-2009 de MORGADO, Maria do Rosário “cabe na competência da assembleia de credores ao abrigo do art. 196º, nº1, als. a) e c) do CIRE, o perdão ou redução do valor dos créditos sobre a insolvência, quer quanto ao capital, quer quanto aos juros, bem como a modificação dos prazos de vencimento ou as taxas de juro, sejam os créditos comuns, garantidos ou privilegiados, é possível, sem o acordo da administração fiscal, aprovar plano de insolvência que preveja o pagamento a prestações, redução ou extinção de dívidas fiscais”.

<sup>73</sup> **Cfr. FERNANDES, Luis A. Carvalho / LABAREDA, João.** CÓDIGO DA INSOLVÊNCIA ANOTADO pp 915 ss.O ARTIGO 267º, do Dec. Lei nº 53/2004 de 18 de março, alterado pela Lei 16/12, de 20 Abril “relativamente a emolumentos devidos de por atos de registo, contém duas normas distintas: uma relativa a preparos e outra á caracterização da correspondente dívida. De comum entre elas há o facto de respeitarem aos mesmos atos: registo de despachos ou sentenças proferidos no processo de insolvência e registo e apreensão de bens para a massa insolvente.”

<sup>74</sup> **Cfr. ARTIGO nº1.º do Dec. Lei nº 53/2004 de 18 de Março, alterado pela Lei 16/12, de 20 Abril.** “O processo de insolvência é um processo de execução universal que tem como finalidade a satisfação dos credores pela forma prevista num plano de insolvência, baseado, nomeadamente, na recuperação da empresa compreendida na massa insolvente, ou, quando tal não se afigure possível, na liquidação do património do devedor insolvente e a repartição do produto obtido pelos credores.2 - Estando em situação económica difícil, ou em situação de insolvência meramente iminente, o devedor pode requerer ao tribunal a instauração de processo especial de revitalização, de acordo com o previsto nos artigos 17.º-A a 17.º-I”.

possível, “desde que o devedor esteja em situação difícil, ou em situação de insolvência, ainda que meramente eminente.”

O Art.º 3.º da mesma norma dispõe que, “é considerado em situação de insolvência o devedor que se encontre impossibilitado de cumprir as suas obrigações vencidas”, contudo o n.º 3 da norma refere que “essa condição pode cessar, quando o ativo seja superior ao passivo”.

A apresentação do requerimento de insolvência pelo devedor, como preceitua o Art.º 18.º do CIRE <sup>75</sup> transporta como efeitos, a confissão e a correspondente declaração de insolvência do devedor. Contudo a tomada de consciência pelo devedor desta sua condição, pode conduzi-lo a um processo de *recuperação*, em que o PER pode ser a solução. Certo é que o SIREVE no atual quadro legal, já não será o caminho adequado.

### 3.3.1 O SUPRIMENTO DA ACEITAÇÃO DE CREDORES

O *Suprimento da Aceitação de Credores* é um instrumento jurídico complexo, que está previsto no CIRE, e tem servido para garantir segurança jurídica ao SIREVE. A sua abordagem, só por si, proporcionaria uma investigação adequada a uma dissertação exclusiva sobre este tema. Está preceituado no Art.º 258.º em relação direta com o Art.º 259.º, ambos do CIRE. Este preceito visa garantir que os credores que aprovem um plano de pagamentos, ou o devedor em determinadas condições, possam chamar ao processo os credores não aderentes, garantindo-se assim que após o suprimento da vontade desses credores, todos estejam em igualdade de circunstâncias e de oportunidades no âmbito da insolvência. Mas também que durante a recuperação da empresa devedora, todos os credores possam ver os seus créditos reconhecidos, em obediência ao *princípio da igualdade*.

Para que o Tribunal possa suprir a vontade dos credores, terão de estar garantidos alguns aspetos relevantes, nomeadamente: não decorra, para nenhum dos oponentes do plano desvantagem económica superior á que, mantendo-se idênticas circunstâncias do

---

<sup>75</sup> Cfr ARTIGO 18.do Dec. Lei n.º 53/2004 de 18 de Março, alterado pela Lei 16/12, de 20 Abril, determina que “ O devedor deve requerer a declaração da sua insolvência dentro dos 30 dias seguintes à data do conhecimento da situação de insolvência, tal como descrita no n.º 1 do artigo 3.º, ou à data em que devesse conhecê-la. 2 -Exceptuam-se do dever de apresentação à insolvência as pessoas singulares que não sejam titulares de uma empresa na data em que incorram em situação de insolvência.3 - Quando o devedor seja titular de uma empresa, presume-se de forma inilidível o conhecimento da situação de insolvência decorridos pelo menos três meses sobre o incumprimento generalizado de obrigações de algum dos tipos referidos na alínea g) do n.º 1 do artigo 20”.

devedor, resultaria do prosseguimento do processo de insolvência, com a liquidação da massa insolvente.

Os oponentes não podem ser objeto de um tratamento discriminatório injustificado, nem suscitar dúvidas legítimas quanto à veracidade ou completude da relação de créditos apresentada pelo devedor. Pode ser suprida a vontade de um credor que se tenha limitado a impugnar a identificação de um crédito, sem adiantar quaisquer elementos respeitantes a sua configuração. Não cabe recurso da decisão que indefira o pedido de suprimento da aprovação de qualquer credor.

Deste preceituado extrai-se do seu nº1, aquilo que *JOÃO LABAREDA* considera uma regra geral “*Havendo aceitação do plano por credores que representem mais de dois terços dos créditos relacionados pelo devedor*” *pode a aprovação dos restantes ser suprida pelo Tribunal*”<sup>76</sup>.

---

<sup>76</sup> Cfr. FERNANDES, Luis A. Carvalho / LABAREDA, João. CÓDIGO DA INSOLVÊNCIA ANOTADO pp 895 ss. “A aceitação do plano por credores que representem mais de dois terços dos créditos relacionados pelo devedor” pode a aprovação dos restantes ser suprida pelo Tribunal, exige-se para tanto a avaliação comparativa das desvantagens económicas que do plano resultem para o credor. Sendo uma tarefa espinhosa para o juiz, não só por envolver um juízo de prognose sempre complexo, mas sobretudo por serem falíveis os elementos de que dispõe, pelo que terá de atender, ao pressuposto de continuação do processo de insolvência, atendendo aos resultados a que conduziria a liquidação da massa insolvente. É uma tarefa com possibilidade de erro do juiz. Esta decisão do juiz é irrecorrível”.

## 4 PEC COMO ANTECESSOR DO SIREVE

### 4.1 A INTERVENÇÃO MEDIADORA

A experiência tem mostrado que num número significativo de casos, o consenso entre os interessados na *recuperação* de empresas em dificuldades, foi alcançado por intervenção mediadora. Para essa mediação apareceu inicialmente o PEC.

#### 4.1.1 O PROCEDIMENTO EXTRAJUDICIAL DE CONCILIAÇÃO

O PEC foi suportado, como já vimos, pelo Dec.Lei 316/98 de 20 de outubro, já revogado,<sup>77 78 79 80 81</sup> que instituiu ao IAPMEI a capacidade necessária para intervenção como mediador entre devedor e credores, neste processo alternativo á *insolvência* que então conviveu, primeiramente, com o CPEREF.

Criou-se assim um procedimento de conciliação, simples e flexível, em que se reservou, intencionalmente, ao IAPMEI o papel de condução de diligências

---

<sup>77</sup> Cfr. ARTIGO 1 do Dec.Lei 316/98 de 20 de outubro, alterado pelo Dec. Lei 201/2004 de 18 de agosto - PEC-que determinava que “Qualquer empresa em condições de requerer judicialmente a sua recuperação, nos termos do Código dos Processos Especiais de Recuperação da Empresa e de Falência (CPEREF), aprovado pelo Decreto-Lei 132/93, de 23 de Abril, pode requerer ao Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e ao Investimento (IAPMEI) o procedimento de conciliação regulado no presente diploma.2 - O procedimento de conciliação a que se refere o número anterior pode ainda ser requerido por qualquer credor que, nos termos do CPEREF, tenha legitimidade para requerer a aplicação a uma empresa de providência de recuperação”.

<sup>78</sup> Cfr. ARTIGO 2 do Dec.Lei 316/98 de 20 de outubro, alterado pelo Dec. Lei 201/2004 de 18 de agosto - PEC preceituava que “O procedimento de conciliação destina-se a obter a celebração de acordo entre a empresa e todos ou alguns dos credores que viabilize a recuperação da empresa em situação de insolvência ou em situação económica difícil nos termos do artigo 3.º do CPEREF.2 - No acordo podem ainda intervir os sócios da empresa ou outros interessados.3 - O conteúdo do acordo é livremente fixado pelas partes, podendo corresponder a alguma das providências de recuperação previstas no CPEREF ou aos contratos de consolidação financeira e de reestruturação empresarial, definidos nos Decretos-Leis n.os 14/98, de 28 de Janeiro, e 81/98, de 2 de Abril.4 - No caso de ter sido instaurado processo judicial de recuperação da empresa, o acordo a que se refere o número anterior pode servir de base a propostas a apresentar à assembleia de credores”.

<sup>79</sup> Cfr. ARTIGO 3 do Dec.Lei 316/98 de 20 de outubro, alterado pelo Dec. Lei 201/2004 de 18 de agosto - PEC “O procedimento de conciliação é requerido por escrito ao IAPMEI, devendo o requerente invocar os respectivos fundamentos, identificar as partes que nele devem intervir e indicar o conteúdo do acordo que pretende obter.2 - O requerimento é acompanhado dos documentos que devessem ser apresentada com a petição em processo judicial de recuperação, com excepção dos livros a que se refere a alínea c) do n.º 1 do artigo 16.º do CPEREF”.

<sup>80</sup> Cfr. ARTIGO 4 do Dec.Lei 316/98 de 20 de outubro, alterado pelo Dec. Lei 201/2004 de 18 de agosto - PEC. “O IAPMEI deve recusar liminarmente o requerimento de conciliação se entender que: a) A empresa é economicamente inviável;b) Não é provável o acordo entre os principais interessados na recuperação;c) Não é eficaz a sua intervenção para a obtenção do acordo.2 - O despacho a que se refere o número anterior é proferido no prazo de 15 dias”.

<sup>81</sup> Cfr. ARTIGO 5 do Dec.Lei 316/98 de 20 de outubro, alterado pelo Dec. Lei 201/2004 de 18 de agosto - PEC “Se o requerimento não for recusado, compete ao IAPMEI promover as diligências e os contactos necessários entre a empresa e os principais interessados, com vista à concretização de acordo que viabilize a recuperação da empresa, cabendo-lhe a orientação das reuniões que convocar.2 - As diligências a efectuar podem incluir, nomeadamente, a sugestão de propostas e de modelos negociais.3 - Sem prejuízo de contactos directos entre os interessados o IAPMEI deve acompanhar as negociações, podendo fazer intervir outras entidades para além das indicadas pelo requerente”.

extrajudiciais, sempre no respeito da vontade dos participantes. A norma contudo não deu ao IAPMEI poderes sancionatórios ou coercitivos.

Os Art.º (s) nº (s) 1.º, 2.º, e 3º, do Dec. Lei 316/98, de 20 de outubro, determinavam o procedimento, a finalidade e as condições de apresentação.

Ao IAPMEI competia a coordenação do procedimento, nomeadamente entre o procedimento de conciliação e o processo judicial de recuperação da empresa que se encontrasse pendente.

Foi assim no PEC, tem sido assim com o SIREVE. Destes procedimentos se esperou que as empresas em dificuldades económicas e as que diretamente por dificuldades foram afetadas, pudessem ter ao seu dispor um quadro normativo mais consentâneo com as exigências da vida empresarial.

## **4.2 REFORMULAÇÃO DO PEC POR FORÇA DA ALTERAÇÃO DO CIRE**

A aprovação do CIRE obrigou à introdução de alterações ao PEC, através do Dec.Lei. nº 201/2004, de 18 de Agosto, com vista à adaptação do procedimento extrajudicial à nova nomenclatura e conceitos do processo de insolvência, aproveitando simultaneamente para tentar corrigir alguns dos entraves detetados ao bom funcionamento deste procedimento.

Contudo o PEC não teve êxito, fundamentalmente, porque a forma como foi implementado e os objetivos e meios de que o IAPMEI dispunha para a sua gestão, não se mostraram coincidentes com os problemas que se colocaram, na prática, à revitalização empresarial.

A sua implementação era morosa e a intervenção do IAPMEI, foi pouco mais do que burocrática.

O prazo para o encerramento do procedimento, com ATA FINAL, ficava demasiado distante do início do procedimento, em contraste claro com a necessidade e urgência que se devem colocar a estes processos, o que prejudicou a sua importância no seio da recuperação de empresas em dificuldade.

### 4.3 AS LACUNAS DO PEC

No PEC, o quadro legal para viabilização da empresa em dificuldades, *pensava* apenas no plano de pagamentos a credores privados já que os credores públicos não tinham obrigação de participação no procedimento.

O PEC não tinha como pressuposto apoiar e pensar o negócio, nem o enquadramento económico do mesmo. O seu êxito foi quase sempre questionado, naturalmente, porque a norma que o suportava era também por isso *lacunosa*.

No essencial o PEC, após a atualização introduzida pelo Dec.Lei. nº 201/2004 de 18 de Agosto, era já muito parecido com o atual SIREVE. Obedecia à *reforma do direito falimentar português introduzida pelo CIRE*, e tentava dar um passo decisivo de incentivo aos empresários e à viabilização de empresas em situação de insolvência, ou na iminência de tal situação.

O PEC estabelecia, expressamente, que o requerimento de procedimento extrajudicial de conciliação suspendia o prazo de que o devedor dispunha para apresentação à insolvência. Este mecanismo constituía um incentivo ao recurso a este procedimento consagrando-se nele, expressamente, a obrigatoriedade de participação no procedimento especial de conciliação de credores, que assegurassem a representatividade mínima de 50% do montante das dívidas da empresa.

O legislador pensava assim ter assegurado um mecanismo de apoio à viabilidade da empresa, com a necessária adequação do acordo, mas na verdade esta é uma das *lacunas* do PEC que destruiu o sonho de viabilidade de muitas empresas. Esta *lacuna* foi infelizmente adotada pelo SIREVE. A não obrigatoriedade de consulta de todos os credores do devedor transmitiu ao PEC insegurança jurídica, insegurança essa que perpassou para o SIREVE, ao invés do PER que obriga ao relacionamento de todos os credores.

O prazo para conclusão do PEC constituía, como vimos, mais uma *lacuna do procedimento*. O procedimento tinha de ser concluído num prazo máximo de seis meses, podendo ser prorrogado pelo prazo de três meses, mediante pedido fundamentado da empresa ou de um dos credores, e sujeito a autorização do IAPMEI. Era fácil aos *credores contrariados*, muitas vezes concorrentes diretos do devedor, controlarem o tempo em que deviam ou não dar resposta no procedimento, dado que daí não resultava qualquer

consequência do seu comportamento. Resultaram daqui efeitos negativos no desfecho dos procedimentos PEC, impedindo-os em muitos casos de conseguir o êxito esperado pelo legislador.

“O SIREVE, na sua versão inicial”<sup>82</sup> adotou idênticas lacunas. O PEC previa que as empresas, que obtivessem a sua aprovação por mais de dois terços dos credores envolvidos, poderiam obter *suprimento judicial* da aprovação dos restantes credores por via judicial. Medida também adotada pelo SIREVE. Esta possibilidade colmatava por via judicial a falta de segurança jurídica do PEC que constituía, a nosso ver, a mais grave *lacuna* do PEC, *lacuna* que o SIREVE não foi capaz de evitar.

#### 4.3.1 A VIA JUDICIAL PARA GARANTIR O ACORDO EXTRAJUDICIAL

Como já vimos o legislador procurou, através do *Suprimento da Aprovação de Credores*, previsto no Art.º 258º do CIRE<sup>83</sup>, ultrapassar um dos principais obstáculos ao sucesso dos acordos de viabilização promovidos no âmbito do IAPMEI, já que esses acordos, normalmente, não obtinham unanimidade entre os credores envolvidos.

O Art. 258º do CIRE, constitui a tutela para direitos dos credores de uma forma geral, não deixando também de proteger o devedor, intenção que o SIREVE também adotou. Mas o *Suprimento da Aprovação dos Credores* veio a revelar-se complexo, constituindo também por isso *mais uma lacuna do procedimento*, que também foi adotada pelo SIREVE.

A intervenção judicial, neste procedimento extrajudicial, provoca uma imposição do Tribunal cuja decisão é irrecorrível, o que muitos juristas consideram evidente inconstitucionalidade. Este mecanismo introduziu no processo insegurança na decisão final, muito embora a tutela do direito seja determinante para garantir a proteção dos

---

<sup>82</sup> Cfr. Dec-Lei 178/2012 de 03 de Agosto.

<sup>83</sup> O ARTIGOº258º do CIRE do Dec. Lei nº 53/2004 de 18 de março-alterado pela Lei 16/12, de 20 Abril estatui“-Se o plano de pagamentos tiver sido aceite por credores cujos créditos representem mais de dois terços do valor total dos créditos relacionados pelo devedor, pode o tribunal, a requerimento de alguns desses credores ou do devedor, suprir a aprovação dos demais credores, desde que: a) Para nenhum dos oponentes decorra do plano uma desvantagem económica superior à que, mantendo-se idênticas circunstâncias do devedor, resultaria do prosseguimento do processo de insolvência, com liquidação da massa insolvente; b) Os oponentes não sejam objeto de um tratamento discriminatório injustificado; c) Os oponentes não suscitem dúvidas legítimas quanto ‘a veracidade ou completude da relação de créditos apresentada pelo devedor, com reflexos na adequação do tratamento que lhes é dispensado.”

credores aderentes ao processo, nada obsta ao erro do Juiz, como veremos em capítulo próprio deste trabalho.

A falta de segurança jurídica do PEC, que o SIREVE também evidência, constitui *grave lacuna* dos acordos extrajudiciais. Na verdade estes acordos para verem tutelados os seus efeitos, não foram capazes de se afastar dos tribunais, pelo que o efeito extrajudicial dos mesmos ficou comprometido.

#### 4.4 O PEC DEU ORIGEM AO SIREVE

O Dec. Lei nº 178/2012, de 3 de Agosto<sup>84</sup>, revogou o Dec. Lei nº 316/98, de 20 de Outubro atualizado agora pelo Dec. Lei nº 201/2004, de 18 de agosto, criando o Sistema de Recuperação de Empresas por Via Extrajudicial (SIREVE) que visava, como estatuiu o Artº 1º “...*promover a recuperação extrajudicial das empresas, através da celebração de um acordo entre a empresa e todos ou alguns dos seus credores, que representem no mínimo 50% do total das dívidas da empresa, e que viabilize a recuperação da situação financeira da empresa*”.

Podemos concluir que o SIREVE na sua versão inicial é o descendente do PEC, mas carrega consigo, quase todas as *lacunas* deste, sem embargo evidente das melhorias que introduziu, e que mais à frente analisaremos. O SIREVE é um procedimento de conciliação, simples e flexível, em que se reservou, intencionalmente, ao IAPMEI o papel de condução de diligências extrajudiciais. Ao IAPMEI cabia garantir o respeito da vontade dos participantes, sem quaisquer poderes sancionatórios ou coercitivos como já referimos.

Ambos os procedimentos foram impulsionados pelas mudanças de opinião e de pressupostos do *DE- Direito Europeu*.

---

<sup>84</sup> Cfr. Dec.Lei. nº 178/2012, de 3 de Agosto entrou em vigor no dia 1 de Setembro de 2012 (Art.º 24º). Os Procedimentos Extrajudiciais de Conciliação pendentes a 1 de Setembro de 2012 em que ainda não tenha havido celebração de acordo podem ser concluídos à luz do Dec.Lei. nº 316/98, de 20 de Outubro (Art. 22º nº1). Pode, porém, a empresa requerer a transição do procedimento para o novo regime, ficando em consequência sujeita na plenitude ao regime previsto no Dec.Lei. nº 178/2012, de 3 de Agosto (Art. 22º, nº2).

## 5 A RECUPERAÇÃO NO DIREITO EUROPEU

### 5.1 A RECOMENDAÇÃO DA COMISSÃO

O processo de insolvência foi objeto de regulação comunitária através do Regulamento (CE) nº 1346/2000 do Conselho de 29 de Maio<sup>85</sup>. Tinha em vista garantir o bom funcionamento do mercado interno. Visava garantir que os processos de insolvência com efeitos transfronteiriços corressem de forma eficaz de modo a evitar que quaisquer incentivos levem as partes a transferir bens ou ações judiciais de um estado membro para outro, no intuito de obter uma posição legal mais favorável.

Mais recentemente a *CE - Comissão Europeia*, recomendou uma nova abordagem destinada a recuperar empresas e a dar aos empresários honestos uma segunda oportunidade, admitindo *agora* que as empresas são essenciais, para criar prosperidade e emprego.

Refere a CE, que, “...metade das empresas não sobrevive aos primeiros cinco anos de atividade... e que uma média, de 200.000 empresas são declaradas insolventes anualmente na UE, resultando na perda direta de 1,7 milhões de postos de trabalho”<sup>86</sup>.

Um quarto destas insolvências tem um elemento de natureza transnacional.

### 5.2 A NOVA ABORDAGEM

A CE concretizou a resposta europeia a este problema, apresentando em dezembro de 2012 um pacote de medidas para modernizar as regras da insolvência, propondo uma “...nova abordagem europeia da falência e insolvência das empresas...”.

---

<sup>85</sup> **Cfr. Jornal Oficial** nº L-160 de 30 de Junho de 2000, pp. 1-18, e alterado pelo Regulamento (CE) nº 603/2005 do Conselho, de 12 de Abril de 2005 (publicado no Jornal Oficial nº L 100, de 20 de Abril de 2005, pp. 1-8). O Regulamento entrou em vigor em 31 de Maio de 2002 (art. 47º do Regulamento) e, entre nós, foi executado pelo Título XIV do CIRE (arts. 271º-274º). Sobre o Regulamento, veja-se na doutrina, FERNANDES, Luís A. Carvalho / LABAREDA, João, *Insolvências Transfronteiriças – Regulamento (CE) nº 1346/2000 do Conselho – Anotado*, Quid Juris, Lisboa, 2003 e PINHEIRO, Luís de Lima, *O Regulamento Comunitário sobre Insolvência – Uma Introdução*, in: “Revista da Ordem dos Advogados”.

<sup>86</sup> **Cfr. BRITO, Maria Helena**. Falências Internacionais. Algumas Considerações a Propósito do Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas, in: “Themis – Revista da Faculdade de Direito da UNL, Edição Especial - Novo Direito da Insolvência”, 2005, p. 189.

A legislação europeia da insolvência estava estabelecida no Regulamento (CE) n.º 1346/2000, aplicável desde 31 de maio de 2002. Este regulamento incluía normas em matéria de competência, de reconhecimento e de lei aplicável e previa a coordenação dos processos de insolvência abertos em vários estados-membros.

O regulamento aplicava-se sempre que o devedor tivesse ativos ou credores, em mais de um estado-membro.

### 5.2.1 A RESISTÊNCIA À CRISE

A CE repensou assim a visão europeia da *falência* e *insolvência*, visando principalmente, ajudar as empresas a resistirem à crise e os empresários honestos a beneficiarem de uma segunda oportunidade. Protegeu simultaneamente o direito dos credores recuperarem o seu dinheiro.

Os processos deviam assim ser rápidos e eficazes, tanto no interesse dos devedores como dos credores e contribuir para preservar os postos de trabalho, permitindo que os fornecedores conservem os seus clientes e que os proprietários mantenham o valor das suas empresas, desde que estas sejam viáveis.

Reconhece a CE, que as divergências entre as legislações nacionais da insolvência podem criar incerteza jurídica, e um ambiente desfavorável para as empresas.

### 5.2.2 O REGULAMENTO (EU) 2015/848/CULTURA DE 2ª OPORTUNIDADE

O Regulamento (UE) 2015/848 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 20 de maio de 2015, relativo aos processos de insolvência, revogou o Regulamento (CE) n.º 1346/2000 do Conselho. Com esta revisão, pretendeu-se não só assegurar uma maior eficácia e eficiência aos processos de insolvência que produzem efeitos transfronteiriços, mas também contribuir para uma *cultura de segunda oportunidade*. Procura-se assim a melhoria do funcionamento do mercado interno e da sua resiliência durante as crises económicas, preservando postos de trabalho, promovendo a recuperação económica e o crescimento sustentável. Foi assim relançado o espírito empresarial na Europa,

propugnando por uma Estratégia e por um plano de ação ao empreendedorismo até 2020<sup>87</sup>.

### 5.2.3 A RECOMENDAÇÃO FAVORECE A RECUPERAÇÃO E A REVITALIZAÇÃO

A recomendação da CE de 12 de março de 2014, sobre uma nova abordagem em matéria de falência e de insolvência das empresas e da Comunicação (COM (2012) 742 final), favorece a recuperação e revitalização de empresas viáveis.

Com esta revisão, passou ainda a incorporar-se em Lei, a mais relevante jurisprudência do *TJUE-Tribunal de Justiça da União Europeia*, que foi sendo proferida na vigência do Regulamento (CE) n.º 1346/2000 do Conselho.

Esta reformulação alarga o âmbito de aplicação do regulamento aos processos que promovam a recuperação e revitalização do devedor. Fortalece o quadro legal de cooperação e comunicação entre os tribunais e os administradores da insolvência, e destes entre si. Melhora a coordenação entre processos de insolvência abertos quanto ao mesmo devedor, e em caso de processos respeitantes a sociedades que façam parte de um grupo empresarial, conferindo primazia à concentração de esforços no processo principal. Passa a ser possível obter a dispensa pelo juiz da abertura de processos secundários, se ficar demonstrado estar assegurado o respeito dos direitos dos credores locais. Aumenta a

---

<sup>87</sup>**Cfr. Regulamento (CE) n.º 1346/2000 do Conselho** “Em 12 de dezembro de 2012, a Comissão adotou um relatório sobre a aplicação do Regulamento (CE) n.º 1346/2000 do Conselho (3). O relatório concluiu que a aplicação do regulamento é geralmente satisfatória, mas que seria desejável aperfeiçoar a aplicação de algumas das suas disposições, a fim de melhorar a gestão eficaz dos processos de insolvência transfronteiriços. Uma vez que o regulamento foi alterado várias vezes e que é necessário fazer novas alterações, por razões de clareza, deverá proceder-se à reformulação do referido regulamento. A União estabeleceu o objetivo de criar um espaço de liberdade, de segurança e de justiça. O bom funcionamento do mercado interno implica a tramitação eficiente e eficaz dos processos de insolvência que produzem efeitos transfronteiriços. A aprovação do presente regulamento é necessária para alcançar esse objetivo, o qual se insere no âmbito da cooperação judiciária em matéria civil, na aceção do artigo 81.º do Tratado. As atividades das empresas produzem cada vez mais efeitos transfronteiriços e são, por este motivo, regulamentadas pelo direito da União. A insolvência dessas empresas afeta, nomeadamente, o bom funcionamento do mercado interno, fazendo-se sentir a necessidade de um ato da União que exija a coordenação das medidas a tomar relativamente aos bens de um devedor insolvente. Para o bom funcionamento do mercado interno, é necessário evitar incentivos que” “levem as partes a transferir bens ou ações judiciais de um Estado “Membro para outro, no intuito de obter uma posição jurídica mais favorável em detrimento do interesse coletivo dos credores (seleção do foro).O presente regulamento deverá incluir disposições que regulem a competência para a abertura de processos de insolvência e a propositura de ações que deles decorram diretamente e que com eles se encontrem estreitamente relacionadas. O presente regulamento deverá igualmente incluir disposições relativas ao reconhecimento e à execução das decisões judiciais proferidas em processos desta natureza e disposições relativas à lei aplicável ao processo de insolvência. Além disso, o presente regulamento deverá prever regras de coordenação dos processos de insolvência relativos ao mesmo devedor ou a vários membros do mesmo grupo de sociedades. Para alcançar o objetivo de melhorar a eficácia e a eficiência dos processos de insolvência que produzem efeitos transfronteiriços, é necessário e oportuno que as disposições em matéria de competência, reconhecimento e lei aplicável neste domínio constem de um ato normativo da União, vinculativo e diretamente aplicável nos Estados-Membro”.

publicidade da insolvência através de registos da insolvência pelos Estados-membros e respetiva interligação no respeito pelas garantias de proteção de dados.

#### **5.2.4 UMA CULTURA DE RECUPERAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO**

*“A Europa precisa de uma cultura de recuperação e reestruturação das empresas viáveis e das pessoas que se encontram em dificuldades financeiras...”*, declarou a Viviane Reding.

A então Comissária da Justiça referiu também que *“Os empresários honestos devem beneficiar de uma segunda oportunidade, de modo a evitar que a insolvência se torne uma sentença de morte em caso de dificuldades”* acrescentando que *“as PME, representam a espinha dorsal da nossa economia, são particularmente importantes. Referindo ainda “Conto com todos aqueles que estão interessados em participar ativamente nesta consulta, a fim de que possamos reunir as melhores ideias para responder ao problema da insolvência das empresas.”*

#### **5.2.5 PRINCÍPIOS COMUNS**

Em 12 de março de 2014, a CE apresentou uma série de princípios comuns para os processos nacionais de insolvência das empresas em dificuldades financeiras. O objetivo destes princípios consiste em que as prioridades passem da liquidação das empresas, para o incentivo à reestruturação numa fase precoce das dificuldades, evitando-se assim a falência de muitas delas.

Defende a CE que *“...após uma insolvência, os empresários honestos deveriam beneficiar rapidamente de uma segunda oportunidade, porque os factos demonstram que estes costumam ter mais êxito da segunda vez que tentam criar uma atividade”*.

A recomendação adotada vem na sequência de uma consulta pública realizada sobre uma abordagem europeia para a insolvência das empresas (IP/13/655), e uma proposta de revisão das regras da UE existentes sobre as insolvências transnacionais que receberam a aprovação do PE- Parlamento Europeu (MEMO/14/88).

A recomendação aprovada pela CE ajudará a estabelecer um quadro coerente de regras nacionais em matéria de insolvência, instando os estados-membros a facilitar a

reestruturação de empresas em dificuldades financeiras, numa fase precoce. Ou seja, antes do início de um processo formal de insolvência. Pretende-se evitar longos ou onerosos procedimentos, de modo a contribuir para limitar o recurso à liquidação permitindo que os devedores reestruem as suas atividades, sem necessidade de dar formalmente início a um processo judicial.

## 5.2.6 A ADAPTAÇÃO DOS ESTADOS-MEMBROS

O atual quadro da legal da UE em matéria de insolvência, continua em ajustamento. Vários estados-membros da UE receberam recomendações para reformar vários aspetos dos seus sistemas Judiciais em matéria de insolvência, entre eles estão Espanha, Letónia, Malta e Eslovénia. Vários outros tem vindo a proceder à reforma da sua legislação, visando a recuperação de empresas em dificuldades financeiras, com vista a melhorar o desempenho das suas legislações em matéria de insolvência. Entre estes Países estão o Luxemburgo, os Países Baixos, a Polónia, a Letónia, o Chipre, a Estónia, aCroácia e o Reino Unido.

O “*Programa Revitalizar*”<sup>88</sup>, implementado pelo Governo Português, embora não tenha como pressuposto uma alteração da legislação Portuguesa forçada pela UE, tem por base os efeitos sentidos pelo tecido económico, derivados dessas mesmas insolvências, com a vista a melhorar a difícil vida de muitas PME.

---

<sup>88</sup> Cfr. Resolução do Concelho de Ministros 11/2012 de 03 de Fevereiro

## 6 O PROGRAMA REVITALIZAR

### 6.1 A RCM N°11/2012 DE 03 DE FEVEREIRO

O “*Programa Revitalizar*”<sup>89</sup> foi introduzido no sistema insolvencial Português, tendo em vista, como já vimos, a otimização do enquadramento tributário e financeiro, em que o tecido empresarial desenvolve a sua atividade.

O memorando de entendimento celebrado entre Portugal, o BCE, a UE e o FMI, no quadro do programa de auxílio financeiro a Portugal, previa um conjunto de medidas que tinham como objetivo a promoção de mecanismos de revitalização empresarial.

Tais mecanismos foram dirigidos à recuperação de empresas, através de processos negociais com reduzida intervenção judicial.

A degradação do tecido económico e financeiro, nacional e internacional, e a consequente alavancagem generalizada da banca, vieram agravar as fragilidades das empresas em Portugal, em particular das PME, pelo que se tornou ajustado melhorar o enquadramento legal da *insolvência* e da *recuperação*. Para isso, como já vimos, surgiu o “*Programa Revitalizar*” que assenta em três pilares.

A propósito do primeiro destes pilares, o de natureza financeira que não entra no objeto deste estudo, convém apenas referir que a reanimação da economia portuguesa depende, fundamentalmente, das empresas por a elas caber produzir, prestar serviços, criar emprego, gerar rendimento, consumo e receitas tributárias para o Estado cumprir as suas funções. É determinante apoiá-las com liquidez ou crédito a juro comportável, daí que o legislador pensasse na criação de *fundos de revitalização*.

---

<sup>89</sup>Cfr. **Resolução do Conselho de Ministros 11/2012 de 03 de Fevereiro** “O Programa Revitalizar foi criado pelo XIX Governo com vista à otimização do enquadramento legal, tributário e financeiro, em que o tecido empresarial em Portugal desenvolve a sua atividade. Um dos principais objetivos de política económica do XIX Governo Constitucional consiste na criação de apoios e incentivos à reestruturação e revitalização do tecido empresarial, dadas as externalidades positivas que promove, como sejam a criação de postos de trabalho, o crescimento das exportações, o fomento do desenvolvimento regional, em particular das regiões mais carecidas, o dinamismo das entidades da economia social, bem como o contributo para a estabilização do sistema de segurança social. Também o Memorando de Entendimento sobre as Condicionalidades de Política Económica, celebrado entre a República Portuguesa e o Banco Central Europeu, a Comissão Europeia e o Fundo Monetário Internacional, no quadro do programa de auxílio financeiro a Portugal, prevê um conjunto de medidas que têm como objetivo a promoção de mecanismos de revitalização empresarial tendentes à recuperação de empresas, nomeadamente, através de processos negociais com reduzida ou mesmo nula intervenção em sede judicial. A deterioração do contexto económico e financeiro, nacional e internacional, e a consequente desalavancagem generalizada da banca, vieram agravar as fragilidades das empresas em Portugal, em particular das pequenas e médias empresas (PME), o que resultou no aumento da morosidade no cumprimento das respetivas obrigações contratuais e incumprimentos efetivos.”

Esses financiamentos deveriam permitir às empresas ganhar escala, e serem concedidos com base em projetos consistentes e viáveis. Mas para isso é necessário criar oportunidades de investimento, abrir mercados no país ou no estrangeiro, já que se não houver onde investir e transacionar produtos ou prestar serviços, o financiamento só por si não resolve os problemas das empresas em dificuldades, podendo mesmo contribuir para aumentar os seus problemas.

Todos sabemos que o financiamento não existiu, porque a banca não apoiou projetos onde ela própria teve de reestruturar crédito.

O segundo pilar insere-se no domínio processual, e nele devemos concluir que foram instituídos dois instrumentos de adesão voluntária que são promotores da negociação, com vista a alcançar acordos de revitalização. Um destes instrumentos funciona, como já vimos, em ambiente totalmente extrajudicial e o outro dispõe de um enquadramento judicial limitado aos aspetos organizativos e legais, sem interferência judicial nas negociações entre as partes. Falamos como já vimos do SIREVE e do PER.

O Dec. Lei nº 16/2012, de 20 de Abril, introduziu, um novo processo, o PER, regulado nos Art.º(s) 1.º e 2.º e 17.º-A a 17.º-I do CIRE. Este procedimento “...*pretende assumir-se como um mecanismo célere e eficaz que possibilite a revitalização dos devedores que se encontrem em situação económica difícil ou em situação de insolvência meramente iminente, mas que ainda não tenham entrado em situação de insolvência actual*”<sup>90</sup>.

O SIREVE insere-se no âmbito do Programa de Assistência Económica e Financeira a Portugal e nele se prevê um conjunto de medidas que visam a promoção de “...*mecanismos de recuperação extrajudicial de devedores, ou seja, de procedimentos alternativos ao processo de insolvência, que visam a recuperação da empresa pela via não judicial, promovendo a obtenção de uma solução consensual entre a empresa em dificuldades financeiras e os respetivos credores*”<sup>91</sup>.

Trata-se de um mecanismo, exclusivamente, extrajudicial de recuperação das empresas em situação económica difícil, acompanhado pelo IAPMEI, apoiado como vimos, no *Programa Revitalizar*.

---

<sup>90</sup> Cfr. Lei nº 16/2012 de 20 de Abril

<sup>91</sup> Cfr. Dec. Lei 178/2012 de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei nº 26/2015, de 06 de Agosto.

Abandonou-se assim a definição que constava do Dec. Lei 316/98, de 20 de Outubro, que restringia a empresa a “...*toda a pessoa coletiva dotada de personalidade jurídica e com património autónomo*” conforme preceituava o nº2 do Art.º 1.º, do CIRE.

É necessário que os mecanismos no âmbito da *insolvência* ou da *recuperação* sejam céleres, sendo preponderante a construção de um eficiente e eficaz regime de incentivo às empresas. No âmbito das respostas necessárias à otimização dos processos de revitalização, era fundamental criar condições para que o recurso por parte das empresas aos mecanismos legais disponibilizados ocorresse cada vez mais cedo. Antecipando se possível os problemas mais graves, e evitando que os aspetos desfavoráveis existentes na estrutura e na gestão empresarial possam colocar em causa a revitalização desejada.

SIREVE e PER foram os principais mecanismos postos à disposição das empresas, criando uma dinâmica institucional e económica, que se afirme como alternativa segura ao processo de insolvência, através de consenso entre o devedor em dificuldades financeiras e os seus credores, mas tem deparado com diferentes condicionalismos.

Para MENEZES CORDEIRO, “...*Um dever de negociar traduz-se na obrigação de respeitar certos deveres acessórios, ditados pela boa-fé. Esses deveres obrigam a uma disponibilidade para ouvir e à troca de informações efetivas quanto aos desejos, objetivos e disponibilidades de cada um. Finalmente, eles vedam atitudes bruscas, contraditórias e injustificadas. Sobrelevam, em nome da boa-fé, os anunciados princípios da tutela da confiança e da primazia da materialidade subjacente*”<sup>92</sup>.

### 6.1.1 MUITAS EMPRESAS PODEM SER RECUPERADAS

Em Portugal, só no plano dos instrumentos expressamente disponibilizados pela lei para a recuperação de empresas, contam-se hoje; o plano de insolvência no âmbito da insolvência, o processo especial de recuperação (PER) e o sistema de recuperação de empresas por via extrajudicial (SIREVE), entre outras medidas de mediação.

---

<sup>92</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso do Direito da Insolvência ALMEDINA, COIMBRA, pag 64 e ss., “os deveres mitigados não existem, apenas, “deveres” finais: também lidamos com deveres intercalares e com deveres instrumentais Um dever de negociar traduz-se na obrigação de respeitar certos deveres acessórios, ditados pela boa-fé. Esses deveres obrigam a uma disponibilidade para ouvir e à troca de informações efetivas quanto aos desejos, objetivos e disponibilidades de cada um. Finalmente, eles vedam atitudes bruscas, contraditórias e injustificadas. Sobrelevam, em nome da boa-fé, os anunciados princípios da tutela da confiança e da primazia da materialidade subjacente”.

Como refere CATARINA SERRA, “...a proposta mais simples e que tem mais apoio na lei portuguesa é a divisão dos instrumentos em judiciais e instrumentos extrajudiciais. Vendo bem, em Portugal, sobretudo desde que foi eliminado, pelo Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas, o processo judicial de recuperação, toda a recuperação assenta na celebração de acordos. Portanto, classificações com base na natureza (contratual ou não) dos instrumentos não são muito úteis. O que os distingue, e pode, por isso, ser usado como critério, é justamente, o grau de intervenção judicial”<sup>93</sup>.

CATARINA SERRA refere que “...quem tem alguma noção dos mecanismos de recuperação e acompanhou a sua evolução, alguns dos princípios não são difíceis de identificar. O princípio fundamental é, claramente, o princípio da recuperação ou primado da recuperação. Corresponde à ideia de que a recuperação (extrajudicial ou não) é a melhor solução para os interesses de todos os sujeitos envolvidos”<sup>94</sup>.

A estrutura financeira das empresas nacionais é na sua grande maioria desequilibrada, com elevada dependência do financiamento de terceiros, em particular da banca. As empresas possuem em muitos casos, capitais próprios inferiores ao desejável e muitas vezes tem uma estrutura de gestão pouco profissional. A sua matriz e natureza familiar nem sempre favorece o seu desempenho.

Para CATARINA SERRA, “...o primado da recuperação tem tido uma relevância oscilante ao longo dos últimos tempos, que pode sintetizar-se como da insignificância à hiperbolização. É inegável, porém, o seu fundamento em interesses de natureza pública: entre outros interesses de aparente menor dignidade (a sobrecarga dos tribunais, as despesas derivadas do curso de um processo de insolvência), os interesses ligados à reestruturação de empresas em crise e à recuperação da economia.”<sup>95</sup>

Sobre a evolução do interesse público da recuperação nos principais ordenamentos jurídicos destacamos o pensamento de CATARINA SERRA<sup>96</sup>.

“Estas situações conduzem à destruição de emprego, prejudicando os objetivos de coesão territorial. Muitas das empresas que se encontram na situação difícil atrás

---

<sup>93</sup> Cfr. SERRA, Catarina, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina

<sup>94</sup> Cfr. SERRA, Catarina, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina

<sup>95</sup> Cfr. SERRA, Catarina, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina

<sup>96</sup> Cfr. SERRA, Catarina, II Congresso do Direito da Insolvência, “ALMEDINA, COIMBRA, pag 76 e ss.refere na falência no quadro da tutela jurisdicional dos direitos de crédito – a natureza jurídica do processo de liquidação é aplicável à insolvência no direto português.”

*referida poderão ser efetivamente recuperadas, se for possível encetar um conjunto de medidas conducentes a melhorar a sua gestão.”*

Como escreve CATARINA SERRA, “ *a decisão de recuperar deve, portanto, obedecer a um critério e esse critério é, por motivos de eficácia económica, a recuperabilidade da empresa, pelo que o primado da recuperação impõe que se recupere a empresa apenas quando se justifique ou, numa fórmula mais positiva, que se recupere a empresa sempre que se justifique. Ao erigir-se a recuperabilidade como condição da recuperação de empresas sai, de certa forma, reforçado o primado da recuperação* ”.<sup>97</sup>

Pensava-se assim reconfigurar, adequadamente, o modelo de negócio dessas empresas procedendo à sua reestruturação financeira, com a introdução de mecanismos de financiamento de médio e longo prazo o que naturalmente a prática demonstrou não ter acontecido. O mesmo se verificou com a inexistência de apoio ao fundo de maneio dessas empresas, parecendo que a medida falhou por inexistência de apoio direto e formal.

No que respeita, à universalidade como subprincípio do primado da recuperação, refere CATARINA SERRA<sup>98</sup> que “*os acordos de recuperação propriamente ditos defrontam-se (não por acaso) com os princípios fundamentais do direito dos contratos*”.

Conforme refere CATARINA SERRA “*O princípio da liberdade contratual assenta na liberdade de conclusão do contrato (as pessoas podem, em princípio, celebrar ou recusar-se a celebrar os contratos que lhes aprouver) e na liberdade de conformação do contrato* ”<sup>99</sup>.

## 6.1.2 UMA RESPOSTA ESTRATÉGICA

Para CATARINA SERRA<sup>100</sup> “*é cada vez mais claro, que é ao intérprete que compete preencher os vazios provocados por uma legislação cada vez mais abundante e fragmentária. As duas hipóteses abordadas confirmam, desde já, a ideia de que recuperação é um sistema subordinado a princípios e, portanto, de que é legítimo interpretar as normas e integrar as lacunas com recurso ao sistema*”.

O objetivo evidente é o de revitalizar empresas viáveis.

---

<sup>97</sup> Cfr. SERRA, Catarina, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, pp 71 e ss

<sup>98</sup> Cfr. SERRA, Catarina, : II Congresso -Direito das Sociedades em Revista, Coimbra, Almedina, pp 71 e ss.

<sup>99</sup> Cfr. SERRA, Catarina, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, pp 71 e ss.

<sup>100</sup> Cfr. SERRA, Catarina, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, pp 71 e ss.

Para isso é também necessário um ambiente regulamentar e tributário adequado, daí resultando mais uma alteração do CIRE com vista a permitir que as empresas regularizem os compromissos assumidos para com os seus credores, estabilizando a sua situação financeira.

Mesmo neste contexto, MARIA JOSÉ COSTEIRA<sup>101</sup> refere “...o actual regime de insolvência dá primazia à liquidação em detrimento da recuperação.”

Para MARIA JOSÉ COSTEIRA<sup>102</sup>, o programa revitalizar “visa dar uma resposta estratégica, para dar uma resposta global à importância temática da revitalização do tecido empresarial em Portugal, sendo por isso necessário apostar em mecanismos céleres, sendo fundamental criar condições para que o recurso por parte das empresas aos mecanismos legais disponibilizados, ocorresse cada vez mais cedo antecipando os problemas mais graves em obediência a princípios estruturantes e de boa-fé”<sup>103</sup>.

## 6.2 PRINCÍPIOS ORIENTADORES DA RECUPERAÇÃO DE DEVEDORES

### 6.2.1 RCM Nº 43/2011 DE 25 DE OUTUBRO

Entre as diferentes medidas previstas no memorando de entendimento estabelecido entre Portugal, o BCE a UE e o FMI, consideradas necessárias para encetar este compromisso de recuperação de empresas, encontrava-se a aprovação dos *Princípios*

---

<sup>101</sup> Cfr. COSTEIRA, Maria José, II Congresso Direito da Insolvência, Almedina, Coimbra, pag 100 ss.

<sup>102</sup> Cfr. COSTEIRA, Maria José, II Congresso Direito da Insolvência, Almedina, Coimbra, pag 100 ss.

<sup>103</sup> Cfr. Resolução do Conselho de Ministros 11/2011 de 03 de Fevereiro “Ao lançar o Programa Revitalizar, o Governo tinha em vista à otimização do enquadramento legal, tributário e financeiro em que o tecido empresarial em Portugal desenvolve a sua atividade, de modo a fomentar projetos empresariais operacionalmente viáveis, mas em que a componente financeira se encontra desajustada face ao modelo de negócio em que aqueles projetos se inserem e às condicionantes existentes no panorama económico-financeiro atual 2 - Estabelecer como objetivos prioritários do Programa Revitalizar: a) A execução de mecanismos eficazes de revitalização de empresas viáveis nos domínios da insolvência e da recuperação de empresas; b) O desenvolvimento de mecanismos céleres e eficazes na articulação das empresas com o Estado, em particular com a Segurança Social e a Administração Tributária, tendo em vista o desenho de soluções que promovam a viabilização daquelas; c) O reforço dos instrumentos financeiros disponíveis para a capitalização e reestruturação financeira de empresas, com particular enfoque no capital de risco e em outros instrumentos que em simultâneo concorram para o desenvolvimento regional; d) A facilitação de processos de transação de empresas ou de ativos empresariais tangíveis ou intangíveis; e) A agilização da articulação entre as empresas e os instrumentos financeiros do Estado e os do sistema financeiro, com vista a acelerar processos decisórios e a assegurar o êxito das operações de revitalização empresarial - Criar uma Comissão de Dinamização e Acompanhamento Interministerial do Programa Revitalizar, coordenada pelo Ministério da Economia e do Emprego e integrada por representantes dos Ministérios das Finanças, da Justiça e da Solidariedade e da Segurança Social. 4 - Determinar que, no prazo de 30 dias a contar da data da publicação da presente resolução, seja apresentado um primeiro conjunto de iniciativas do Programa Revitalizar.”

*Orientadores da Recuperação Extrajudicial de Devedores*<sup>104</sup>, publicados em anexo, à RCM n.º 43/2011 de 25 de outubro.

Estes princípios de inegável relevância para o relacionamento entre credores e devedores, foram apresentados como “...um instrumento de adesão voluntária, destinado a promover a eficácia dos procedimentos extrajudiciais de recuperação”.

O relevo dado a estes mecanismos decorre do facto de se considerar que, em comparação com o processo judicial de insolvência, estes procedimentos em virtude da sua flexibilidade e eficiência permitirem alcançar diversas vantagens.

Os *Princípios Orientadores da Recuperação Extrajudicial de Devedores*, confirmam que entre os corolários do *dever de consideração*, “*está um dever de cooperação construtiva entre os credores envolvidos e o devedor em dificuldades.*”

Como refere MENEZES CORDEIRO “*Em primeiro lugar, as partes devem actuar de boa-fé, na busca de uma solução construtiva que satisfaça todos os envolvidos (Segundo princípio); em segundo lugar, os credores envolvidos devem cooperar (...) com o devedor (Quarto princípio), designadamente, concedendo-lhe um período de suspensão (Quarto e Quinto princípios); em terceiro lugar, os credores envolvidos devem cooperar entre si*”<sup>105</sup>.

## 6.2.2 O COMPROMISSO 2.18

O memorando de entendimento determinava, como já vimos, um conjunto de medidas que tinham como objetivo a promoção dos mecanismos de reestruturação extrajudicial de devedores. Permitiria que antes de recorrerem ao processo judicial de insolvência, as empresas que se encontrem numa situação financeira difícil e os respetivos credores, possam optar por um acordo extrajudicial que visará a recuperação do devedor, permitindo-lhe continuar em atividade económica.

As empresas, mantendo-se em atividade, atingem uma taxa de recuperação de crédito mais elevada, podendo manter as suas relações jurídicas e económicas. Pelo que

---

<sup>104</sup> Cfr. **Resolução do Conselho de Ministros 43/2011 de 25 de Outubro** “O preâmbulo dos Princípios Orientadores da Recuperação Extrajudicial de Devedores fala de um interesse público em *Libertar os tribunais para outros processos, contribuindo (...) para uma maior eficiência e celeridade do sistema judicial*”.

<sup>105</sup> Cfr. **CORDEIRO, António Menezes**, II Congresso Direito da Insolvência, Almedina, Coimbra, pag 100 ss.

os procedimentos extrajudiciais de recuperação de devedores são instrumentos fundamentais numa estratégia de recuperação e viabilização de empresas em dificuldade económica. No entanto, o sucesso destes procedimentos depende de um conjunto de condições que têm de ser reunidas e conhecidas dos interessados.

Daí que, entre os compromissos assumidos por Portugal no referido memorando de entendimento, existisse o compromisso de definir “...*princípios gerais de reestruturação voluntária extra judicial em conformidade com boas práticas internacionais*”.<sup>106</sup>

Estes princípios gerais consistem, no fundo, num conjunto de regras a serem seguidas pelas partes, se assim o entenderem, com o objetivo de potenciar o processo negocial tendo em vista a recuperação de uma empresa, segundo regras de boa -fé e cooperação. Como refere NUNO PINTO OLIVEIRA<sup>107</sup> “...os argumentos textuais retirados dos princípios orientadores da recuperação extrajudicial de devedores, dos Art.º (s). 1.º, 2.º, e 17.º - C do Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas, na redação da Lei nº 16/2012, e dos Art.º(s). 2.º e 3.º Decreto-Lei nº 178/2012, de 03 de agosto que são, porém, contrariados por argumentos extratextuais – em particular, por argumentos extratextuais relacionados com a cláusula geral da boa fé. Os argumentos textuais causam a impressão de que a recuperação ou revitalização de um devedor/de uma empresa através de um procedimento de (re) negociação do contrato, não corresponde ao “cumprimento” de nenhum dever”. Estes argumentos causam a impressão de que correspondem ao cumprimento de um dever de cooperação.

Concordando com a lógica adversa a deveres de consideração ou de solidariedade do CIRE, o preâmbulo da RCM nº 43/2011, de 23 de Outubro, que aprovou os *Princípios Orientadores da Recuperação Extrajudicial de Devedores*, apresenta os procedimentos extrajudiciais de recuperação/de revitalização de devedores baseados na “*vontade dos credores de ajudar o devedor*” como procedimentos de adesão voluntária ou procedimentos voluntários. Os “*Princípios Orientadores*”<sup>108</sup> resultam assim num conjunto de regras a serem seguidas pelas partes, se elas assim o entenderem.

---

<sup>106</sup> Cfr. Ponto 2.18 do memorando “Princípios gerais de reestruturação voluntária extra judicial” em conformidade com boas práticas internacionais serão definidos até fim de Setembro de 2011”.

<sup>107</sup> Cfr. OLIVEIRA, Nuno Pinto, II Congresso Direito da Insolvência, Almedina, Coimbra, pag 166 e ss.

<sup>108</sup> Cfr. Resolução do Conselho de Ministros 43/2011 de 25 de Outubro.

Os interesses prosseguidos pelos procedimentos extrajudiciais de recuperação/de revitalização de empresas são, simultaneamente, interesses públicos e interesses privados. O devedor está interessado em manter a empresa em atividade, e ter maior controlo do processo e das soluções adotadas. Os credores estão interessados em reduzir as suas perdas: Os dados estatísticos apontam para “...uma maior recuperação de créditos nos casos de recuperação extrajudicial de empresas, quando comparada com os casos de insolvência e liquidação do património do devedor”. O Estado deveria estar interessado em reduzir as perdas do sistema económico e social.

### 6.2.3 A COOPERAÇÃO CONSTRUTIVA

Entre os corolários do *dever de cooperação construtiva* está o *dever de negociação*.

Como refere NUNO PINTO OLIVEIRA “o devedor há-de apresentar propostas razoáveis para resolver os seus problemas financeiros: o Quarto princípio dá-lo de uma forma mais clara, ao explicar que o fim do período de suspensão é conceder ao devedor um “período de tempo suficiente (...) para (...) apresentar propostas para resolver os seus problemas financeiros”; o Nono e o Décimo princípios dizem-no de uma forma (um pouco) menos clara, ao explicar que as propostas apresentadas devem “refletir a lei vigente”, “refletir (...) a posição relativa de cada credor” e sustentar-se em “plano de negócios viável e credível”<sup>109</sup>.

O segundo princípio, ao consagrar um “dever (dos credores) de atuar de boa-fé na busca de uma solução construtiva”, contém um indício de que os credores hão-de dar uma resposta razoável às propostas apresentadas pelo devedor e o Terceiro princípio, ao consagrar um direito dos credores de designar consultores e representantes, converte-o em indício “reforçado”.

O devedor está adstrito a um dever de “cooperação construtiva” com os credores e os credores estão adstritos a um dever de “cooperação construtiva” com o devedor. Entre os corolários do dever de “cooperação construtiva” está um *dever de negociação*.

“O PER previsto e regulado nos Art.º(s). 17.º -A a 17.º-I do CIRE”<sup>110</sup> e o “SIREVE”, subordinam a assunção de negociações para a recuperação do devedor ao preenchimento cumulativo de dois requisitos.

---

<sup>109</sup> Cfr. OLIVEIRA, Nuno Pinto, II Congresso Direito da Insolvência, Almedina, Coimbra.

<sup>110</sup> Cfr. Lei nº 16/2012, de 20 de Abril

Em primeiro lugar, “o devedor terá de encontrar-se, pelo menos, em situação económica difícil”<sup>111</sup>. Em segundo lugar, ainda que o devedor se encontre pelo menos em situação económica difícil, “há-de ser suscetível de recuperação ou de revitalização”<sup>112</sup>.

#### 6.2.4 ONZE PRINCIPIOS ORIENTADORES QUE AFINAL SÃO APENAS RECOMENDAÇÕES

A boa-fé surge ao longo dos *Princípios Orientadores da Recuperação Extrajudicial de Devedores*<sup>113 114 115</sup> sendo hoje reconhecida como um instituto jurídico geral, aplicável em todas as disciplinas: desde o Direito Constitucional às diversas áreas processuais. Este sucesso deve-se à sua própria natureza, como refere MENEZES CORDEIRO<sup>116</sup> “...não se trata de um instituto comum: antes de um vetor transversal que dá corpo a um modo integrado de funcionamento da Ciência do Direito...muitas vezes sucede nos Direitos de tipo continental, a boa-fé desenvolveu as suas especiais qualidades ao longo da História, obtendo uma radicação especial no campo civil.”

Cumprido neste âmbito ter presente o teor do Art.º 227º do CC, que estatui que “*Quem negocia com outrem para conclusão de um contrato deve, tanto nos preliminares como na formação dele, proceder segundo as regras da boa-fé, sob pena de responder pelos danos que culposamente causar à outra parte. 2. A responsabilidade prescreve nos termos do Artº498.º do CC.*”

---

<sup>111</sup> Cfr. Dec.-Lei 178/2012 de 03 de agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de Fevereiro

<sup>112</sup> Cfr. Dec.-Lei 178/2012 de 03 de agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de Fevereiro

<sup>113</sup> **PRIMEIRO PRINCIPIO.**º “O procedimento extrajudicial de recuperação consiste em negociações entre o devedor e os credores envolvidos, visando obter um acordo que permita a efectiva recuperação do primeiro; é um compromisso assumido entre as duas partes, e não um direito, apenas devendo ser iniciado quando os problemas financeiros do devedor sejam ultrapassáveis e exista forte probabilidade de ele se manter em actividade após a conclusão do acordo.”

<sup>114</sup> **SEGUNDO PRINCIPIO** “Durante todo o procedimento, as partes devem actuar de boa fé”, na busca de uma solução construtiva que satisfaça todos os envolvidos. Está de boa -é quem, nas negociações, age com diligência, lealdade, zelo e respeito pelos interesses da contraparte, criando um clima de confiança necessário à justa harmonização dos interesses em confronto.”

<sup>115</sup> **TERCEIRO PRINCIPIO** “De modo a garantir uma abordagem unificada por parte dos credores”, que melhor sirva os interesses de todas as partes, os credores envolvidos podem criar comissões e ou designar um ou mais representantes para negociar com o devedor. As partes podem, ainda, designar consultores que as aconselhem e auxiliem nas negociações, em especial nos casos de maior complexidade.”

<sup>116</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso Direito da Insolvência, Almedina, Coimbra.pp 11 e ss

## 6.2.5 O PRINCÍPIO GERAL DA BOA-FÉ

A boa-fé impõe a observância dos deveres de segurança, de lealdade e de informação de modo assegurar a tutela da confiança e a primazia da materialidade subjacente, refere MENEZES CORDEIRO<sup>117</sup>, “...ao abrigo da boa-fé, as partes devem efetivamente negociar, procurando soluções”

Em Estados de direito, o interesse em *libertar os tribunais* pressupõe que os conflitos possam ser prevenidos ou adequadamente resolvidos por terceiros imparciais.

Para NUNO PINTO OLIVEIRA<sup>118</sup>, “...o devedor há-de comunicar aos credores envolvidos que estão preenchidos os dois pressupostos (da possibilidade) de uma (re) negociação: em primeiro lugar, há-de comunicar-lhe que está (pelo menos) em situação económica difícil e, em segundo lugar, que é susceptível de recuperação.

*O regime do processo especial de revitalização consagra implicitamente uma “presunção” de que as declarações do devedor são declarações correctas”.*

NUNO PINTO OLIVEIRA<sup>119</sup> refere ainda que o “princípio geral da boa-fé deve aplicar-se às relações obrigacionais entre o devedor/empresa em situação económica difícil e os seus credores”.

“Entre os corolários de um dever de consideração, deve estar um dever de cooperação construtiva, sendo certo que entre os corolários de um dever de cooperação construtiva, está um dever de negociação”, como nos diz NUNO PINTO OLIVEIRA<sup>120</sup>,

---

<sup>117</sup> Cfr. CORDEIRO, António Menezes, II Congresso Direito da Insolvência, Almedina, Coimbra. pp. 11 e ss

<sup>118</sup> Cfr. OLIVEIRA, Nuno Pinto, II Congresso Direito da Insolvência, Almedina, Coimbra. pp 153 e ss

<sup>119</sup> Cfr. OLIVEIRA, Nuno Pinto, II Congresso Direito da Insolvência, Almedina, Coimbra. pp 153 e ss

<sup>120</sup> Cfr. OLIVEIRA, Nuno Pinto, II Congresso Direito da Insolvência, Almedina, Coimbra. pp 153 e ss

o que se extrai dos *Princípios orientadores da recuperação extrajudicial de devedores* 121 122 123 124 125 126 127 128 .

Embora sendo estes princípios meras recomendações, mostram-se determinantes para a compreensão da preservação de empresas, pelo que as empresas em dificuldades tem naturais expectativas com o ambiente que envolve estes procedimentos.

---

<sup>121</sup> **QUARTO PRINCÍPIO.**º “Os credores envolvidos devem cooperar entre si e com o devedor, concedendo a este um período de tempo suficiente (mas limitado) para obter e partilhar toda a informação relevante e elaborar e apresentar propostas de resolução dos seus problemas finance”

<sup>122</sup> **QUINTO PRINCÍPIO** “Durante o período de suspensão, os credores envolvidos não devem agir judicialmente contra o devedor, comprometendo-se a não intentar novas acções e a suspender as que se encontrem pendentes.”

<sup>123</sup> **SEXTO PRINCÍPIO** “Durante o período de suspensão, o devedor compromete-se a não praticar qualquer acto que prejudique os direitos e as garantias dos credores (conjuntamente ou a título individual), ou que, de algum modo, afecte negativamente as perspectivas dos credores de verem pagos os seus créditos, em comparação com a sua situação no início do período de suspensão.”

<sup>124</sup> **SÉTIMO PRINCÍPIO** “O devedor deve adoptar uma postura de absoluta transparência durante o período de suspensão, partilhando toda a informação relevante sobre a sua situação, nomeadamente a respeitante aos seus activos, passivos, transacções comerciais e previsões da evolução do negócio.”

<sup>125</sup> **OITAVO PRINCÍPIO** “Toda a informação partilhada pelo devedor, incluindo as propostas que efectue, deve ser transmitida” a todos os credores envolvidos e reconhecida por estes como confidencial, não podendo ser usada para outros fins, excepto se estiver publicamente disponível.”

<sup>126</sup> **NONO PRINCÍPIO** “As propostas apresentadas e os acordos realizados durante o procedimento, incluindo aqueles que apenas envolvam os credores, devem reflectir a lei vigente e a posição relativa de cada credor.”

<sup>127</sup> **DÉCIMO PRINCÍPIO.**º “As propostas de recuperação do devedor devem basear-se num plano de negócios viável e credível, que evidencie a capacidade do devedor de gerar fluxos de caixa necessários ao plano de reestruturação, e que demonstre não ser este apenas um expediente para atrasar o processo judicial de insolvência. O plano de negócios deve conter também informação respeitante aos passos a dar pelo devedor de modo a ultrapassar os seus problemas financeiros.”

<sup>128</sup> **DÉCIMO PRIMEIRO PRINCÍPIO.**º “Se durante o período de suspensão ou no âmbito da reestruturação da dívida for concedido financiamento adicional ao devedor, o crédito resultante deve ser considerado pelas partes como garantido”

## 7 O EMPRESÁRIO PERANTE A NECESSIDADE DE DECIDIR

### 7.1 AS DIFICULDADES SÃO UM ESTÁDIO NA VIDA DAS EMPRESAS

As empresas têm um ciclo de vida próprio cuja duração não está definida à partida. As dificuldades, apesar de indesejadas, são um estágio pelo qual acabam por passar muitas delas o que poderá levar os empresários ao dever de negociar o futuro das suas empresas.

As dificuldades podem ter características temporárias ou ser o resultado de um longo período de *doença* da empresa. Podem ser classificadas como dificuldades económicas ou como dificuldades financeiras. Perante essas dificuldades, o empresário deve decidir conscientemente, devendo observar e decidir na presença de toda a informação técnica de que se possa reunir. Deve averiguar se essas dificuldades recomendam uma imediata ação na proteção dos interesses de todos os seus credores, através de um pedido de insolvência ou se, por sua vez, são dificuldades ultrapassáveis por via de uma *medida de recuperação*.

A *recuperação* é uma finalidade possível do processo de insolvência, em alternativa à liquidação, que o empresário deve contemplar na sua decisão.

O princípio ou regra da universalidade é um princípio concretizador do *primado da recuperação*. Assenta na ideia de que a *recuperação* é mais eficaz se envolver todos os sujeitos relevantes. É ele que justifica o crescente acolhimento de dispositivos legais dirigidos a alargar os efeitos jurídicos de *recuperação*.

Como se extrai das palavras de CATARINA SERRA<sup>129</sup> “*eventuais vantagens dos instrumentos judiciais puros face aos instrumentos extrajudiciais, residem principalmente nos efeitos processuais da declaração de insolvência nos efeitos universais do plano de recuperação. A verdade é que estas vantagens já não são exclusivas. Nomeadamente através dos instrumentos híbridos conseguem-se hoje os mesmos efeitos, evitando-se os inconvenientes dos instrumentos judiciais puros*”. O SIREVE é um instrumento extrajudicial.

---

<sup>129</sup> Cfr. SERRA, Catarina, II Congresso de Direito de Insolvência, Almedina, pp 71 e ss

## 7.2 DIFICULDADES ECONÓMICAS OU DIFICULDADES FINANCEIRAS?

As dificuldades económicas estão associadas à viabilidade do negócio, enquanto as dificuldades financeiras poderão ocorrer por via de situações imprevistas. De salientar que as dificuldades económicas levarão, mais tarde ou mais cedo, ao surgimento de dificuldades financeiras, sendo uma das suas possíveis causas.

A solução para as empresas com dificuldades económicas, terá de decorrer de alterações no modelo de negócio, sendo a viabilização de uma empresa com dificuldades económicas normalmente muito complexa.

As empresas com dificuldades financeiras podem ter ou não viabilidade económica, contudo essas dificuldades, tendem a ser mais notadas quando a tesouraria da empresa começa a estrangular, não respondendo aos compromissos assumidos.

### 7.2.1 O DIAGNÓSTICO

Quando a situação financeira da empresa se deteriora, importa diagnosticar<sup>130</sup> todas as suas causas, devendo desde logo encontrar-se soluções que permitam não entrar numa situação de incumprimento.

Nestas situações a empresa deverá rever o seu plano de negócios, adiar ou cortar investimentos não prioritários, procurar reduzir custos, negociar o alargamento do prazo de pagamento a fornecedores, entre outras medidas.

A sua administração/gerência e os seus mais diretos colaboradores devem estar conscientes das dificuldades, importando notar que o adiamento do problema, na maioria dos casos, levará ao seu agravamento. Todas as decisões devem ter em consideração a situação da empresa.

Pode prever-se na grande maioria dos casos, a situação de dificuldade pelos indicadores do negócio, podendo a deterioração destes ajudar a prever as dificuldades da empresa num futuro próximo.

---

<sup>130</sup> Cfr. Raposo Subtil & Associados. GUIA PRÁTICO da RECUPERAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DE EMPRESAS, VIDA ECÓNOMICA, PORTO. pp 30 e ss. “ identificação dos sintomas referenciados e a informação complementar recolhida no âmbito da *due diligence* deverão coligir elementos bastantes para traçar um diagnóstico ao qual cumpre definir, alcance e limites da operação de reestruturação”.

É importante na *recuperação*, decidir o futuro imediato.

### 7.2.2 AS PARTICULARIDADES DAS ÉPOCAS DE CRISE

As épocas de crise económica são propícias a oportunidades que podem proporcionar a diferenciação da empresa, face á sua concorrência. Nesta fase as empresas tendem a oferecer novas soluções e novos produtos ou serviços. Mas um ciclo de crise provoca normalmente reduções na procura, e maiores restrições na obtenção de financiamento, pelo que estas fases tendem tornar-se ameaças ao futuro das entidades empresariais.

As dificuldades que surgem durante um período de crise, são tradicionalmente associadas a meras dificuldades financeiras, contudo, pode também tratar-se-á de inviabilidade económica do negócio.

Em caso de inviabilidade económica, o arrastamento no tempo, de uma decisão que pode ser de revitalização, levará ao avolumar dos problemas.

### 7.2.3 A DECISÃO

As empresas em dificuldades não se recuperam só por si, sendo necessário percorrer um longo caminho, que começa com uma decisão certa e atempada do empresário e dos seus consultores. O devedor há-de apresentar aos credores uma proposta razoável de recuperação. Os critérios de apreciação da razoabilidade ou não, das propostas resultam do nono e décimo princípio orientador.

Só podem ser consideradas razoáveis as propostas de recuperação que reflitam a lei vigente, e dentro daquelas as que reflectam a lei vigente. Só podem ser consideradas razoáveis as propostas de recuperação que reflitam a *posição relativa de cada credor*.

Em terceiro lugar, dentro daquelas que reflectam a lei vigente e a *posição relativa de cada credor*, só podem ser consideradas razoáveis as *propostas de recuperação* do devedor/empresa baseadas “...num plano de negócios viável e credível”<sup>131</sup>.

---

<sup>131</sup> O plano de negócios deve conter informação sobre “os passos a percorrer pelo devedor de modo a ultrapassar os seus problemas financeiros”; O plano de negócios deve demonstrar (“evidenciar”) a capacidade do devedor “de gerar (os) fluxos de caixa necessários ao plano de reestruturação”; “evidenciando” a capacidade do devedor de gerar os fluxos de caixa necessários, o plano de negócios/de reestruturação deve “demonstrar que o (procedimento extrajudicial) não é apenas um expediente para atrasar o processo judicial de insolvência.”

### 7.3 INSOLVÊNCIA OU REVITALIZAÇÃO

A “insolvência”<sup>132</sup> ou “recuperação”<sup>133</sup> são faces de moedas diferentes. A primeira significa um estado final sem regresso, constitui o último caminho para o fim de uma entidade empresarial. A segunda constitui um caminho de esperança, que terá de ser prudente e consciente.

Com a noção dos mecanismos de *recuperação*, emerge um princípio fundamental que corresponde ao *princípio da recuperação* ou *primado da recuperação*, que podendo ser extrajudicial ou não, será sempre a melhor solução para os interesses de todos os sujeitos envolvidos.

Como temos vindo a procurar demonstrar, em cada momento a vida das empresas pode forçar á tomada de medidas, técnicas e jurídicas relevantes.

CARVALHO FERNANDES e JOÃO LABAREDA consideram que o conceito de insolvência iminente se caracteriza pela “*ocorrência de circunstâncias que não tendo ainda conduzido ao incumprimento em condições de poder considerar-se situação de insolvência já atual, com toda a probabilidade a vão determinar a curto prazo, exatamente pela insuficiência do ativo líquido e disponível para satisfazer o passivo exigível*”<sup>134</sup>.

Com uma definição semelhante, ainda que mais simplificada, temos CATARINA SERRA que estabelece que “*...a insolvência iminente é a situação em que o devedor antevê que estará impossibilitado de cumprir as obrigações quando elas se vencerem, no futuro próximo*”<sup>135</sup>.

Conclui-se então, que estão aqui em causa as obrigações vincendas e não as vencidas, caso contrário teríamos já uma situação de insolvência atual.

No entanto, e apesar do esforço doutrinal de definição desta figura, a verdade é que a possibilidade de na prática, se distinguir com absoluta certeza a *insolvência iminente* da *situação económica difícil* e até mesmo da situação de *insolvência atual* é muito difícil.

---

<sup>132</sup> Cfr. SERRA, Catarina. Regime Português da Insolvência, Almedina, Coimbra, 2012, pag 36 e ss.”a insolvencia é em geral a impossibilidade de o devedor cumprir as suas obrigações vencidas”.

<sup>133</sup> Cfr. SERRA, Catarina. O Regime Português da Insolvência, Almedina, Coimbra, 2012, pag 16 e ss “a recuperação pressupõe uma medida de revitalização de um devedor que se encontra em situação económica difícil mas é recuperável, O Regime Português da Insolvência, Almedina, Coimbra, 2012, pag 16 e ss”.

<sup>134</sup> Cfr. FERNANDES, Luis A. Carvalho / LABAREDA, João. Código Da Insolvência Anotado.

<sup>135</sup> Cfr. SERRA, Catarina. O Regime Português da Insolvência, Almedina, Coimbra, 2012.

### 7.3.1 LIQUIDAÇÃO OU SANEAMENTO

Não obstante as divergências envolvendo a primazia da falência conservação/recuperação e a falência/saneamento, com as dificuldades de interpretação prevalência dos interesses exclusivos dos credores face á falência /liquidação a partir da segunda metade da década de 1990, países como Alemanha, Portugal e Espanha, passaram a sustentar que a ideia de recuperação/conservação ou liquidação de empresas, deve ser discutida e decidida pelos credores.

Qualquer destas opções transfere, o destino da empresa insolvente, para a vontade dos credores. A doutrina divide-se sobre esta matéria.<sup>83</sup>

A ideia da *recuperação de empresas* é relativamente recente no direito da falência ou da insolvência, a *falência/liquidação* era a conceção tradicional, vindo progressivamente ganhar adeptos o conceito da *falência/saneamento*. Como já vimos conceção da falência-saneamento foi em grande medida consagrada no CPEREF, podendo parecer que, com o CIRE, se regressou à *falência-liquidação*<sup>136 137</sup>.

Há que ponderar, todavia, alguns aspetos:- Dispõem os credores de dois caminhos para aproveitarem do património do devedor: O caminho da liquidação dos bens integrantes da massa insolvente, e consequente repartição dos resultados distribuíveis, ou o caminho da recuperação onde podem regular dentro dos limites da Lei, o modo como serão satisfeitos os seus interesses. Podem ainda optar por um *plano de insolvência* visando a recuperação da empresa compreendida na massa insolvente.

Ao empresário em dificuldades não cabe, em qualquer dos casos, decidir o futuro da sua empresa sem a opinião e acordo dos seus credores, mas deve tomar a iniciativa de

---

<sup>136</sup> A propósito **Código de Insolvência e Recuperação de Empresas de Portugal, CIRE, Jorge Manuel Coutinho de Abreu** entende que “apesar de não dar primazia à recuperação das empresas, ao contrário do que fazia o CPEREF, também não dá prevalência à liquidação. Segundo este autor o CIRE confere antes aos credores o poder de decidir qual a via a seguir.”

<sup>137</sup> Cfr.”. **FERNANDES, Luís A. Carvalho; LABAREDA, João**. Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas Anotado. Lisboa: Quid Juris, 2008. P. 58. referem que “o processo de insolvência é um processo de execução universal que tem como finalidade a liquidação do património de um devedor insolvente e a repartição do produto obtido pelos credores ou a satisfação destes pela forma prevista num plano de insolvência, que nomeadamente se baseie na recuperação da empresa compreendida na massa insolvência”, o que levou parte da doutrina jurídica portuguesa a sustentar que “apesar de o preceito parecer rejeitar qualquer preferência por uma ou outra das vias alternativas de satisfação dos interesses dos credores, é, realmente, a liquidação do passivo na forma tradicional que acaba por prevalecer em razão de sua supletividade”.

se apresentar de forma diligente a uma das medidas que achar mais adequadas, a *insolvência* ou a *recuperação*.

Este trabalho tem como finalidade mostrar a *recuperação/revitalização* como caminho adequado, em muitos casos, para a resolução das dificuldades das empresas. Cabe ao empresário a decisão, atendendo a dois pressupostos diferentes. O primeiro tem a ver com o fato do caminho da *insolvência* ser estreito e sem retorno, e o segundo, porque impõe que a *recuperação* seja um ato consciente da capacidade de mobilizar o negócio, com vista a alcançar resultados que interessem à empresa e aos seus credores.

### 7.3.2 A DECISÃO PELO SIREVE OU PELO PER

No quadro legislativo do *programa revitalizar*, o contexto negocial disponível para encetar de forma integrada processos negociais de recuperação de devedores, fora do processo de insolvência, encontra-se consagrado no SIREVE, criado pelo Dec Lei nº 178/2012, de 3 de Agosto, e no PER, com base nos Art.º(s) 17.º-A a 17.º-I do CIRE -, na redação que lhe foi conferida pela Lei nº 16/2012, de 20 de abril, pelo que a opção do devedor cabia, até fevereiro de 2015, na sua própria vontade.

Estas duas vias de revitalização eram opcionais e alternativas em qualquer fase da decisão, porque deixavam ao empresário a possibilidade de escolher entre dois instrumentos. Se pretendesse uma via mais confidencial optaria pelo SIREVE, que lhe permitiria maior controlo da situação, se essa opção não fosse determinante poderia optar pelo PER. Porém esta decisão do empresário foi agora condicionada pela entrada em vigor do Dec. Lei nº 26/2015, de 06 de fevereiro, como veremos.

### 7.3.3 SIREVE E PER, VISAM ESTABELEECER UM PROCESSO NEGOCIAL

Quer o SIREVE quer o PER são sistemas para *revitalização/ recuperação* que visam estabelecer um processo negocial de adesão voluntária entre devedor e a totalidade, ou pelo menos a maioria dos seus credores. Ambos tem em vista obter um acordo que permita a efetiva recuperação do devedor. Os dois procedimentos eram inicialmente *concorrentes diretos* e por *consequência alternativos*, pelo que optar por um ou por outro, consistia num mero ato de consciência.

A opção pelo SIREVE pretendia ser, fundamentalmente, mitigadora dos efeitos da publicidade, que naturalmente se torna negativa no decurso destes processos. Tratando-se de um mecanismo exclusivamente extrajudicial de recuperação das empresas em situação de pré-insolvência, atual ou iminente, ou em situação económica difícil, acompanhado pelo IAPMEI, sendo a sua publicidade reduzida aos seus credores. Como já vimos é aplicável, nos termos do nº1 do Art.º2 do Dec. Lei nº178/2012, de 03 de agosto, atualizado pelo Dec. Lei nº 26/2015, de 06 de agosto, a qualquer empresa que se encontre em situação económica e que pretenda obter a sua recuperação. Neste âmbito pretendia-se com o SIREVE ou com o PER, estabelecer um compromisso contratual entre o devedor e os credores envolvidos dentro dos limites da cooperação e da boa-fé. O processo negocial não constitui um dever mas sim uma possibilidade, e apenas deve ser iniciado quando os problemas financeiros do devedor possam ser ultrapassados através de acordo celebrado neste âmbito, resultando daí uma séria probabilidade de que a empresa a revitalizar, se mantenha em atividade após conclusão do acordo. Mas, o SIREVE introduziu uma condição de verificação de condições prévias. Os requisitos do Art.º 2-A do Dec. Lei nº 178/2012 de 03 de Agosto, republicado, após entrada em vigor do Dec. Lei nº 26/2015 de 06 de fevereiro, são uma forte condicionante á decisão do empresário perante as dificuldades da empresa.

Os requisitos previstos no Art.º 2º-A do “novo SIREVE” não garantem fiabilidade, nem tão pouco estão adequados a mostrar a viabilidade económica da empresa requerente, que muitas vezes depende mais do negócio do que da sua *situação contabilística histórica*, e assim se viu cerceada de apresentar *medidas de recuperação* neste procedimento.

No caso de a empresa em dificuldades se decidir por um processo de recuperação, podia optar por um destes procedimentos (SIREVE ou PER), porém, no atual quadro legal só pode apresentar-se a SIREVE se verificar as condições prévias do Art.º3.º do Dec. Lei nº 26/2015, de 06 de fevereiro, o que constitui, como veremos, uma grave *lacuna* do procedimento.

Muitas empresas são, agora, excluídas da participação neste procedimento por não terem oportunidade de mostrar as medidas económicas e financeiras com que pretendem revitalizar-se, e por esta razão terão de recorrer a PER ou mesmo à insolvência, contra a vontade de empresários e mesmo de alguns dos seus credores.

#### 7.3.4 O SIREVE DEIXOU DE SER ALTERNATIVA AO PER

Ambos os procedimentos, SIREVE e PER, têm a finalidade obter a celebração de acordo (s) entre o devedor e os seus credores, contudo, ambos os sistemas dão pouca relevância ao negócio, pensando apenas no plano de pagamentos que possa resultar das negociações, o que naturalmente pode levar ao fracasso do plano de recuperação.

Sem um plano comercial e de produção credível, qualquer plano de negócios corre o risco de não ser concretizável. Um plano de pagamentos compatível com as necessidades da empresa em dificuldades terá de contar com o seu exercício corrente, mas também, com o serviço da sua dívida.

Com a entrada em vigor do “*Dec. Lei nº 26/2015, de 06 de Fevereiro*”<sup>138</sup> o SIREVE deixou de ser alternativa ao PER como temos vindo a procurar demonstrar, uma vez que a decisão de empresário pode *esbarrar* numa *apreciação contabilística histórica prévia* e impessoal, concretizada na plataforma do IAPMEI construída para o efeito. Já vimos que esta apreciação cuja pretensão académica não se discute, não será em caso algum capaz de perceber as medidas que o empresário pretende encetar com o seu projeto de revitalização, uma vez que se limita a trabalhar dados históricos, que podem cercear a opção do empresário pelo SIREVE. Ou seja, a decisão de eventualmente não admitir a candidatura em SIREVE, nem sequer tenta perceber quais as medidas de *turnaround* propostas pelo empresário em dificuldades.

O legislador quando redefiniu o suporte legal do “novo SIREVE,” deixou os empresários em dificuldades, sem alternativa verdadeiramente extrajudicial para a sua revitalização o que esvazia, como veremos, o “*Programa Revitalizar*”<sup>139</sup>. Este programa que vinha a ser bem acolhido no seio do tecido empresarial, caminha para perder um instrumento extrajudicial importante para as empresas em dificuldades. Mesmo assim, entendemos que faz sentido estudar o SIREVE em alternativa ao PER, e esperar que o legislador acolha em nova atualização do SIREVE, este modesto contributo, implementando na Lei, medidas que foram testadas no terreno. O que verdadeiramente importa num plano de negócios é a capacidade de gerar receitas provenientes do negócio, já que o modelo que falhou e conduziu a essas dificuldades, não parece ser solução.

---

<sup>138</sup> Cfr. Dec-Lei nº178/2012 de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de Fevereiro

<sup>139</sup> Cfr. Resolução do Conselho de Ministros 11/2012 de 3 de Fevereiro.

Só assim o SIREVE poderá transformar-se num verdadeiro instrumento de revitalização extrajudicial, independentemente do momento em que o empresário decide ouvir os credores face às suas dificuldades.

As empresas em dificuldades, se se decidirem por um processo de recuperação deverão continuar a poder optar por um destes procedimentos, independentemente das condições prévias impostas no Art.º3.º Dec. Lei nº 178/2012, de 03 de Agosto, resultante da atualização imposta pelo Dec. Lei nº 26/2015, de 06 de fevereiro.

É preciso que o SIREVE crie segurança jurídica, e redefina uma política de objetivos económicos apoiada na realidade do tecido empresarial especialmente suportada pelo princípio da legalidade, mas também pelas experiências que forem sendo registadas.

## 8 A REVITALIZAÇÃO

### 8.1 O SIREVE -SISTEMA DE RECUPERAÇÃO DE EMPRESAS POR VIA EXTRAJUDICIAL

Ao longo deste capítulo analisaremos o quadro legal do Dec. Lei nº 178/2012, de 03 de agosto, que corporiza o SIREVE, diploma legal que entretanto foi atualizado pelo Dec. Lei nº26/2015, de 06 de Fevereiro, a quem convencionamos designar neste trabalho por “ novo SIREVE”

Como já vimos, o SIREVE foi criado como mecanismo extrajudicial de recuperação das empresas em situação de insolvência, atual ou iminente, ou em situação económica difícil.

Ao IAPMEI cabe a sua condução sendo aplicável a qualquer entidade empresarial que se encontre em situação económica difícil ou em situação de insolvência atual ou iminente, desde que essa entidade pretenda obter a sua recuperação.

No contexto do quadro legal do SIREVE, “...*empresa é toda a organização de capital*” como preceitua o *Art.º 5.º do CIRE, ex vi do nº1 do Artº 2.º do Dec.Lei nº 26/2015, de 06 de fevereiro*.

Como temos vindo a registar, este mecanismo legal apresenta-se como um processo de revitalização retirado à tutela dos tribunais, por se entender que esta opção traz vantagens aos interessados em termos de celeridade, simplificação, informalidade. Mas também porque permite ao empresário, um melhor controlo sobre o processo e uma melhor assistência e aconselhamento técnico.

O SIREVE vigora desde 1 de Setembro de 2012 e destina-se como já vimos apenas a empresas ou entidades similares, “...*sendo a empresa entendida como organização de capital e trabalho destinada ao exercício de qualquer atividade económica*”<sup>140</sup>.

A coordenação proactiva do IAPMEI no procedimento, que deveria interagir com o interlocutor designado pela requerente, deveria ser determinante para o êxito do processo, uma vez que este instituto há muito se dedica ao apoio a pequenas e médias

---

<sup>140</sup> Cfr.do Dec. Lei 316/98, de 20 de Outubro, foi abandonada a definição que constava segundo a qual, incompreensivelmente, a empresa era “toda a pessoa coletiva dotada de personalidade jurídica e com património autónomo” (art. 1º, nº2).

empresas, não lhe sendo alheia vocação para promover a recuperação financeira de entidades empresariais através de negociação e acordo com os credores do requerente<sup>141142</sup>.

### 8.1.1 CONDIÇÕES DE ACESSO

A este procedimento de recuperação SIREVE só podem, como já vimos, candidatar-se empresas ou entidades equiparadas, nos termos do Art.º 2.º do “novo SIREVE”.

No entanto é necessário que a entidade requerente satisfaça determinadas condições de acesso, nomeadamente as que derivam do Art.º 6.º do “novo SIREVE”.

Além desta restrição, existem outras condições de natureza formal, circunstâncial e económica.

As primeiras são destinadas a controlar os pressupostos da abertura do procedimento, e cumprem-se com a entrega da documentação estabelecida no Art.º 3.º do mesmo referido diploma legal.

As segundas têm a ver com a circunstância de já terem sido ou não, requeridos outros procedimentos que possam prejudicar o SIREVE, sendo as condições económicas da empresa candidata, fundamentais para avaliar a sua necessidade de revitalização e a sua viabilidade.

---

<sup>141</sup> O ARTIGO 2º do Dec. Lei 178/2012 de 03 de agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de fevereiro prevê que “ O SIREVE destina-se a empresas que se encontrem em situação económica difícil ou numa situação de insolvência iminente, nos termos do Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas (CIRE), que obtenham uma avaliação global positiva dos seguintes indicadores relativos aos três últimos exercícios completos à data de apresentação do requerimento: a) Indicador 1: autonomia financeira, medida pela relação entre o valor dos capitais próprios e o valor do ativo líquido total; b) Indicador 2: relação entre os resultados antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos, e o valor dos juros e gastos similares; c) Indicador 3: relação entre a dívida financeira e os resultados antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos. 2 - Considera-se que cada indicador obtém avaliação positiva relativamente a um determinado exercício quando se verificarem as seguintes condições: a) Indicador 1: autonomia financeira superior a 5 %; b) Indicador 2: resultados antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos/juros e gastos similares superior a 1,3; c) Indicador 3: dívida financeira/resultados antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos igual ou superior a 0, e inferior a 10. 3 - Considera-se que a empresa obtém uma avaliação global positiva dos indicadores referidos no n.º 1 quando se verificarem as seguintes condições cumulativas: a) Cada indicador deve obter, em pelo menos um dos exercícios considerados, avaliação positiva; b) No total das combinações possíveis devem ser observadas, pelo menos, 50 % de avaliações positivas. 4 - O prazo referido no n.º 1 é reduzido para os dois últimos exercícios completos relativamente às empresas que, à data da apresentação do requerimento, apenas tenham dois exercícios completos. 5 - Para efeitos do presente diploma, a noção de empresa abrange somente as sociedades comerciais e os empresários em nome individual que possuam contabilidade organizada. Decreto-Lei nº 26/2015 [www.institutovaloresmobiliarios.pt](http://www.institutovaloresmobiliarios.pt) “

Acresce agora que nos termos do Art.º2 A do Dec. Lei 178/2012, de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015, de 06 de Fevereiro.<sup>143</sup>, o requerente terá de se submeter a uma determinante avaliação prévia, que por extemporânea e desadequada, pode retirar a recuperação extrajudicial das possibilidades de recuperar o devedor. Mais uma vez se introduziu morosidade num sistema que se pretendia célere e eficaz, transportando muitos processos para os tribunais por via do PER, cujos formalismos iniciais de candidatura são irrelevantes.

Entre as condições formais, a empresa interessada deve apresentar a sua candidatura, por via eletrónica, através de um requerimento dirigido ao IAPMEI, obedecendo a um formulário disponibilizado no sítio desta entidade. Terá de identificar as partes a intervir no SIREVE, expondo os fundamentos que a levam a recorrer ao procedimento, nomeadamente, referindo identificação do credor ou dos credores que representem as dívidas da empresa constantes do balancete analítico, não devendo a situação patrimonial refletida neste balancete, ter mais de três meses face à data de apresentação do requerimento.

A requerente deverá indicar o acordo que pretende obter nas negociações com os credores, incluindo proposta de acordo de recuperação, acompanhada do plano de negócios, onde identifique as medidas e os meios necessários à reposição das condições de sustentabilidade económica da actividade da empresa.

---

<sup>143</sup> **O ARTIGO 2 A do Dec. Lei 178/2012 de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de Fevereiro.** - A empresa interessada em obter a sua recuperação através do SIREVE, deve submeter-se a prévio diagnóstico da respetiva situação económica e financeira, através da plataforma informática para o efeito disponibilizada no sítio na Internet do IAPMEI - Agência para a Competitividade e Inovação, I. P. (IAPMEI, I. P.). 2 - A plataforma referida no número anterior gera automaticamente informação sobre a situação económica e financeira da empresa, com base nos dados disponibilizados pela mesma. 3 - A plataforma referida nos números anteriores pode também ser utilizada, de forma gratuita, por qualquer empresa que pretenda proceder ao diagnóstico da respetiva situação económica e financeira, não implicando tal utilização, ou o resultado da mesma, a obrigatoriedade da subsequente sujeição ao SIREVE ou a qualquer outro processo de recuperação de empresas. Artigo 3.º Apresentação do requerimento de utilização do SIREVE 1 - A empresa interessada em obter a sua recuperação através do SIREVE dirige, por meios eletrónicos, um requerimento nesse sentido ao IAPMEI, I. P.. 2 - O requerimento previsto no número anterior deve ser preenchido de acordo com o modelo disponibilizado no sítio na Internet do IAPMEI, I. P., e conter, designadamente, os seguintes elementos: a) Os fundamentos do recurso ao SIREVE; b) A identificação das partes a participar no SIREVE; c) A identificação do credor ou dos credores com os quais a empresa pretende negociar que representem, pelo menos, um terço do total das dívidas da empresa, conforme resulte dos documentos de prestação de contas a juntar com o requerimento; d) O conteúdo do acordo que se pretende obter; e) O plano de negócios, que explicita e fundamenta os respetivos pressupostos; f) Cópia da Informação Empresarial Simplificada (IES) referente aos três últimos exercícios económicos, ou aos últimos dois exercícios económicos no caso das entidades previstas no n.º 4 do artigo 2.º; g) Lista completa e detalhada de créditos financeiros; h) Cópia do balancete analítico com antiguidade não superior a três meses à data de apresentação do requerimento, validado pelo respetivo Técnico Oficial de Contas ou, caso exista, Revisor Oficial de Contas; i) Relação de todas as ações declarativas e ou executivas instauradas contra a empresa e ou seus garantes...”

A requerente deve demonstrar a capacidade da empresa para assegurar o cumprimento do plano de reestruturação, e o pagamento das dívidas aos credores, evidenciada através de documentos contabilísticos previsionais, nomeadamente o balanço a demonstração de resultados e o mapa de fluxos de caixa relativos a um período mínimo de cinco anos.

Com esse plano, deve a requerente demonstrar que consegue equilibrar a sua situação económica e financeira. Nos termos do n.º3 do Art.º3.º do “novo SIREVE” a requerente deverá juntar também cópia digital de todos os elementos que devem instruir o requerimento inicial.

Além apresentar estes elementos documentais, antes da apresentação do requerimento de utilização do SIREVE, a empresa candidata terá de pagar ao IAPMEI uma taxa, não reembolsável cujo valor pode ser de 260, 500 ou 1.500 euros, conforme se trate de uma micro, pequena e média empresa ou grande empresa, o que naturalmente contrasta com a possível isenção de custas processuais do PER e constitui mais um entrave ao SIREVE.

### **8.1.2 CONDIÇÕES CIRCUNSTÂNCIAIS**

Para requerer, com êxito, a abertura do SIREVE a empresa não pode ter-se apresentado à insolvência nem ter sido declarada insolvente. Mas se o processo de insolvência estiver pendente, ainda sem sentença, pode requerer a sua utilização nos termos do n.º 2 do Art.º 18.º do Dec. Lei nº178/2012 de 03 de agosto. Logo pode a requerente apresentar o respetivo despacho de aceitação do SIREVE no processo de insolvência, requerendo aí a suspensão da instância, o que deixou de ser possível com o “novo SIREVE”.

Se o devedor recorreu a um processo especial de revitalização, não o pode ter concluído sem aprovação do plano de recuperação nos dois anos anteriores à apresentação do requerimento de candidatura ao SIREVE, nos termos do n.º1 do Art.18.º do “ novo SIREVE”.

Se a requerente tiver pendente um PER, não pode submeter-se a um SIREVE, contudo a utilização do procedimento não impede a empresa de requerer a abertura do PER, nos termos do n.º 6 do Art.º18.º do “novo SIREVE”.

O recurso a PER durante a pendência do SIREVE extingue este último, nos termos do n.º 7 do Art.º 18.º <sup>144</sup> do “novo SIREVE”

### 8.1.3 CONDIÇÕES “HISTÓRICAS” PODEM AFASTAR EMPRESAS RECUPERÁVEIS DO SIREVE

Como já vimos, a empresa pretendente à revitalização não pode encontrar-se em estado crítico do ponto de vista financeiro, ou até mesmo já em situação de insolvência, devendo possuir indicadores contabilísticos e económicos, que lhe permitam uma fundada esperança na recuperação.

Antes de a requerente se candidatar a SIREVE, terá de avaliar a sua situação, devendo socorrer-se de especialistas das áreas económica e financeira, cujos estudos ou pareceres técnicos a habilitarão a encontrar as melhores práticas para uma nova vida. O “novo SIREVE” introduz uma avaliação prévia da situação económica da requerente, que a pode afastar do procedimento, com base em *indicadores de apreciação contabilística histórica*, que até à entrada em vigor do Dec. Lei 26/2015, de 06 de Fevereiro, não estava estatuida.

Esta “barreira” constitui *lacuna* e faz com que muitas empresas em dificuldade sejam agora afastadas do SIREVE, sem que isso possa demonstrar que não reúnem condições para tal.

O legislador, com a introdução do “novo SIREVE”, esqueceu as características do tecido económico, no que a PME respeita, parecendo não conhecer que muitos dos empresários portugueses desconhecem conceitos e práticas contabilísticas e ainda que muitos deles, não tem condições técnicas para avaliar as demonstrações financeiras que

---

<sup>144</sup> Cfr. ARTIGO 18º do Dec.lei 178/2012 de 03 de agosto atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 26 de fevereiro determina que “Obsta à utilização do SIREVE:a) A apresentação à insolvência por parte da empresa;b) A declaração de insolvência da empresa;c) A pendência do processo especial de revitalização;d) A conclusão, sem aprovação do plano de recuperação, do processo especial de revitalização nos dois anos anteriores à apresentação do requerimento de utilização do SIREVE, nos termos do artigo 17.º-G do CIRE.2 - Sem prejuízo do disposto na alínea a) do número anterior, a pendência de processo judicial de insolvência não obsta à utilização do SIREVE.3 - No caso previsto no número anterior, se ainda não tiver sido declarada a insolvência, a instância judicial pode ser suspensa pelo juiz, a requerimento da empresa, mediante apresentação do despacho de aceitação do requerimento de utilização do SIREVE.4 - A suspensão prevista no número anterior cessa com a extinção do procedimento operada nos termos do artigo 16.º5 - Para os efeitos previstos no número anterior, o IAPMEI, I. P., comunica ao respetivo tribunal, preferencialmente por meios eletrónicos, a extinção do procedimento.6 - A utilização do SIREVE não impede o recurso ao processo especial de revitalização.7 - O recurso ao processo especial de revitalização durante a utilização do SIREVE determina a extinção deste procedimento.”

os seus *TOC -Técnicos Oficiais de contas* lhes preparam, na maior parte das vezes numa ótica meramente fiscal.

Todos sabemos que há boas empresas, com negócios rentáveis, que tem contabilidades e organizações empresarias desadequadas, pelo que a revitalização de muitas delas deve conter uma apreciação de medidas de fundo, que pensem o futuro.

Estes elementos serão importantes, não só para densificar os requisitos de acesso a este procedimento – situação económica difícil ou de insolvência e viabilidade, mas também para fundamentar a proposta de acordo de revitalização e convencer os credores da sua recuperabilidade.

Só uma entidade externa ao IAPMEI e ao empresário, pode desempenhar com qualidade e independência o papel que o IAPMEI pareceu pretender atribuir ao interlocutor, papel esse que não encontrou na legislação suporte legal, o que muitos consideram *lacuna* do procedimento.

Um processo de identificação de práticas de negócios, que envolvam produção, conceção de novos produtos, e distribuição, tanto no âmbito de uma empresa, como num determinado segmento de mercado, numa região ou num país, com vista a aumentar a eficiência e a competitividade só pode passar por técnicos com conhecimentos adequados.

## **8.2 SITUAÇÃO ECONÓMICA DIFÍCIL OU INSOLVÊNCIA EMINENTE**

Como já vimos, de harmonia com a noção legal “...*encontra-se em situação económica difícil o devedor, pessoa singular ou empresa, que enfrentar dificuldade séria para cumprir pontualmente as suas obrigações*”, designadamente por falta de liquidez ou por não conseguir obter crédito, conforme preceitua o Art.º 17.º B do CIRE.

A lei não apresenta nenhuma definição para a insolvência iminente, mas deve entender-se como tal aquela situação em que, pela informação global de que dispõem, nomeadamente, contabilística, financeira e de capacidade de produção, os administradores da empresa já conseguem prever que, a manter-se a debilidade económica, dentro de pouco tempo a empresa ver-se-á impossibilitada de cumprir as suas obrigações vencidas em geral.

Nessa altura, a empresa ficará à mercê de um requerimento de insolvência apresentado por qualquer credor, nos termos do Art.º 20.º, n.º 1, al. g), por não existir quem ilimitadamente responda pelas suas dívidas admitindo que o seu passivo sobreleva manifestamente os seus ativos, avaliados segundo as normas contabilísticas aplicáveis nos termos dos n.ºs 1 e 2 do Art.º 3.º do CIRE. A situação de insolvência atual ocorre, portanto, quando estas últimas condições se verificarem ao mesmo tempo.

Ainda assim a empresa podia ser admitida a SIREVE, na versão inicial, o que o “novo SIREVE” pode afastar face aos requisitos do Artº 2-A do “novo SIREVE”.

### 8.2.1 VIABILIDADE ECONÓMICA

O princípio geral que subjaz a toda a revitalização é o de que a empresa tem de ser viável, pois só assim terá sentido nela investir tempo, dinheiro e outros recursos. Se a empresa não tem capacidade para se reerguer no seu negócio ou noutra de forma sustentável, então é melhor liquidá-la a bem do saneamento da economia. Como se compreende, esta apreciação não pode ser feita apenas pelas demonstrações financeiras históricas.

A viabilidade de uma empresa, afere-se com base na informação contabilística, mas também em função da sua capacidade produtiva e de escoamento dos seus produtos ou serviços no mercado.

Desde logo, pontua o nível de capital próprio de que a empresa ainda pode dispor para se financiar, ou da credibilidade que mantém junto dos seus credores.

É importante, para este efeito, verificar se a empresa poderá candidatar-se a certos financiamentos nacionais ou comunitários, que lhe possam dar o tonificante de que precisa para recobrar toda a sua capacidade de gerar receitas, que lhe permitam equilibrar a sua tesouraria e recuperar a credibilidade no mercado. As regras contabilísticas muitas vezes não são elaboradas na ótica da gestão, mas sim em proveito de meras vantagens tributárias o que prejudica a informação a prestar aos *Stakeholders*.

Todos sabemos, que o que hoje condiciona o financiamento ou uma candidatura a fundos estruturais são regras, que nada tem a ver com determinações legais do SIREVE ou do “novo SIREVE” ou mesmo do PER.

## 8.2.2 A DECISÃO DE ACEITAÇÃO OU RECUSA

Apresentado o requerimento a solicitar a abertura do SIREVE, a entidade administrativa competente, o IAPMEI, procede à sua apreciação, e decide sobre a pretensão da requerente nos termos, do nº 1 do Art.º 6.º “novo SIREVE”.

Se o requerimento estiver irremediavelmente mal instruído é recusado de imediato. O que acontecerá também quando a requerente se tiver apresentado à insolvência, tiver sido declarada insolvente, tiver pendente um processo de revitalização, ou seja, sempre que preencha as atrás referidas condições negativas.

Mas se o requerimento deficiente ou incompleto<sup>145</sup>, admitir aperfeiçoamento, isto é, se faltar algum dos elementos que o devem acompanhar ou a respetiva cópia digital, o IAPMEI convida a requerente a suprir essas faltas através do aperfeiçoamento previsto no nº 3 do Art.º 6.º “novo SIREVE” e só se a empresa não as regularizar é que se sujeita à recusa, através de decisão fundamentada.

Se pela exposição contida no requerimento e respetivos documentos anexos, a situação da empresa não se revelar economicamente difícil, nem de insolvência eminente ou atual, o requerimento é indeferido o que também deve acontecer no caso de o SIREVE não se mostrar adequado e eficaz ou, ainda, se não for possível obter um acordo com credores.

Desde que não surja nenhum destes impedimentos, a utilização deste procedimento é deferida com despacho de aceitação de onde derivam legais efeitos e consequências.

---

<sup>145</sup> Cfr. ARTIGO 6º do Dec.lei 178/2012 de 03 de agosto atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 26 de fevereiro-“No prazo de 15 dias, a contar da data de apresentação do requerimento de utilização do SIREVE, o IAPMEI, I. P., profere despacho: a) De recusa do requerimento quando: i) Não se encontrem verificados os requisitos do artigo 2.º; ii) [Revogada]; iii) A utilização do SIREVE não seja eficaz para a obtenção do acordo; iv) O requerimento tenha sido instruído sem ser possível o seu aperfeiçoamento; v) Nas situações previstas no n.º 1 do artigo 18.º; b) De convite ao aperfeiçoamento do requerimento, verificando-se a falta de algum dos elementos previstos nos n.os 2 e 3 do artigo 3.º ou de fundamento adequado quanto às condições de viabilidade da empresa; c) De aceitação do requerimento, nos restantes casos. 2 - A recusa prevista na alínea a) do número anterior é sempre fundamentada. 3 - O despacho de convite ao aperfeiçoamento do requerimento de utilização do SIREVE contém a indicação das informações ou dos documentos em falta e menciona a necessidade de a empresa, sob pena de recusa do requerimento, proceder à sua junção no prazo de 10 dias. Decreto-Lei nº 26/2015 [www.institutovaloresmobiliarios.pt](http://www.institutovaloresmobiliarios.pt) 4 - No prazo de 12 dias a contar da junção dos elementos a que alude o número anterior, o IAPMEI profere despacho de recusa ou de aceitação. 5 - Caso o requerimento de utilização do SIREVE seja aceite, o IAPMEI, I. P., promove, após proferir o respetivo despacho de aceitação, as diligências e os contactos necessários entre a empresa e os credores identificados pela empresa no requerimento, com vista à concretização de acordo que viabilize a recuperação da empresa, competindo-lhe orientar as reuniões que convocar. 6 - As diligências referidas no número anterior incluem o envio aos credores da proposta de acordo e de plano de negócios apresentados pela empresa, podendo consubstanciar também, nomeadamente, a sugestão de propostas e de modelos negociais.”

### 8.2.3 O PAPEL DO IAPMEI

O legislador atribuiu ao IAPMEI um papel de mediador e dinamizador das negociações, podendo solicitar esclarecimentos aos participantes, sugerir modificações à proposta de acordo ou promover a participação no SIREVE de outras entidades, além das indicadas pela empresa.

O IAPMEI deveria proceder à análise da viabilidade da empresa e da adequação do acordo pretendido à sua revitalização, emitindo parecer técnico no prazo de trinta dias nos termos do Art.º 7.º do “novo SIREVE”, contudo na prática este preceito não é observado, uma vez que a única apreciação do IAPMEI ao requerente tem por base o requerimento na sua fase de aceitação. Esta *lacuna* comportamental do mediador conduziu a atrasos de aceitação do requerimento, com consequências graves para alguns requerentes, nomeadamente, com a recusa extemporânea de procedimentos. O incumprimento normativo do SIREVE, neste aspeto, constituiu *lacuna* grave.

Perante o resultado da análise e no exercício da sua função de intermediação, o IAPMEI pode até sugerir um acordo diferente do proposto pela requerente ou mais ajustado às suas circunstâncias. Nesta análise que poderia ser efetuada por peritos externos, devia ser tido em conta entre outros fatores, a possibilidade de a empresa beneficiar de incentivos financeiros, fiscais ou comunitários, o que parece não ter acontecido, pelo que, salvo honrosas exceções o papel do IAPMEI não tem tido a pro atividade desejada neste campo.

Nos termos dos nº(s) 5 e 6 do Art.º6.º do “novo SIREVE”, deveria o IAPMEI promover as diligências e os contactos necessários entre a empresa e os credores por ela identificados no requerimento. Deveria o IAPMEI remeter aos credores a proposta de acordo e o plano de negócios proporcionando outras diligências. Salvo exceções que poderão ter ocorrido, estas diligências na maioria dos casos não aconteceram, ficando-se o IAPMEI pela distribuição de expediente entre credores e pela intervenção junto dos credores públicos.

A pro atividade desejada pelo legislador para o papel do IAPMEI na revitalização extrajudicial configura uma das *lacunas* do SIREVE.

## 8.3 AS NEGOCIAÇÕES

Estando este procedimento desprovido de qualquer obrigatoriedade ou coercividade para negociar, dependendo primeiro da candidatura da empresa necessitada de ajuda e depois da adesão voluntária dos credores, não existe um direito ou poder de exigir negociações aos credores. O IAPMEI apela sobretudo à boa vontade e à compreensão dos credores para que adiram ao procedimento e colaborem na recuperação do devedor, ao mesmo tempo que poderão aumentar as possibilidades de cobrarem os seus créditos ou, pelo menos, evitarem perdas maiores com a insolvência, o que no fundo confirma um comportamento pouco ativo do mediador.

### 8.3.1 O PROCESSO NEGOCIAL

O estabelecimento de negociações<sup>146</sup> entre as partes é o primeiro objetivo do SIREVE, pois sem negociação não é possível aspirar sequer a alcançar o principal desiderato, que visa a conclusão de um acordo entre o devedor e os credores.

A participação no SIREVE da Fazenda Pública e da Segurança Social é obrigatória, desde que relacionadas no requerimento inicial, sem prejuízo de estas entidades poderem, fundamentadamente, manifestar-se indisponíveis para a celebração do acordo. Se estes credores decidirem participar, a cada um deles apresentará, individualmente, as condições de regularização dos seus créditos.

Qualquer credor<sup>147</sup>, que não tenha sido chamado, pode requerer a sua participação nos 60 dias após a notificação do despacho de aceitação do requerimento de utilização do SIREVE nos termos dos Art.º(s) 8.º, 10.º e 11.º do “novo SIREVE”

---

<sup>146</sup> Cfr. ARTIGO 8º do Dec. Lei 178/2012 de 03 de Agosto atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 26 de fevereiro dispõe “ Sem prejuízo dos contactos diretos entre os interessados, o IAPMEI, I. P., acompanha as negociações, podendo promover a participação de outras entidades no SIREVE para além das indicadas pela empresa, designadamente os credores que tenham instaurado contra a empresa ações executivas para pagamento de quantia certa ou quaisquer outras ações destinadas a exigir o cumprimento de obrigações pecuniárias.2 - O IAPMEI, I. P., pode, a todo o tempo:a) Solicitar à empresa ou aos interessados a prestação de esclarecimentos ou de informações que considere indispensáveis, os quais devem ser prestados no prazo de 10 dias;b) Sugerir, fundamentadamente, à empresa a modificação dos termos do acordo inicialmente pretendido...”

<sup>147</sup> Cfr. ARTIGO 10º do Dec. Lei 178/2012 de 03 de agosto atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 26 de fevereiro dispõe que “Até ao termo do prazo previsto no n.º 9 do artigo seguinte, qualquer credor cuja participação não tenha sido solicitada pela empresa nem promovida pelo IAPMEI, I. P., pode requerer a sua participação no SIREVE.”

Com efeito, assume especial acuidade a ideia de que este procedimento consiste em negociações de boa-fé entre o devedor e os credores envolvidos, constituindo um compromisso assumido entre as duas partes mas não um direito.

É fundamental que os credores envolvidos cooperem entre si<sup>148</sup> e com o devedor e concedam a este, tempo suficiente se bem que limitado, para obter e partilhar toda a informação relevante para elaborar e apresentar propostas de resolução dos seus problemas financeiros.

Durante o período de suspensão, o devedor não deve praticar qualquer ato nocivo aos direitos e às garantias dos credores ou que afete negativamente as perspectivas de os mesmos verem pagos os seus créditos. Os credores durante a negociação não devem instaurar ações judiciais contra o devedor e devem suspender as que se encontrem pendentes.

Todos sabemos que, na maior parte dos processos que foram analisados e concluídos, estes preceitos não foram observados, o que denota mais uma *lacuna* do SIREVE, que se caracteriza por uma insegurança jurídica relevante.

Do devedor espera-se uma postura de absoluta transparência durante o período de suspensão, nomeadamente quanto à preservação dos seus ativos, passivos, transações comerciais e previsões da evolução do negócio.

As propostas apresentadas pelo devedor além de terem de ser legais e de refletir a posição relativa de cada credor, devem basear-se num plano de negócios credível e viável, que demonstrem não ser um expediente para atrasar o processo de insolvência.

Estas regras mínimas de conduta são indispensáveis, à criação de um clima de confiança nas negociações.

---

<sup>148</sup> Cfr. ARTIGO 8º do Dec.lei 178/2012 de 03 de agosto atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 26 de fevereiro dispõe que “Sem prejuízo dos contactos diretos entre os interessados, o IAPMEI, I. P., acompanha as negociações, podendo promover a participação de outras entidades no SIREVE para além das indicadas pela empresa, designadamente, os credores que tenham instaurado contra a empresa ações executivas para pagamento de quantia certa ou quaisquer outras ações destinadas a exigir o cumprimento de obrigações pecuniárias, bem como as entidades com competências legais, conhecimento ou experiência setorialmente relevantes. 2 - O IAPMEI, I. P., pode, a todo o tempo: a) Solicitar à empresa ou aos interessados a prestação de esclarecimentos ou de informações que considere indispensáveis, os quais devem ser prestados no prazo de 10 dias; b) Sugerir, fundamentadamente, à empresa a modificação do plano de negócios e dos termos do acordo inicialmente pretendido.”

### 8.3.2 O ACORDO

Se não for prematuramente declarado extinto o procedimento SIREVE e as vontades e os interesses negociais convergirem suficientemente, o procedimento pode atingir o seu objectivo último que é a conclusão de um acordo de recuperação. Este acordo final será, obrigatoriamente reduzido a escrito sendo assinado pela empresa, pelo IAPMEI, e pelos credores que o formalizaram e o votaram favoravelmente, nos termos do Art.º 12.º do “novo SIREVE”.

Para imprimir força vinculativa o Art.º 12.º do “novo SIREVE” prescreve, que o acordo final deve ser assinado pelos credores aderentes o que naturalmente, vai complicar a conclusão dos procedimentos. A recolha de assinaturas será certamente complexa, deixando o legislador numa situação desconfortável, até por não ter pensado que deveria determinar um prazo para conclusão do procedimento, que não implique a sua extinção perante uma demorada recolha de assinaturas, o que constitui, salvo melhor opinião um passo atrás na desmaterialização do sistema e não deixará de constituir em breve, uma nova *lacuna*.

### 8.3.3 O CONTEÚDO DOS ACORDOS

A requerente pode incluir nessa proposta de acordo: moratórias, perdões de dívida, constituição de garantias reais ou privilégios creditórios existentes, mobiliários e imobiliários nos termos do Art.º 735.º do CC, bem como um programa calendarizado de pagamentos ou o pagamento numa só prestação, e ainda a adoção pela devedora de medidas concretas de qualquer natureza suscetíveis de melhorar a sua situação patrimonial à semelhança de um plano de pagamentos aos credores em sede de insolvência.

A proposta apresentada pela empresa pode, efetivamente, corresponder ao plano de pagamentos previsto no n.º 2 do Art.º 252.º do CIRE, e se merecer a aprovação escrita de credores representativos de mais de dois terços do valor total dos créditos relacionados pela empresa, pode ser submetida ao juiz do tribunal competente para o processo de insolvência, para suprimimento da aprovação dos restantes credores relacionados e consequente homologação do plano.

Como decorrência desta intervenção judicial, prevista no n.º 2 do Art.º 19.º do “novo SIREVE”<sup>149</sup> produzir-se-ão os mesmos efeitos que o CIRE prevê para o plano de pagamentos, ou seja, a vinculação ao acordo de todos os credores indicados pela empresa, mesmo que se tenham oposto ao acordo.

## 8.4 OS EFEITOS DO SIREVE

Os efeitos deste sistema de recuperação de empresas produzem-se em três fases: a primeira inicia-se a seguir à apresentação do requerimento inicial, a segunda começa com o despacho de aceitação e a última, com a celebração do acordo de *recuperação*.

Nomeadamente, em termos de uma futura qualificação de insolvência, pois o incumprimento do dever de requerer a própria insolvência, faz presumir a culpa grave na queda da empresa em tal situação, nos termos do Art.º 186.º, n.º 3, al. a) do CIRE.

Para evitar o uso abusivo deste instrumento processual de revitalização, a suspensão do prazo de apresentação à insolvência cessa cinco dias depois da prolação do despacho de recusa ou, sendo o procedimento aceite, do despacho que o extinguir.

### 8.4.1 TRÉGUA

Os efeitos da aceitação da pretensão da requerente ao SIREVE, projetam-se sobre os processos judiciais, estabelecendo uma trégua e impedindo a pessoa jurídica da empresa, de praticar actos de disposição ou oneração do seu património.

O despacho administrativo de aceitação da candidatura ao SIREVE “*impede a instauração contra a empresa de quaisquer ações executivas para pagamento de quantia certa*” nos termos do n.º 2 do Art.º 11 do “novo SIREVE”. O mesmo acontecendo com

---

<sup>149</sup> Cfr. ARTIGO 19.º do Dec. Lei 178/2012 de 03 de Agosto atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 26 de fevereiro dispõe que “As propostas tendentes à celebração de acordo no SIREVE podem servir de base a propostas de planos de recuperação ou de planos de pagamentos a apresentar no âmbito de processo judicial nos termos do CIRE.2 - Caso corresponda ao disposto no n.º 2 do artigo 252.º do CIRE e, no âmbito do SIREVE, tenha sido objeto de aprovação escrita por credores que representem mais de dois terços do valor total dos créditos relacionados pela empresa neste procedimento, a proposta de acordo pode ser submetida, pela empresa que recorreu ao SIREVE, ao juiz do tribunal competente para o processo de insolvência, para suprimento da aprovação dos restantes credores relacionados pela empresa neste procedimento e consequente homologação, com os mesmos efeitos previstos no CIRE para o plano de pagamentos.3 - Para efeitos do disposto no número anterior, é dispensada a notificação dos credores cuja aprovação escrita conste do requerimento apresentado, sendo apenas notificados, nos termos do artigo 256.º do CIRE, os credores cuja aprovação se requer que seja suprida pelo Tribunal.”

outras ações destinadas a exigir o cumprimento de obrigações pecuniárias enquanto o procedimento não for extinto.

Por efeito do mesmo despacho, “*ficam automaticamente suspensas, e por igual período, as ações declarativas ou executivas pendentes contra a empresa*” à data do despacho de aceitação nos termos do nº2 do Artº 11º do “novo SIREVE”

Cessam as acções instauradas ou a instaurar contra a empresa pela Fazenda Pública ou pela Segurança Social, a partir do momento em que cada uma destas entidades manifestar, justificadamente, a sua indisponibilidade para celebrar o acordo com a empresa.

O que acontece por força do disposto no nº 1 do Art.º 9.º e nº 3 do Artº11 do “novo SIREVE”

O mesmo acontecerá com as acções judiciais de outros credores que não pretendem participar no SIREVE.

Deste preceito resulta grave *lacuna* do SIREVE, já que alguns credores ignoram o *dever de colaboração* a que estão vinculados.

A fim de que estes efeitos impeditivos e suspensivos possam ser efetivados, o IAPMEI deve comunicar ao tribunal competente o teor do despacho de aceitação do requerimento, bem como, se for caso disso, a extinção do procedimento bem como a indisponibilidade da Fazenda Pública e da Segurança Social para celebrarem acordo com a empresa.

As dificuldades sentidas nas comunicações entre o IAPMEI e os tribunais a que não foi alheia a nova lei de *LOSJ - Lei da Organização do Sistema Judiciário*<sup>150 151</sup> veio demonstrar que a intenção do legislador não passou disso mesmo, uma intenção, refletindo mais uma *lacuna* no sistema.

#### 8.4.2 MEDIAÇÃO

Proferido o despacho de aceitação da candidatura, o IAPMEI desencadeia de imediato as suas diligências, promovendo contactos entre a empresa e os credores por ela identificados no requerimento. Remete-lhe a proposta de acordo e o plano de negócios,

---

<sup>150</sup> Cfr. Dec. Lei XXX

<sup>151</sup> Cfr. Regime Jurídico da Organização e Funcionamento dos Tribunais Judiciais: Dec. Lei 49/2014 de 27 de Março.

com vista ao início das negociações, podendo convocar reuniões que depois deverá orientar nos termos do nº5 do Art.º 6º do “novo SIREVE”. O procedimento terá de estar concluído em de três meses, depois da aceitação do requerimento de candidatura da empresa, embora possa haver uma prorrogação de um só mês a requerimento devidamente fundamentado da empresa ou de qualquer credor participante.

### 8.4.3 INIBIÇÃO NEGOCIAL DA EMPRESA

Até à extinção do procedimento, a empresa fica impedida, de ceder, locar, alienar ou por qualquer modo onerar, no todo ou em parte, os bens que integram o seu património, sob pena de impugnação e invalidade, por parte dos credores prejudicados, nos termos do nº 5 do Art.º 11.º, a não ser que a sua atividade comercial isso o determine <sup>152 153</sup>.

Sem prejuízo destas limitações, a empresa poderá prestar garantias a financiamentos que lhe forem concedidos pelos credores durante as negociações, contanto que esse novo endividamento contribua efectivamente para a sua recuperação

---

<sup>152</sup> Cfr. ARTIGO 11º do Dec.lei 178/2012 de 03 de Agosto atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 26 de fevereiro dispõe que “1 - Durante as negociações, os participantes devem atuar de acordo com os princípios orientadores publicados em anexo à Resolução do Conselho de Ministros n.º 43/2011, de 25 de outubro. 2 - O despacho de aceitação do requerimento de utilização do SIREVE obsta à instauração contra a empresa de quaisquer ações executivas para pagamento de quantia certa ou outras ações destinadas a exigir o cumprimento de obrigações pecuniárias enquanto o procedimento não for extinto e suspende, automaticamente e por igual período, as ações executivas para pagamento de quantia certa ou quaisquer outras ações destinadas a exigir o cumprimento de obrigações pecuniárias, instauradas contra a empresa que se encontrem pendentes à data da respetiva prolação. 3 - Os efeitos previstos no número anterior cessam relativamente às ações executivas para pagamento de quantia certa ou quaisquer outras ações destinadas a exigir o cumprimento de obrigações pecuniárias, instauradas ou a instaurar contra a empresa:a) Pela Fazenda Pública ou pela Segurança Social, a partir da data em que, fundamentadamente, cada um destes credores manifestar a sua indisponibilidade para celebrar acordo com a empresa, nos termos do n.º 1 do artigo 9.º;b) Pelos restantes credores não incluídos na alínea anterior, a partir da data em que comuniquem ao IAPMEI, I. P., que não pretendem participar no SIREVE. 4 - Para os efeitos previstos nos números anteriores, o IAPMEI, I. P., comunica ao tribunal respetivo, preferencialmente por meios eletrónicos, o teor do despacho de aceitação do requerimento de utilização do SIREVE, bem como, se for caso disso, a extinção do procedimento, a indisponibilidade da Fazenda Pública e da Segurança Social para celebrar acordo com a empresa e os credores que não pretendem participar no procedimento. 5 - Até à extinção do procedimento e salvo tratando-se de atividade constante no seu objeto, a empresa fica impedida de ceder, locar, alienar ou por qualquer modo onerar, no todo ou em parte, os bens que integram o seu património, sob pena de impugnação e invalidade, por parte dos credores prejudicados, dos atos que diminuam, frustrem, dificultem, ponham em perigo ou retardem a satisfação dos seus direitos. 6 - Os credores que concedam meios financeiros à empresa devedora, no decurso das negociações deste procedimento, e que deste modo contribuam ativamente para a recuperação da empresa, podem beneficiar de garantias prestadas pela empresa, sem prejuízo do previsto no número anterior. 7 - Sem prejuízo do disposto no n.º 5, os negócios jurídicos celebrados no âmbito do SIREVE, cuja finalidade seja prover a empresa de meios de financiamento suficientes para viabilizar a sua recuperação, são insuscetíveis de resolução por aplicação das regras previstas no n.º 6 do artigo 120.º do CIRE.8 - Os participantes no procedimento devem comunicar ao IAPMEI, I. P., a sua posição relativamente à proposta de acordo apresentada pela empresa, no prazo de 60 dias após a notificação do despacho de aceitação do requerimento de utilização do SIREVE.”

<sup>153</sup> Cfr. ARTIGO 15º do Dec.lei 178/2012 de 03 de Agosto atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 26 de fevereiro dispõe que “O prazo de conclusão do procedimento não deve exceder três meses, a contar da data do despacho de aceitação do requerimento de utilização do SIREVE.2 - O prazo referido no número anterior pode ser prorrogado, por um só mês, mediante requerimento fundamentado da empresa ou de qualquer dos credores participantes no procedimento e a emissão de parecer favorável do IAPMEI, I. P.”

nos termos do n.º 6 do Art.º 11 do 2.º novo SIREVE”. Sem prejuízo das mesmas limitações, os negócios jurídicos celebrados no âmbito do SIREVE, cuja finalidade seja dotar a empresa de meios financeiros suficientes para tornar possível a sua recuperação, não podem ser resolvidos por aplicação dos princípios gerais sobre resolução em benefício da massa insolvente, previstos no n.º 6 do Art.º 120.º do CIRE.

#### 8.4.4 EFEITOS DO ACORDO

*“A celebração do acordo de recuperação da requerente da utilização do SIREVE faz extinguir,<sup>97</sup> automaticamente, as ações executivas para pagamento de quantia certa instauradas contra a empresa”.* Uma tal extinção só não ocorrerá se o acordo previr a manutenção da sua suspensão. Por outro lado, após o acordo mantêm-se suspensas, por prejudicialidade, as ações instauradas contra a empresa destinadas a exigir o cumprimento de obrigações pecuniárias, nos termos do n.º 1 do Art.º 13<sup>154</sup>.

Mas esta extinção e esta suspensão não se aplicam a ações e execuções instauradas por credores que não tenham subscrito o acordo. Tão pouco se extinguem aquelas ações que tenham sido introduzidas em juízo por credores em relação aos quais o acordo produza efeitos por via da aplicação do disposto no n.º 2 do art.º 19.º, ou seja, por força do suprimimento da sua aprovação imposto pela aplicação das regras próprias do plano de pagamentos aos credores nos termos do Art.ºs 252.º, e ss do CIRE.

---

<sup>154</sup> Cfr. ARTIGO 13º do Dec.lei 178/2012 de 03 de Agosto: atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 26 de fevereiro, dispõe que “Celebrado o acordo nos termos do artigo anterior, e salvo quando o mesmo preveja a manutenção da respetiva suspensão, extinguem-se automaticamente as ações executivas para pagamento de quantia certa instauradas contra a empresa e ou os seus Decreto-Lei nº 26/2015 [www.institutovaloresmobiliarios.pt](http://www.institutovaloresmobiliarios.pt) respetivos garantes relativamente às operações garantidas, e, salvo transação, mantêm-se suspensas, por prejudicialidade, as ações destinadas a exigir o cumprimento de ações pecuniárias instauradas contra a empresa e ou os seus respetivos garantes relativamente às operações garantidas. 2 - O disposto no número anterior não se aplica às ações executivas para pagamento de quantia certa ou quaisquer outras ações destinadas a exigir o cumprimento de obrigações pecuniárias, instauradas por credores que não tenham subscrito o acordo. 3 - Para os efeitos previstos nos números anteriores, o IAPMEI, I. P., comunica ao tribunal respetivo, preferencialmente por meios eletrónicos, a celebração do acordo, bem como os termos nele previstos relativamente às ações executivas para pagamento de quantia certa ou quaisquer outras ações destinadas a exigir o cumprimento de obrigações pecuniárias, instauradas contra a empresa ou respetivos garantes. 4 - As medidas decorrentes da celebração de acordo no âmbito do SIREVE beneficiam da aplicação dos benefícios emolumentares e fiscais, previstos nos artigos 268.º, 269.º e 270.º do CIRE, nos termos do n.º 2 do artigo 16.º do mesmo diploma”

#### 8.4.5 EXTINÇÃO DO ACORDO

Se a empresa não honrar definitivamente as obrigações assumidas no acordo ou se, no prazo de trinta dias, a contar da data da notificação para o efeito, não cumprir nos termos acordados, os credores subscritores podem, individualmente, resolver o acordo nos termos do nº1 do Artº 14º do “ novo SIREVE”. Por outro lado, se surgirem novas dívidas à ATA ou á SS, o acordo cessa em relação a estas entidades caso a regularização desses débitos não ocorra no prazo de 90 dias a contar da respetiva data de vencimento, nos termos do nº 2 do Artº14.ºdo “novo SIREVE”.

O IAPMEI comunica por escrito, o caso de se concretizar a resolução ou a cessação do acordo, dando conhecimento também aos demais subscritores. <sup>155 156 157 158</sup>

#### 8.4.6 EXTINÇÃO DO PROCEDIMENTO

O SIREVE pode extinguir-se pelo decurso do prazo máximo legal de três meses, ou após a prorrogação de um mês, sem que tenha sido alcançado um acordo nos termos do Art.ºs 15.º e 16.º do “ novo SIREVE”.

---

<sup>155</sup> Cfr. Dec. Lei nº178/2012 de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de fevereiro-“ As empresas que não obtenham acordo no âmbito do SIREVE, ou não cumpram as obrigações decorrentes de acordo celebrado, ficam impedidas, durante um ano, a contar da data de resolução do acordo ou de extinção do procedimento, de apresentar novo requerimento nos termos do art.º 17.º”

<sup>156</sup> Cfr. ARTIGO 15º do Dec.lei 178/2012 de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de Fevereiro “ O prazo de conclusão do procedimento não deve exceder três meses, a contar da data do despacho de aceitação do requerimento de utilização do SIREVE.2 - O prazo referido no número anterior pode ser prorrogado, por um só mês, mediante requerimento fundamentado da empresa ou de qualquer dos credores participantes no procedimento e a emissão de parecer favorável do IAPMEI, I. P.”

<sup>157</sup> Cfr. ARTIGO 16º do Dec.lei 178/2012 de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de Fevereiro – “O procedimento extingue-se automaticamente pelo decurso do prazo previsto no artigo anterior, sem que tenha sido celebrado acordo.2 - Mediante despacho, o IAPMEI pode declarar extinto o procedimento, em qualquer momento, quando:a) Concluir pela verificação de alguma das situações de recusa do requerimento previstas na alínea a) do n.º 1 do artigo 6.º;b) Os termos do acordo proposto sejam aceites por credores que representem menos de 50 % das dívidas apuradas da empresa.3 - O IAPMEI, I. P., comunica ao tribunal respetivo, preferencialmente por meios eletrónicos, a extinção do procedimento operada nos termos dos números anteriores”.

<sup>158</sup> Cfr. ARTIGO 17º do Dec.lei 178/2012 de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de Fevereiro “ A Apresentação de novo requerimento de utilização do SIREVE-As empresas que não obtenham acordo no procedimento ou não cumpram as obrigações decorrentes de acordo celebrado ficam impedidas, pelo prazo de um ano a contar da data de resolução do acordo ou de extinção do procedimento, de apresentar novo requerimento a pedir a utilização do SIREVE.”

O IAPMEI faz extinguir o procedimento quando, por despacho fundamentado, concluir, designadamente, que a empresa não se encontra em situação económica difícil nem em situação de insolvência iminente ou atual, ou que é economicamente inviável.

O SIREVE também finda pelo decurso do prazo concedido em despacho de aperfeiçoamento, sem que o devedor junte os elementos que o IAPMEI, ou se não obtiver acordo no prazo legal lhe solicitou nos termos do Art.º 16.<sup>o159</sup> do “novo SIREVE”. Em qualquer destes casos, o IAPMEI comunica ao tribunal competente, a extinção do procedimento, tendo em conta as ações que aí se encontrarem suspensas.

---

<sup>159</sup> Cfr. ARTIGO 16º do Dec.lei 178/2012 de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de Fevereiro-dispõe que “ O procedimento extingue-se automaticamente pelo decurso do prazo previsto no artigo anterior, sem que tenha sido celebrado acordo. 2 - Mediante despacho, o IAPMEI pode declarar extinto o procedimento, em qualquer momento, quando: a) Concluir pela verificação de alguma das situações de recusa do requerimento previstas na alínea a) do n.º 1 do artigo 6.º; b) Os termos do acordo proposto não sejam aceites por credores que perfaçam uma das maiorias referidas no n.º 2 do artigo 12.º; c) A empresa solicite a extinção do procedimento através de requerimento nesse sentido dirigido ao IAPMEI, I. P.. 3 - O IAPMEI, I. P., comunica ao tribunal respetivo, preferencialmente por meios eletrónicos, a extinção do procedimento operada nos termos dos números anteriores.”

## 9 ALTERAÇÕES INTRODUZIDAS PELO DEC. LEI 26/2015 DE 06 DE FEVEREIRO

### 9.1 EMPRESAS APRISIONADAS PELO ARTº2A

Como já vimos em 06 de fevereiro de 2015, foi publicado o Decreto-Lei 26/2015, que visou alterar o SIREVE, com a intenção de “...*promover um enquadramento mais favorável à reestruturação e revitalização das empresas, nomeadamente no acesso ao financiamento de longo prazo da atividade produtiva e à emissão de instrumentos híbridos de capitalização*”<sup>160</sup>. No preâmbulo da norma, o legislador refere que a norma visa “*a consolidação, reestruturação e criação de empresas, potenciando a renovação do tecido empresarial nacional.*”<sup>161</sup>

O SIREVE foi alterado por este mesmo diploma porque, “*O Governo entende (u), ser necessário implementar um conjunto de medidas que promovam um contexto alinhado com as melhores práticas internacionais, mais favorável à aprovação de planos de recuperação de empresas, ao financiamento de longo prazo da atividade produtiva e à emissão de instrumentos híbridos de capitalização que facilitem a entrada de investidores que aportem capital e competências adicionais.*”<sup>162</sup>

O acesso a este mecanismo ficou agora condicionado à “...*obtenção de uma avaliação positiva de três indicadores: autonomia financeira, relação entre os resultados e o valor dos juros e similares, e relação entre a dívida financeira e os resultados, sempre considerados antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos.*”<sup>163</sup>

Para esse efeito, como já referenciámos, a empresa interessada deve submeter-se a prévio diagnóstico no sítio online do IAPMEI. A plataforma indicará automaticamente a informação sobre a situação económica e financeira da empresa.

Como já vimos o legislador com esta alteração, pretendeu criar uma *unidade de medida* que verifique um *critério de análise histórica*, para que apenas algumas empresas em dificuldades possam recorrer a recuperação extrajudicial.

---

<sup>160</sup> Cfr. Dec.lei 178/2012 de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de Fevereiro.

<sup>161</sup> Cfr. Dec.lei 178/2012 de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de Fevereiro.

<sup>162</sup> Cfr. Dec.lei 178/2012 de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de Fevereiro.

<sup>163</sup> Cfr. Dec.lei 178/2012 de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de Fevereiro.

Fica a dúvida se o legislador conhece bem o tecido económico que compõem as PME em dificuldades, ou se pretendeu retirar ao IAPMEI o papel de mediação extrajudicial. Da republicação do Dec. Lei 178/2012, de 3 agosto, com as alterações introduzidas pelo Dec. Lei nº 26/2015, de 6 de fevereiro, resultou a redação do Artº2, conjugado com a norma constante do Art.º 2.º A do “novo SIREVE”, que prescreve no seu nº1 que “*A empresa interessada em obter a sua recuperação através do SIREVE, deve submeter-se a prévio diagnóstico da respetiva situação económica e financeira, através da plataforma informática para o efeito disponibilizada no sítio na Internet do IAPMEI.*”<sup>164</sup>

Na verdade ao pretender legislar sobre condições de acesso ao SIREVE nestas circunstâncias, ou seja, com recurso a um *histórico marcadamente contabilístico*, muitas vezes construído na ótica fiscal, esvazia-se o pressuposto da reestruturação das empresas em dificuldades em SIREVE, eliminando-as do acesso a este instrumento, antes de elas poderem tomar medidas de reestruturação, económicas e financeiras, já para não falar da sua necessidade de repensar um negócio que até ali parece não ter corrido bem.

Esta limitação configura uma restrição inadmissível, a mais uma grave *lacuna* que pode ter condenado o SIREVE á irrelevância no sistema da recuperação o que inicialmente não se lhe antevia.

## 9.2 NOVOS CRITÉRIOS

Outras medidas deste diploma serão menos polémicas, nomeadamente o sistema de aprovação onde deixou de se exigir a aprovação do plano de recuperação por 50% dos credores, passando agora para apenas de 2/3 de votos expressos, desde que esses votos representem 1/3 do capital, não podendo os votos de credores subordinados ser superiores a metade da maioria que aprova o plano, ou por mais de metade dos votos expressos, desde que representando mais de metade dos credores reconhecidos.

Assim se aproximando, o regime previsto no SIREVE do regime consagrado para a aprovação de planos de recuperação no âmbito do PER. Esta opção do legislador é naturalmente discutível uma vez que a distinta génese dos dois procedimentos, nada perdia por se manter diferente. O início do procedimento exige agora apenas credores que

---

<sup>164</sup> IAPMEI, Agência para a Competitividade e Inovação, I. P. <http://www.iapmei.pt/iapmei-mstplindex.php?msid=17>

representem 1/3 do total da dívida ou seja, caiu a disposição que obrigava a participação no procedimento de credores que representassem pelo menos 50% da totalidade das dívidas, eliminando-se a necessidade de demonstração de que a empresa, no prazo de 5 anos, terá rácios de autonomia financeira de 15% ou 20%. Aqui residem claramente duas *novas lacunas* do SIREVE.

Deixou de ser importante determinação dos objetivos atingir com a reestruturação, apenas se dando relevo a produção de efeitos dos acordos obtidos em SIREVE, que assim está cada vez mais dependente do *Suprimento da Aprovação de Credores* a requerer judicialmente.

Também a celebração do acordo refletida no Art.º12.º do “novo SIREVE”, mereceu tratamento pelo legislador, visando garantir maior responsabilização das partes, contudo pode ter nascido com esta alteração uma nova *lacuna* do SIREVE, como veremos.

### 9.2.1 A PROTEÇÃO DOS GARANTES É UM AVANÇO IMPORTANTE

O Artº 11.º do “novo SIREVE” introduz uma inovação importante que se encontra traduzida no seu nº2, nela se expressa menção de que o despacho de aceitação do requerimento “*obsta à instauração de quaisquer ações executivas, não só contra a empresa, mas também contra os garantes, Suspendendo as que estiverem já em curso nos seguintes termos*”<sup>165</sup>. O legislador esqueceu-se contudo de alterar o preceito que se mostrava mais inconveniente ao processo, e que se encontra traduzido no nº3 da mesma norma e permite que mesmo durante a fase de negociações, possam cessar os efeitos previstos no número anterior, ou seja, no nº2 da norma, com consequências graves no desenvolvimento dos processos judiciais, nomeadamente pelos efeitos produzidos perante os garantes ou devedores solidários.

*“Cessam relativamente às ações executivas para pagamento de quantia certa ou quaisquer outras ações destinadas a exigir o cumprimento de obrigações pecuniárias..., instauradas ou a instaurar contra a empresa: a) Pela Fazenda Pública ou pela Segurança Social, a partir da data em que, fundamentadamente, cada um destes credores*

---

<sup>165</sup> Cfr. ARTIGO 11º do Dec.lei 178/2012 de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015 de 06 de Fevereiro

*manifestar a sua indisponibilidade para celebrar acordo com a empresa, nos termos do n.º 1 do Artigo 9º b) ” de onde resulta grave lacuna no procedimento.*

## 9.2.2 ALTERAÇÕES AO CSC

Com este diploma legal foram introduzidas alterações no CSC, como refere o preâmbulo do Dec. Lei. 26/2015, de 6 de Fevereiro, “*com o intuito de facilitar a capitalização das empresas, com o objetivo de promover alternativas ao financiamento bancário, nomeadamente alargando as opções de financiamento através de instrumentos híbridos de capital e revendo as regras aplicáveis à emissão de obrigações, como sejam as respeitantes ao limite de emissão e respetivas exceções*”.

*Foram alterados os Art.º(s) 341.º a 345.º, 348.º, 349.º, 355.º, 357.º a 367.º e 369.º a 372.º, aprovados pelo Dec.Lei n.º 262/86 de 2 de Setembro.*

As alterações introduzidas ao nível das ações preferenciais sem voto pretendem flexibilizar e clarificar o regime de tais ações, prevendo expressamente a possibilidade de emissão de ações preferenciais sem voto com diferentes configurações. Na linha de credibilização do instrumento e da proteção ao investidor, inserem-se restrições no universo potencial de investidores, que podem deter ações preferenciais sem voto com determinadas configurações.

Relativamente ao regime de obrigações, introduzem-se alterações ao respetivo limite de emissão, que fica agora dependente dos níveis de autonomia financeira, bem como à figura do representante comum. Adicionalmente, é incluída uma clarificação sobre possíveis configurações de valores mobiliários representativos de dívida, sem que com tal se pretenda por em causa o princípio da tipicidade dos valores mobiliários.

No que respeita às ações preferenciais sem direito de voto, introduz-se a possibilidade de o contrato de sociedade definir o regime da emissão de ações preferenciais sem direito de voto.

O contrato pode fixar que o titular de ações sem direito de voto possa, para além do direito a um dividendo prioritário ser também remunerado com um dividendo adicional. Pode ser fixado um período para pagamento do dividendo adicional, superior ao legal até um máximo de 5 anos.

A remição de ações que beneficiem de um privilégio patrimonial ou das ações preferenciais sem voto, obriga que a sociedade constitua uma reserva legal de igual valor que apenas poderá ser utilizada para incorporação no próprio capital. A emissão de obrigações por parte das sociedades anónimas fica limitada aos casos em que, após a emissão das obrigações, a sociedade mantém um rácio de autonomia financeira de, pelo menos, 35%. Esse valor tem que ser certificado pelo parecer do conselho fiscal ou através de revisor oficial de contas.

Como temos vindo a referir as intenções do legislador, não passaram disso mesmo, já que o “novo SIREVE”, tem agora ainda menos motivos para se tornar relevante no seio do *programa revitalizar* e face as limitações iniciais para acesso ao procedimento, mas também à falta de visão estratégica para dar importância ao negócio. O legislador deixou nas mãos do plano de pagamentos a decisão complexa de revitalizar entidades em dificuldades, o que naturalmente se torna insuficiente e redutor.

O legislador pouco fez para regulamentar o trabalho do IAPMEI no âmbito destes processos, e nada fez para dar importância legal ao papel do interlocutor que a plataforma do SIREVE criou com finalidade diversa da que efetivamente lhe devia ter sido atribuída. Não se pode crer que a maioria das mudanças introduzidas sejam efetivas melhorias.

O IAPMEI como “profundo” conhecedor do tecido económico, sabe que uma parte do tecido empresarial português tem excelentes empresários no campo do empreendedorismo, que nem sempre estão bem assessorados, pelo que o papel de técnicos experientes podia fazer a diferença entre um SIREVE amorfo e um SIREVE proactivo, especialmente após obtenção do acordo.

## 10 EFEITOS GLOBAIS DO ACORDO SIREVE

### 10.1 SUPORTE JUDICIAL

O SIREVE constitui um procedimento que visa promover a recuperação extrajudicial das empresas, através da celebração de um acordo entre a empresa e todos ou alguns dos seus credores. Essa negociação tem por base um plano de negócios, formalmente aprovado pelo IAPMEI que conduziu à elaboração de um documento final, a ata final.

Neste contexto o requerente de um SIREVE pode ser confrontado, com uma de três situações; Uma delas pode resultar da não aprovação do SIREVE pelos credores outra pode resultar a sua aprovação pelos credores sem condições de *Suprimento da Aprovação dos Credores*, por não se verificarem as condições previstas no Art. (s) 19 de Dec.Lei nº178/2012, de 3 de agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015, de 06 de fevereiro, conjugado com o Art.º 258.º do CIRE, podendo ainda resultar a sua aprovação por mais de 2/3 dos credores relacionados em SIREVE, de que resultariam condições para *Suprimento da Aprovação dos Credores*.

Para nenhum dos CREDITORES envolvidos no processo, o plano de pagamentos, aprovado, pode promover qualquer desvantagem económica, face ao que resultaria do prosseguimento do processo de insolvência e consequente liquidação da requerente, o que nos permite concluir pela sua adequação, face a alínea a), nº1 do Artº 258º do CIRE.

#### 10.1.1 O QUADRO LEGAL

No atual quadro legal do “ novo SIREVE” acordo obtido na fase de negociações tem que ser assinado, designadamente, pelos credores que votarem a sua aprovação nos termos do nº 1 do Art.º 12º do 2 novo SIREVE”. O acordo considera-se aprovado quando se verificarem as condições previstas na referida norma, contudo isto pode não ser suficiente para a empresa requerente possa ter uma recuperação tranquila. Com efeito, os credores que não subscrevem o acordo não são abrangidos pelos efeitos previstos no nº 1 do art. 13º do Dec. Lei nº 178/2012, de 03 de agosto, republicado já com os efeitos do Dec.lei nº 26/2015, de 06 de fevereiro. Em certos casos é possível obter o *suprimento da aprovação dos credores* relacionados pela empresa requerente que não aprovaram por

escrito o acordo no procedimento do SIREVE, sendo necessário que o acordo cumpra certas exigências nomeadamente o preceituado no Art.º 258.º do CIRE. O acordo deve ter sido já aprovado por escrito por credores que “*representem mais de dois terços do valor total dos créditos relacionados pela empresa*” e deverá corresponder ao disposto no nº 2 do Artº 252 do CIRE.

Deve o plano de pagamentos conter uma proposta de satisfação dos direitos dos credores, que acautele os interesses destes tendo em conta a situação do devedor. Na realidade, o nº 2 do Art.º 19.º do “novo SIREVE” faz referência à proposta de acordo, parecendo restringir o âmbito de sua aplicação aos casos em que o devedor não reúne os requisitos previstos no art. 249º do CIRE, como entende CARVALHO FERNANDES / JOÃO LABAREDA<sup>166</sup>.

#### **10.1.2 O LEGISLADOR NÃO ATRIBUIU AO IAPMEI O PODER DE CONCLUIR O PROCESSO**

O legislador não quis atribuir ao IAPMEI o poder de concluir um procedimento extrajudicial de recuperação, não lhe dando o poder de estender aos credores não aderentes ao SIREVE, as medidas aprovadas por mais de 2/3 dos credores que aprovaram o procedimento, mesmo que para esses credores tivessem sido convidados a participar nas negociações.

O legislador sabia contudo, que seria difícil ao IAPMEI, ao interlocutor e à requerente obter unanimidade numa decisão de revitalização. O legislador não podia desconhecer que tinha criado mais uma *lacuna* na norma, que permitiria que os credores que não quisessem participar, ficassem livres para tomar as ações que julgassem adequadas, mesmo aquelas que impedissem que a reestruturação se consolidasse. É o que se extrai do nº 3 do Art.º11.º do Dec.Lei 178/2012, de 03 de Agosto, atualizado pelo Dec. Lei nº 26/ 2015 , de 06 de fevereiro.

O próprio IAPMEI, não sabia numa primeira fase o que fazer com o disposto no nº2 do Art.º19.º da referida norma, uma vez que limitava o número de credores no procedimento, o que naturalmente aumentava a insegurança do procedimento o que

---

<sup>166</sup>Cfr. FERNANDES, Carvalho / LABAREDA, João. Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas, Anotado, pp. 1081 e ss.

muitos consideravam o desfasamento do IAPMEI, face a realidade legal da norma que suportava o SIREVE.

### 10.1.3 O PAPEL DO TRIBUNAL

A intervenção judicial no procedimento SIREVE, apenas acontece por força de requerimento da aprovação de credores nos termos do disposto no Art.º 258.º do CIRE<sup>167</sup>, competindo ao tribunal a interpretação da referida norma á luz da documentação que lhe é fornecida, não devendo o Tribunal alhear-se do comportamento dos participantes, nomeadamente na observância do respeito pelos *princípios orientadores*, quanto á forma como as partes se devem comportar durante as negociações, nomeadamente; o “Segundo Princípio que refere que *durante todo o procedimento, as partes devem atuar de boa-fé, na busca de uma solução construtiva que satisfaça todos os envolvidos*”<sup>168</sup>. Pede-se ao Tribunal nestas circunstâncias que estenda as medidas aprovadas em SIREVE aos credores não aderentes.

Pretende-se que a possibilidade de suprimimento surja, se já houver acordo por créditos que atinjam um valor que corresponda a mais de dois terços do valor total dos créditos relacionados. O pedido de suprimimento é apresentado ao tribunal competente para o processo de insolvência, requerendo-se que o tribunal venha suprir os credores que não incluem o acordo SIREVE. Se o juiz decidir suprir a aprovação dos credores relacionados pela empresa que não tinham aprovado por escrito o acordo, homologará também o acordo. O suprimimento e a homologação têm os mesmos efeitos previstos no CIRE para o plano de pagamentos.

O nº 2 do Art.º19.º do “ novo SIREVE” limita-se a fazer referência ao *suprimimento da aprovação dos credores* que representem os créditos relacionados pela empresa requerente no procedimento. Mas, como vimos, o IAPMEI pode promover a participação de outros credores nos termos do nº1 do Art.º8.º da referida norma, sendo também

---

<sup>167</sup> Cfr. ARTIGO 258º, Dec. Lei nº 53/2004 de 18 de março atualizado pelo DEc. Lei nº16/2012 de 20 de abril “1-Se o plano de pagamentos tiver sido aceite por credores cujos créditos representem mais de dois terços do valor total dos créditos relacionados pelo devedor, pode o tribunal, a requerimento de alguns desses credores ou do devedor, suprir a aprovação dos demais credores, desde que:a)Para nenhum dos oponentes decorra do plano uma desvantagem económica superior à que, mantendo-se idênticas circunstâncias do devedor, resultaria do prosseguimento do processo de insolvência, com liquidação da massa insolvente...;b)Os oponentes não sejam objeto de um tratamento discriminatório injustificado;c) Os oponentes não suscitem dúvidas legítimas quanto ‘a veracidade ou completude da relação de créditos apresentada pelo devedor, com reflexos na adequação do tratamento que lhes é dispensado.”

<sup>168</sup> Cfr. Resolução do Conselho de Ministros 43/2011 de 25 de Outubro.

possível que outros credores requeiram a participação no procedimento, pelo que se a empresa requerente aceitar essas participações, não vemos razões para excluir a possibilidade de suprimimento judicial da respetiva aprovação.

Para SOVERAL MARTINS “*durante a fase de obtenção de suprimimento judicial, a empresa requerente pode pedir a suspensão das ações previstas no n.º 2 do Art. 13.º ... Tendo em conta o Art.º 272.º do CPC. Contudo, a decisão do juiz dependerá do que for pedido naquelas ações e do teor do acordo. Como vimos, o n.º 2 do Art.º 19.º, admite o suprimimento nos casos em que o acordo «corresponda ao disposto no n.º 2 do Art.º 252.º do CIRE»*<sup>169</sup>.

#### **10.1.4 O SUPRIMENTO É DETERMINANTE PARA A ESTABILIDADE DO PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO**

O suprimimento da aprovação de credores é requerido com base no n.º 2 do Art.º 19.º do Dec. Lei n.º 178/2012, de 03 de agosto, atualizado pelo Dec. Lei n.º 26/2015, de 06 de fevereiro, conjugado com o Art.º 258.º do CIRE, mostrando-se um instrumento jurídico fundamental, para a estabilidade da revitalização da empresa em dificuldades, garantindo a todos os credores aderentes, que a medida de *preservação da empresa* requerida em SIREVE e aprovada por mais de 2/3 dos credores, será respeitada pelos credores não aderentes ao SIREVE, que assim ficarão impedidos de obter condições mais vantajosas para si, no pagamento dos seus créditos, respeitando *princípio da igualdade*.

#### **10.2 A (IN) CONSTITUCIONALIDADE DO N.º 4 DO ART.º 258.º DO CIRE**

A decisão de não suprimimento da aprovação dos credores, não admite recurso por força do disposto do n.º 4 do Art.º 258.º do CIRE, o que dá ao juiz um poder de decidir sem escrutínio e sem controlo, podendo daqui nascer decisões inadequadas e controversas, até porque os elementos de que dispõe são apenas os que constam do processo que lhe é submetido.

CARVALHO FERNANDES E JOÃO LABAREDA sustentam que “*o CIRE reserva aqui uma tarefa bem espinhosa ao juiz, de prognose sempre complexo, mas*

---

<sup>169</sup>Cfr. MARTINS, Alexandre Soveral, Um curso de Direito da Insolvência, 2015, Almedina, COIMBRA

sobretudo por serem falíveis os elementos de que para tanto dispõe”<sup>170</sup>., referindo a propósito que “o juiz pressupondo a continuação do processo de insolvência tem de atender aos resultados a que conduziria a liquidação da massa insolvente”<sup>171</sup>, referem estes autores a propósito que “é ingrata a missão do juiz e necessariamente susceptível de erro a estimativa que está obrigado a fazer”<sup>172</sup>.

Ora, perante estes factos e estas reflexões, parece não fazer sentido que a norma seja considerada constitucional, quando no sentido da sua inconstitucionalidade já o tribunal Constitucional se pronunciou, no acórdão proferido com o n.º 360/05, que determinou que “o legislador tem de assegurar sempre a todos, sem discriminações de ordem económica, o acesso a um grau de jurisdição”<sup>173</sup>.

Contudo o n.º 4 do Art.º 258.º do CIRE, dispõe que não cabe recurso da decisão que indefere o pedido de suprimimento da aprovação de qualquer credor, o que parece violar o princípio da igualdade nos termos do Art.º 13.º da CRP-Constituição da República Portuguesa e o direito de acesso aos tribunais, nos termos do Art.º 20.º da CRP.

Mas o Acórdão n.º 69/2014, do TC-Tribunal Constitucional decidiu não julgar inconstitucional a norma do n.º 4 do Art.º 258.º do CIRE. Na sua interpretação “segundo a qual não é permitido o recurso pelos devedores da decisão que indefira o pedido de suprimimento da aprovação de qualquer credor, e, conseqüentemente, da sentença não homologatória do plano apresentado.”

Estariamos certamente em condições de analisar e discutir o acórdão do Tribunal Constitucional, se esse fosse o tema desta dissertação, contudo sempre se dirá que “ensinava Paulo Cunha que os recursos são os meios de impugnação da sentença que consistem em se procurar a eliminação dos defeitos da sentença injusta ou inválida por devolução do julgamento a outro órgão da judicatura hierarquicamente superior, ou em se procurar a correção de uma sentença já transitada em julgado. Um olhar minimamente atento sobre as regras que conformam a extensão da recorribilidade no

---

<sup>170</sup> Cfr. FERNANDES, Carvalho / LABAREDA, João. Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas, Anotado, pp. 1081 e ss.

<sup>171</sup> Cfr. FERNANDES, Carvalho / LABAREDA, João. Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas, Anotado.

<sup>172</sup> Cfr. FERNANDES, Carvalho / LABAREDA, João. Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas, Anotado.

<sup>173</sup> Cfr. FERNANDES, Carvalho / LABAREDA, João. Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas, Anotado.

*âmbito das diferentes jurisdições permite chegar à conclusão de que a regra geral adotada pelo legislador ordinário no nosso sistema processual é a da recorribilidade das decisões judiciais para instâncias superiores* <sup>174</sup>. É neste entendimento que GOMES CANOTILHO sustenta que *"o direito de recurso para um tribunal superior tenha de ser contado entre as mais importantes garantias constitucionais"* <sup>175</sup>.

Independentemente da doutrina, que como se pode verificar é controversa, por agora, teremos de conviver com a irrecorribilidade da norma em causa, sendo certo que tal irrecorribilidade deixa ao juiz um poder de interpretação e decisão que nem sempre se tem mostrado adequado à situação.

---

<sup>174</sup> Cfr. Acórdão do TC 26/2015, Proc. 769/13, de 27 de Fevereiro.

<sup>175</sup> Cfr. CANOTILHO, J. Gomes. Direito Constitucional, 5ª Edição Revista, Almedina, Coimbra, 1991, pp. 769.

## **11 O PROCESSO ESPECIAL DE REVITALIZAÇÃO É POR AGORA MAIS APELATIVO**

### **11.1 ALTERNATIVA À INSOLVÊNCIA PARA SALVAR EMPRESAS VIÁVEIS**

O PER foi apresentado como uma alternativa à insolvência, como uma via para salvar empresas viáveis, confiando absolutamente na sua agilidade e na sua eficácia, bem como na sua capacidade de proteger e recuperar os devedores. Trata-se de um processo, judicial, inspirado no capítulo 11 do *United States Bankruptcy Code*.

Este mecanismo visa disponibilizar uma solução de reestruturação de empresas, defendendo os seus activos, mediante a aprovação e a supervisão dos credores, ao mesmo tempo que pretende reduzir a intervenção dos tribunais e o tempo de decisão.

#### **11.1.1 O SIREVE VERSUS PER**

No estudo que fizemos a propósito do regime jurídico do SIREVE, concluímos que a sua incrementação como alternativa ao PER, está irremediavelmente prejudicada por força da aplicação Art.º2.º A, do Dec. Lei 178/2012, de 03 de agosto, atualizado pelo Dec. Lei 26/2015, de 06 de fevereiro. A celeridade e eficácia que deve ter o plano de reestruturação de uma empresa em situação económica difícil pende agora especialmente por uma opção pelo PER. Contudo o modelo de gestão do PER merece reservas, especialmente porque a visão de alguns AJP/AJ, não se afasta o suficiente do critério da *Insolvência-liquidação*.

Mesmo assim faz sentido refletir de forma abreviada sobre o PER

#### **11.1.2 OS OBJECTIVOS DO PER**

Este instrumento tem a preocupação de facilitar a recuperação, simplificando e acelerando os procedimentos de revitalização dos devedores. Este processo especialíssimo inserido no processo especial de insolvência e recuperação de empresas e de outros devedores, persegue dois objetivos imediatos: a negociação para conclusão de um acordo e a revitalização.

### **11.1.3 O PER PERMITE AO DEVEDOR NEGOCIAR COM OS CREDITORES**

Este processo facilita ao devedor o estabelecimento de negociações com os seus credores no intuito de obter com deles um acordo que torne possível a sua recuperação, no respeito pela autonomia privada e liberdade contratual.

Nem sempre esta negociação é fácil. As vezes a degradação da situação económica e financeira do devedor, e o seu incumprimento, deteriora a relação com os seus credores, que muitas vezes se sentem financiadores involuntários do devedor, acrescendo em muitos casos dificuldades semelhantes para os credores. Em todo o caso, a manifestação por este da vontade de negociar, através do tribunal, com o apoio de um ou mais credores, oferece garantias de seriedade e de segurança para negociarem livremente numa alternativa à insolvência.

### **11.1.4 O ACORDO DEVE ATENDER AO PLANO DE NEGÓCIOS**

O conteúdo deste entendimento não difere muito de um comum acordo de reestruturação de dívida, compreendendo nomeadamente: a concessão de mais prazo para pagamento dos débitos; a redução ou perdão de juros, ou mesmo de capital; e, por vezes, um financiamento adicional.

Tudo terá de ser analisado em função de um plano de negócios consistente.

Mas o acordo revitalizador não devia ficar-se pela reestruturação da dívida, devendo ser adequado a um plano de negócios credível em função do negócio, nomeadamente, prevendo a formação, a flexibilização dos recursos humanos, a reformulação de preços, melhoria dos processos de produção e a modernização comercialização dos produtos ou serviços, tornando-os mais competitivos em novos mercados.

A probabilidade de nas negociações se conseguir um acordo revitalizador, depende muito dos interesses heterogéneos dos titulares dos créditos. São estes que têm o poder de decidir, ou não, pela recuperação do devedor. A posição dos credores dependerá, em suma, do que cada um tiver por mais vantajoso para os seus interesses económicos, antes de qualquer outro.

Há credores pouco flexíveis ou porque são fortes e tem posição determinante para a obtenção de um acordo de revitalização, ou porque são concorrentes. Mas há credores mais modestos normalmente mais predispostos a negociar. Na primeira categoria costumam estar os credores estatais como a Fazenda Pública e a Segurança Social e os que detem garantias ou porque têm dificuldade em suavizar mais as condições de pagamento dos seus créditos.

Daí a imposição, no aludido memorando de entendimento, de o Estado autorizar estas entidades a diversificarem os instrumentos de reestruturação de dívidas. Isto porque para autorizar às empresas devedoras o pagamento a prestações, a ATA não abdica de garantias, o que compromete o acordo, impondo-se como inevitável a insolvência.

Contudo, embora haja quem considere a flexibilização das condições de reestruturação das dívidas fiscais e de segurança social o quarto pilar da revitalização, não se pode esperar muito destas entidades públicas. Com efeito, trata-se do dinheiro dos contribuintes em geral.

#### **11.1.5 O ART.º196.º DO CPPT**

O Art.º 196.º, n.ºs 5, 6 e 8, do *CPPT-Código de Procedimento e Processo Tributário*, com as alterações introduzidas pela Lei n.º 64-B/2011, de 30 de Dezembro (OE 2012), estabelece condições apertadas de acesso ao prazo máximo de pagamento a prestações:

Nos casos em que se demonstre notória dificuldade financeira e previsíveis consequências económicas para os devedores, poderá ser alargado o número de prestações mensais até 5 anos, se a dívida exequenda exceder 500 unidades de conta no momento da autorização, não podendo então nenhuma delas ser inferior a 10 unidades da conta, podendo a ATA, estabelecer que o regime prestacional seja alargado até ao limite máximo de 150 prestações, com a observância das condições específicas.

#### **11.1.6 A POUCA FLEXIBILIDADE DOS CREDITORES PÚBLICOS**

A pouca flexibilidade dos credores públicos tem sido notória, sendo as empresas confrontadas com problemas de toda a ordem, que na maior parte das vezes aparece por força da pouca disponibilidade dos seus interlocutores.

A revitalização de empresas interessa à economia em geral, mas tem sido feita a custa dos credores privados, uma vez que da parte do Estado os acordos, não tem passado de moratórias, que não dispensam nem juros nem coimas.

Se a posição do credor Estado, não for alterada num sentido mais amigável a revitalização corre o risco de fracassar com custos elevados para os credores, para o devedor e para o próprio Estado.

Nos termos do n.º 2 do Art.º 30.º da LGT aprovada pelo Decreto-Lei n.º 398/98, de 17 de dezembro, alterada pela Lei n.º 55-A/2012, de 29 de outubro, “*O crédito tributário é indisponível*”<sup>176</sup>. Só pode fixar-se “*condições para a sua redução ou extinção com respeito pelo princípio da igualdade e da legalidade tributária*”<sup>177</sup> já que estes créditos são indisponíveis, na defesa dos interesses do estado.

Pode ser autorizado o pagamento da dívida à SS em prestações, nos termos previstos no Art.º 190.º do CRCSPSS aprovado pela Lei n.º 110/2009, de 16 de Setembro, com a redação introduzida pela Lei n.º 20/2012, de 14 de Maio: “*A autorização do pagamento prestacional de dívida à segurança social, a isenção ou redução dos respectivos juros vencidos e vincendos, só é permitida nos termos do presente artigo, sem prejuízo das regras aplicáveis ao processo de execução fiscal*”<sup>178</sup>.

Para efeitos do disposto no número anterior, o incumprimento do pagamento das contribuições mensais desde a data de entrada do requerimento, constitui indício da inviabilidade económica do contribuinte, o que é naturalmente uma interpretação abusiva e desleal face á dificuldades do tecido económico.

## 11.2 CONDIÇÕES DE ACESSO

Têm legitimidade para recorrer ao PER, tanto as empresas como as pessoas singulares. A norma refere-se sempre ao devedor e a “todo o devedor”, o que naturalmente abrange as entidades referidas no Art.º 2.º do CIRE: pessoas singulares e colectivas, herança jacente, associações sem personalidade jurídica e comissões especiais, sociedades civis, comerciais, civis sob a forma comercial, cooperativas, estabelecimentos individuais de responsabilidade limitada e quaisquer outros patrimónios autónomos.

---

<sup>176</sup> Cfr. Dec. Lei n.º 398/98 de 17 de Dezembro.

<sup>177</sup> Cfr. ARTIGO 30º n.º 2 do Dec. Lei n.º 398/98 de 17 de Dezembro.

<sup>178</sup> Cfr. ARTIGO 190º do Código dos Regimes Contributivos do Sistema Previdencial de Segurança Social.

Mas, para acederem a esta via de revitalização, os interessados terão de começar por cumprir certos requisitos de ordem formal ou burocrática. Além destas condições, os candidatos à revitalização deverão satisfazer outras de índole económica, graduadas em dois níveis de pré-insolvência.

### **11.2.1 CONDIÇÕES FORMAIS**

São várias as condições de acesso e cumprem-se em momentos distintos, consoante os requerentes pretendam começar o processo pela negociação ou se apresentem ao juiz, com um acordo aprovado e assinado pelos credores.

### **11.2.2 PROCESSO COM NEGOCIAÇÃO**

O processo especial de revitalização inicia-se com a entrega em tribunal via CITIUS, com intervenção de advogado, de uma de um requerimento em que a requerente expõe a sua situação acompanhada de uma declaração escrita assinada pelo devedor e, ao menos, por um dos seus credores, em que aquele declara reunir as condições para a sua recuperação, exprimindo a vontade de estabelecer negociações com os credores a fim de obter a aprovação de um plano para a sua recuperação.

Existe nesta declaração alguma incongruência. A mera declaração de um particular a dizer que reúne determinadas condições é tão-só a sua palavra a defender um interesse próprio.

No entanto, sendo a rapidez e a simplificação a marca deste processo, o juiz recebe a declaração e se é verdadeira ou não, ver-se-á nas negociações pois a consequência da sua falsidade, será certamente o fracasso na obtenção do acordo.

O acordo será alcançado, com base num plano de negócios que o devedor candidato a revitalizado poderá entregar na declaração em que comunica ao tribunal o desejo de iniciar o processo de revitalização ou posteriormente. Em todo o caso, o conteúdo deste plano deve salvaguardar a valência financeira com a reestruturação do passivo, o reforço de capitais próprios e a diminuição de custos de funcionamento e de produção. O plano deve prever a reformulação do posicionamento estratégico do devedor no mercado, procurando explorar novas áreas e implementar uma nova política de preços.

### 11.2.3 PROCESSO SEM NEGOCIAÇÃO

O interessado num processo de revitalização PER pode requerê-lo ao Tribunal, já com o acordo previamente alcançado, com os seus credores. Desde que estes acordos representem pelo menos, dois terços da totalidade dos votos expressos e mais de metade dos votos emitidos correspondentes a créditos não subordinados sem contar as abstenções. Contudo esta premissa só é válida, se o quórum deliberativo for alcançado, o que deverá corresponder a um terço do total de créditos.

Nestas circunstâncias, o requerente juntará os mesmos documentos que acompanham a manifestação de vontade de encetar negociações, previstos na al. c) do n.º 1 do Art.º 17.º -C.

Depois de recebidos estes documentos, o juiz nomeia o AJP, a secretaria pública a lista provisória de créditos e notifica do acordo os credores que nele não intervieram mas que constam da relação de créditos apresentada pelo devedor. O acordo fica, então, patente na secretaria para consulta nos termos do nº2 do Art.º 17.º -I do CIRE.

### 11.2.4 CONDIÇÕES ECONÓMICAS

A débil situação económico-financeira do devedor é a principal razão que, normalmente, o leva a recorrer a este processo especial na expectativa de revitalizar a sua atividade. Deste modo, para ser admitido terá de se encontrar numa situação que o justifique, mas que não seja ainda de insolvência – em situação económica difícil ou de insolvência iminente e num estado de previsível recuperação.

### 11.2.5 SITUAÇÃO ECONÓMICA DIFÍCIL OU DE INSOLVÊNCIA IMINENTE

A lei considera, como já vimos, “*em situação económica difícil, o devedor que enfrentar dificuldade séria em cumprir pontualmente as suas obrigações*”, designadamente por falta de liquidez ou por não conseguir obter crédito junto da banca, nos termos do Art.º 17.º -B do CIRE.

A falta de liquidez pode resultar do facto de a empresa não conseguir que os seus clientes, entre os quais o próprio Estado lhe pague os bens ou serviços que lhes forneceu. Por outro lado, as obrigações em causa são as vincendas, pois se o devedor já

se encontrar em incumprimento generalizado das suas obrigações vencidas, poderá não estar ainda em situação económica difícil, mas pode ter entrado em insolvência atual e, nesse caso, não pode recorrer ao processo de revitalização.

Como já vimos com o SIREVE e também com o PER, para o dever de apresentação à insolvência presume-se de forma inilidível que o devedor tem conhecimento da sua situação de insolvência.

A iminência de o devedor ficar insolvente tem de ser antecipada e analisada por ele próprio. É importante que esta autoavaliação do devedor seja correta e feita em tempo útil, uma vez que para aceder ao processo de revitalização o interessado só tem de, manifestar a sua vontade nesse sentido, declarando-se recuperável nos termos do Art.º 17.º -C do CIRE. A natureza urgente do processo que a lei impõe à intervenção liminar do juiz, obrigando-o a nomear de imediato o AJP não deixa margem para uma apreciação prévia adequada à situação.

### **11.3 SUSCEPTIBILIDADE DE RECUPERAÇÃO**

Além de se encontrar em situação económica difícil ou na iminência de ficar insolvente, o devedor tem de ser economicamente recuperável. Mas, como já se viu, à partida, esta exigência fica satisfeita com a declaração do devedor em que “atesta que reúne as condições necessárias para a sua recuperação”<sup>179</sup> nos termos do nº2 do Art.º 17.º-A do CIRE.

O legislador acaba por admitir que é possível o tribunal recusar o pedido de acesso ao processo de revitalização e não nomear administrador, não se iniciando, assim, as negociações, com base numa apreciação negativa da própria declaração e dos documentos que a acompanham. Desses documentos poderá resultar sem quaisquer dúvidas, que o devedor está em situação de insolvência atual ou até, como tal já ter sido assim declarado.

#### **11.3.1 A NOMEAÇÃO DE ADMINISTRADOR JUDICIAL PROVISÓRIO**

O despacho a nomear um AJP é de imediato comunicada ao devedor, iniciando-se o *processo especial de revitalização*.

---

<sup>179</sup> Cfr. Lei 16/2012, de 20 de Abril

O primeiro efeito deste despacho é suspender logo o exercício do direito de acção dos credores, não admitindo a instauração ou a progressão de certos processos declarativos e executivos que estes pretendam intentar ou fazer seguir contra o devedor. Mas, ao mesmo tempo, o devedor sofre uma relativa inibição dos poderes de disposição dos seus bens. No decurso do processo pode haver lugar à constituição de garantias para novos financiamentos, de onde resultará uma trégua processual.

### **11.3.2 TRÉGUA PROCESSUAL**

A lei impõe uma paragem na litigância entre as partes, proibindo novas ações contra o devedor ou que contra ele prossigam as que estejam pendentes.

### **11.3.3 ACÇÕES DE COBRANÇA**

A decisão de aceitação do requerimento inicial do devedor nos termos do nº3 do Art.º 17.º-C do CIRE, pedindo a abertura do processo especial de revitalização obsta, desde logo, à instauração de quaisquer ações para cobrança de dívidas contra o devedor e, durante todo o tempo em que durarem as negociações, suspendendo as ações pendentes contra o devedor com idêntica finalidade.

As ações pendentes extinguem-se logo que seja homologado o plano de recuperação a nos termos do nº1 do Artº17.-E, e 17.º-F do CIRE.

### **11.3.4 ANTERIORES PROCESSOS**

Os processos em que haja sido requerida a insolvência do devedor suspendem-se na data de publicação no portal Citius, do despacho de nomeação de administrador provisório, desde que neles não tenha já sido proferida sentença declaratória da insolvência e extinguem-se logo que seja aprovado e homologado um plano de recuperação, nos termos do nº6 do Art.º 17.º-E do CIRE.

Em coerência com a filosofia que preside à revitalização, também deverá ser suspensa a insolvência requerida contra o revitalizando, na pendência deste processo especial sob pena de este último redundar num conjunto de atos inúteis.

### 11.3.5 INIBIÇÃO DO DEVEDOR

O despacho judicial de nomeação do AJP constitui impedimento do devedor de, sem autorização daquele, para praticar atos de especial relevo nos termos do nº 2 do Art.º 17.º-E do CIRE.

Para verificar se um determinado ato pertence a esta categoria, deve tender-se à Lei que considera atos de especial relevo: a venda da empresa, do estabelecimento ou da totalidade das existências; a alienação de bens necessários à continuação da exploração da empresa, antes do respetivo encerramento; alienação de participações noutras sociedades destinadas a garantir o estabelecimento com esta de uma relação duradoura; aquisição de imóveis; celebração de novos contratos de execução duradoura; assunção de obrigações de terceiros e a constituição de garantias.

Nestes casos o devedor solicitará por escrito a prévia autorização do AJP para praticar qualquer destes atos, e este deverá concedê-la também por escrito.

### 11.3.6 GARANTIAS

*“Os credores que, no decurso do processo, apoiem a actividade do devedor, disponibilizando-lhe capital para a sua revitalização, gozam do privilégio creditório mobiliário geral concedido aos trabalhadores”*<sup>180</sup> nos termos do nº 2 do Art.º 17.º-H do CIRE.

Além disso, nos termos do nº1 da mesma norma *“as garantias convencionadas entre o devedor e os seus credores, durante o processo de revitalização, com a finalidade de proporcionar àquele os necessários meios financeiros para a manutenção e o desenvolvimento da sua actividade económica, mantêm-se mesmo que, findo este processo, venha a ser declarada, no prazo de dois anos, a insolvência do devedor.”*<sup>181</sup>

Este sistema de garantias vale apenas para os financiamentos concedidos no decorrer do processo de revitalização, não vale para os créditos anteriores de que seja titular o mesmo credor financiador. Estas garantias constituem um incentivo aos credores, para apostarem na revitalização do devedor recuperável, inculindo-lhes maior segurança e confiança.

---

<sup>180</sup> Cfr. Lei nº 26/2015 de 20 de Abril

<sup>181</sup> Cfr. Lei nº 26/2015 de 20 de Abril

### 11.3.7 RECLAMAÇÕES DE CRÉDITOS

A publicação no portal Citius do despacho de nomeação do AJP faz despoletar um conjunto de prazos. Qualquer credor pode reclamar créditos, no prazo de vinte dias. As reclamações serão remetidas ao administrador, por via eletrónica ou postal, e devem identificar os créditos de forma clara, especificando, designadamente, a sua proveniência, data de vencimento, montante de capital e juros, condições suspensivas ou resolutivas a que estejam sujeitos, bem como a sua natureza.

A seguir ao termo do prazo das reclamações, compete ao AJP, em cinco dias, elaborar uma lista provisória de créditos, que será imediatamente apresentada na secretaria do tribunal e publicada no portal Citius. Esta lista pode ser impugnada por qualquer interessado, nomeadamente por inclusão ou exclusão indevidas de créditos, por divergências de montantes ou de qualificação dos créditos nos termos do nº2 do Artº 120.º do CIRE no prazo de cinco dias úteis, a contar da data da publicação no mesmo, portal informático.

O Tribunal dispõe de idêntico prazo para decidir sobre as impugnações. Cinco dias parece um prazo difícil de alcançar face a complexidade de alguns processos.

O juiz decide “*sobre as impugnações formuladas.*”, “*...competete ao juiz realizar ou ordenar, todas as diligências necessárias ao apuramento da verdade e à composição do litígio*”, nos termos do nº3 do Art.º 265.º do CIRE, ao abrigo do “*princípio da cooperação*”<sup>182</sup>.

Podendo em qualquer altura do processo, ouvir as partes, os seus representantes ou os seus mandatários judiciais.

## 11.4 AS NEGOCIAÇÕES

Assim que for notificado do despacho de nomeação do AJP provisório, o devedor comunica imediatamente a todos os seus credores que deu início a negociações com vista à sua revitalização e convida-os a participar, informando que a documentação pertinente, requerida pelo Art.º 24.º, n.º 1, do CIRE e que o mesmo se encontra disponível para consulta na secretaria nos termos do nº1 do Art.º 17.º-D do CIRE.

---

<sup>182</sup> Cfr. ARTIGO 7º Dec. Lei 41/2013 de 26 de Junho

#### **11.4.1 O PROCESSO**

Decorrido o prazo para impugnação da lista provisória de créditos apresentada pelo administrador provisório, ou convertendo-se esta em definitiva por falta de impugnação, os intervenientes no processo dispõem de um prazo de dois meses, prorrogável consensualmente por mais um mês, para concluírem as negociações encetadas nos termos do nº 3 e 5 do Art.º 17.º-D do CIRE. Estas negociações decorrem em ambiente extrajudicial, só voltando as partes ao Tribunal, após chegarem a um acordo ou depois de ter acabado o processo negocial sem se entenderem.

Durante o processo negocial, devem os intervenientes observar os princípios orientadores da recuperação, aprovados pela resolução do Conselho de Ministros n.º 43/2011, de 25 de Outubro.

O devedor pode pôr termo às negociações a todo o tempo, independentemente de qualquer causa, devendo para o efeito, comunicar tal decisão ao AJP, a todos os seus credores e ao tribunal, por carta registada. Porém, com esta rotura, o devedor sujeita-se às consequências do encerramento do processo, previstas no CIRE pelo seu Art.º 17.º-G, n.ºs 5 e 1 a 4, designadamente a extinção de todos os efeitos do processo de revitalização e a provável declaração da sua insolvência.

#### **11.4.2 APROVAÇÃO DO PLANO**

As negociações entre o devedor e os credores podem chegar ao fim com a aprovação de um plano de recuperação, podendo também terminar no fim do prazo, sem ter sido possível conseguir um acordo.

A votação efetua-se por escrito, segundo as regras estabelecidas para a aprovação do plano de insolvência nos termos do Art.º 211.º, ex vi, e nº 4 Art.º 17.º-F, ambos do CIRE. Na votação participam apenas os titulares de créditos com direito de voto presentes ou representados; o voto deve conter a aprovação ou a rejeição da proposta de acordo, pois qualquer sugestão de modificação ou condicionamento do voto implica a rejeição da proposta nos termos do nº 4 do Artº 17.º-F do CIRE.

Se o plano for aprovado, pode sê-lo por unanimidade ou por maioria, mas em qualquer caso a sua homologação judicial vincula os credores, mesmo os que não tenham intervindo nas negociações.

#### **11.4.3 APROVAÇÃO POR UNANIMIDADE**

As negociações podem terminar com todos os credores nelas envolvidos a aprovarem um plano de recuperação do devedor, pelo que deve ser assinado por todos os intervenientes, para que fiquem vinculados ao seu cumprimento. O mesmo documento deve ser, imediatamente, enviado ao Tribunal, pelo AJP, com os anexos que demonstrem a aprovação.

O juiz tem depois dez dias para homologar, ou não, o acordo de recuperação. Se for homologado, o plano produz, de imediato, os seus efeitos nos termos do nº1 do Art.º 17.º-F do CIRE.

#### **11.4.4 APROVAÇÃO POR MAIORIA**

O plano de recuperação considera-se aprovado se reunir a maioria dos votos prevista no n.º 1 do Art.º 212.º, do CIRE, com um quórum deliberativo calculado com base nos créditos relacionados na lista provisória de créditos nos termos dos nº(s) 3 e 4 do Art.º 17.º-D do CIRE.

#### **11.4.5 HOMOLOGAÇÃO DE ACORDO**

Depois de convertida a lista de créditos em definitiva, de harmonia com o disposto nos termos do nº 2 e 4 do Art.º 17.º-D do CIRE, o Juiz tem dez dias para analisar e homologar o acordo extrajudicial, quer este tenha sido aprovado no âmbito do SIREVE ou por livre negociação entre o devedor e os credores. A homologação depende de dois requisitos: 1) observância da maioria prevista no n.º 1 do Art.º 212.º do CIRE na aprovação do acordo; 2) a inexistência de qualquer das circunstâncias enunciadas nos Art.ºs 215.º e 216.º, ambos do CIRE, designadamente a violação não negligenciável de regras procedimentais ou das normas aplicáveis ao seu conteúdo e a solicitação de não homologação por algum credor ou sócio.

#### **11.4.6 NÃO APROVAÇÃO DE UM PLANO**

Na hipótese de não se conseguir que pelo menos, um terço dos credores aprove um plano de recuperação, dentro do prazo de dois meses, eventualmente mais um de

prorrogação, o processo é encerrado, devendo o AJP comunicar tal facto ao processo de preferência através do Citius.

Se, nessa data, o devedor ainda não se encontrar em situação de insolvência, o encerramento do processo especial de revitalização acarreta a extinção de todos os seus efeitos nos termos do nº 2 do Art.º 17.º-G do CIRE.

Encerradas as negociações, sem acordo, o AJP além de reportar esse acontecimento ao processo. Neste o caso requer ao tribunal que declare a extinção ouvidos o devedor e o credor. O juiz deverá então proferir a sentença declaratória da insolvência, nos três dias úteis seguintes à recepção da comunicação do administrador, nos termos dos nº (s) 3 e 4 do Art.º 17.º-G do CIRE.

O fim do processo especial de revitalização sem aprovação de um acordo impede o devedor de o voltar a requerer durante um período de dois anos novo PER nos termos do nº 6 do Artº17ºG do CIRE.

## 12 CONCLUSÃO

### 12.1 SIREVE E PER NÃO SÃO INSTRUMENTOS DE RECUPERAÇÃO ALTERNATIVOS

A comparação destes dois instrumentos mostra-nos que o SIREVE é um mecanismo de carácter extrajudicial, que carece do recurso ao Tribunal para Suprimento da Aprovação de Credores com vista a tutelar o efeito do acordo alcançado, estendendo-o a todos os credores do devedor que a ele recorra. Sendo o PER um mecanismo de carácter híbrido que corre na dependência do Tribunal e do AJP, cuja decisão final vincula todos os credores do procedimento.

Ambos os procedimentos permitem a interação entre devedores e credores, sendo os seus regimes jurídicos, práticas semelhantes, quanto aos efeitos, como foi demonstrado. Contudo, resulta claro que os grandes problemas e as grandes diferenças entre os dois instrumentos estão na desenvoltura do processo e acima de tudo na credibilização dos dois procedimentos.

Enquanto no SIREVE a mediação cabe ao IAPMEI, no PER cabe ao Tribunal tendo o AJP/AJ uma função determinante na ligação entre o devedor, os credores e o juiz. Em ambos os procedimentos as negociações devem considerar-se extrajudiciais, sendo evidente que o SIREVE que resultou do Dec. Lei 178/2012, de 03 de agosto, partiu com alguma vantagem face ao PER, já que na sua história recente tinha um antepassado, o PEC. Embora este procedimento não tivesse alcançado resultados relevantes, deu os primeiros passos para evitar algumas insolvências.

A época de crise insolvencial que reapareceu no início do ano de 2005, foi-se agravando fazendo as empresas entrar num percurso de dificuldades crescentes, tendo o PEC ajudado a encontrar soluções para as dificuldades que as mesmas vinham sentindo. Contudo a sua morosidade e a sua burocratização, apoiada numa legislação *lacunosa*, não criou um ambiente favorável em seu redor, o que forçou à sua reformulação.

Com o *Programa Revitalizar* apareceu o seu natural descendente, o SIREVE. Este novo procedimento, como já vimos, foi confrontado logo no início com o PER, que parecendo mais ágil, foi alcançando rapidamente mais aderentes. O PER é naturalmente um procedimento mais expedito, mais focado nos efeitos jurídicos imediatos e também

mais fácil de executar, mas sendo muitas vezes um instrumento mal utilizado face os objetivos que dele se esperam. É sobretudo mais impessoal do que o SIREVE.

O direito da insolvência em Portugal, mas também na Europa, tem vivido *arrastado* pela política, mas também pelas políticas económicas, pelos seus sucessos mas também pelos seus insucessos. Só este percurso sinuoso das últimas décadas nos faz compreender a dicotomia de conceitos que confrontaram o CPEREF com o CIRE, o que consequentemente nos mostrou a diferença de comportamentos e interesses entre a *insolvência/saneamento* e a *insolvência/ liquidação*.

Todos vimos sentindo que a *insolvência* e a *recuperação* devem ser trabalhadas com cuidado, com rigor e acima de tudo com profissionalismo. Na última década foram declaradas muitas insolvências e constituídos muitos insolventes, muitos deles apenas porque o sistema empurrou bons empreendedores, para percursos empresariais de que não saíram.

Como já se referiu, a estrada da insolvência é sinuosa, estreita e não tem regresso, pelo que muitas insolvências foram declaradas, sem que os empresários possam ser considerados culpados ou responsabilizados por más práticas de gestão.

Ao longo deste trabalho ficou evidente que menos de três anos depois da publicação da legislação de suporte do SIREVE, o legislador já mudou o seu regime legal alterando o seu conceito. Com o devido respeito, para já, o SIREVE encaminhou-se para mais burocracia, tornando-se mais impessoal e dependente de um IAPMEI que não tem meios para o incentivar.

O legislador mudou uma legislação que estava a ser bem recebida no meio empresarial, sem se compreender a razão dessa mudança e fê-lo de forma tão apressada, que se não inverter o percurso do seu erro, dentro em breve, teremos apenas no sistema insolvencial e da recuperação do Direito Português, um instrumento de revitalização. Não duvidando nós de que subsistirá o PER.

O PER não é um instrumento vocacionado para garantir boas recuperações empresariais, mas face aos mecanismos e à sua *componente saneamento*, tem mostrado preocupações com os negócios que podem ser determinantes para garantir o cumprimento das obrigações dos devedores, mesmo perante o evidente ou quase inexistente apoio financeiro concedido pelos credores financeiros aos seus clientes em dificuldades.

Ao longo do nosso trabalho focámos aspetos relevantes de colaboração entre devedores e credores, mas na prática sabemos que o *dever de colaboração* e a *boa-fé* que presidem aos *princípios orientadores*, não tem sido fácil de gerir.

Se atendermos ao passado do SIREVE, especialmente ao seu antecessor (PEC), vamos concluir que este último foi produto de uma legislação apressada, que deu poderes e funções ao IAPMEI que este não foi capaz de realizar. O PEC foi produzido para satisfazer as necessidades derivadas do aparecimento do CIRE, que tinha terminado com o CPEREF, tendo o SIREVE aparecido na mesma linha, ou seja, por obrigação de dar cumprimento ao memorando de entendimento estabelecido entre Portugal e a Troika. Mesmo assim o SIREVE procurou responder às novas questões da insolvência, que alteraram profundamente o conceito do *direito falimentar* português, agora exposto a novas situações de “*quebra*” particularmente motivadas pela necessidade de ajustamento da economia e do País, às situações introduzidas pela U E e pela globalização.

Já não se compreenderá tão bem que as lacunas do PEC, que evidenciámos e que estão na base do seu insucesso, pudessem ser transpostas para o SIREVE, independentemente das muitas melhorias operacionais que o IAPMEI introduziu nos seus serviços.

Era preciso ter entendido que a recuperação de empresas, não se restringe a meros estudos económicos, e que os negócios e atividade empresarial estão para além das projeções económicas e financeiras dos projetos que se *desenham* em papel. Era necessário ter pensado o apoio técnico a dispensar às PME e que este naturalmente não passará apenas pelo IAPMEI, mas que pode passar por um corpo de técnicos, *interlocutores ativos*.

Ambos os instrumentos (SIREVE e PER) foram direcionados à recuperação de entidades empresariais em dificuldades, com vista á sua recuperação. Embora inicialmente os dois procedimentos fossem concorrenciais e temporalmente compatíveis. Os empresários mais esclarecidos denotavam preferência pela utilização do SIREVE em detrimento do PER, uma vez que o primeiro tinha carácter mais sigiloso, sendo naturalmente mais protegido da publicidade negativa da relação com a insolvência, a que o PER está naturalmente mais exposto.

Mas o fracasso do PEC, não serviu de correção ao projeto SIREVE, tantos mais que como fomos demonstrando as *lacunas* do primeiro, foram naturalmente refletidas no

segundo, e provavelmente com maior amplitude em alguns desses erros. A burocratização da interligação dos dois procedimentos veio demonstrar que o legislador pretende dar primazia ao PER, criando restrições que não se entendem. Entre elas a que determina que *“o recurso ao PER obsta à utilização do SIREVE na sua pendência”*, nascendo assim mais um conjunto de restrições, que alguns autores tem procurado esclarecer: MARIA DO ROSÁRIO EPIFÂNIO entende que, *“o recurso ao PER também impede o devedor de, nos dois anos seguintes ao encerramento do PER sem obtenção de acordo (ou sem homologação de plano de aprovação) ou verificando-se o incumprimento dos termos do plano de recuperação, lançar mão do SIREVE nos termos do nº1 do Art.º18.º...e que a utilização do SIREVE não impede o recurso ao PER nos termos do nº 6 do Art.º18.º. Referindo ainda o que o recurso ao PER na pendência do SIREVE importa a extinção deste procedimento nos termos do nº7 do Art.º18.º Do exposto podemos concluir que existe uma clara preferência do legislador pelo PER, em detrimento do SIREVE.”*<sup>183</sup>

Mesmo assim, sempre se dirá que o legislador definiu, inicialmente, um quadro legal para o SIREVE e para o PER que tornou os dois procedimentos alternativos, devendo caber aos empresários em dificuldades a opção livre por uma das soluções de recuperação, que entendessem mais adequada à sua situação.

Mas o legislador decidiu cerciar esta liberdade, republicando o Dec. Lei nº 178/2012, de 03 de agosto, em consequência da publicação do Dec. Lei nº 26/2015, de 6 de fevereiro, introduzindo alterações que tornaram os dois instrumentos de revitalização disponíveis no sistema de jurídico português, agora, como complementares e utilizáveis em momentos diferentes da vida das empresas em dificuldades, sem que se entenda a razão da alteração, tanto mais que é desprovida de sentido técnico.

Ao SIREVE só podem agora recorrer entidades empresariais que passem no teste automático previsto no Art. 2 A do Dec. Lei nº 178/2012, de 03 de agosto, republicado, que obriga as entidades empresariais em dificuldades a submeter na plataforma do IAPMEI as suas *demonstrações financeiras históricas*. A apreciação automática do IAPMEI tem carácter de indeferimento liminar, se não forem verificados os pressupostos introduzidos na Lei, que assim não acautela o projeto de revitalização que o empresário pretende submeter aos seus credores.

---

<sup>183</sup> Cfr. EPIFÂNIO, Maria Rosário. Manual de Direito da Insolvência, 4ª Edição, Almedina.

Esta apreciação automática, a que não podemos aderir, é uma espécie de condenação num processo em que se *proíbe* uma parte da prova, precisamente aquela que determina o futuro da entidade empresarial em dificuldades.

Esta contradição Legal, com o devido respeito, não nos deixa entender que se possa pensar, que uma empresa que esteja *bem* ou pelo menos, *menos mal*, possa pretender fazer um acordo de credores, apenas, porque admite que num futuro... pode não cumprir as suas obrigações.

Até poderíamos aderir a esta postura, se por ventura esta pré-análise fosse feita atendendo a um anteprojecto de revitalização que atendesse ao histórico da entidade candidata, mas também às alterações que proporcionariam a reestruturação, contudo a urgência destes processos não se adapta a burocracias e perdas de tempo com apreciação, e aperfeiçoamentos, e algumas presunções técnicas de conhecimento científico duvidoso. A morosidade que se reconhece ao processo de apreciação prévia do requerimento SIREVE, só poderia tornar-se ainda mais morosa, dando espaço à versatilidade do PER.

Não tendo sido esse o entendimento do legislador fica a dúvida se pretendeu matar o SIREVE ou se o IAPMEI não tem condições para continuar a mediar, ou mesmo se não entendeu que a reestruturação de empresas carece de técnicos com experiência na função. Acima de tudo, fica a ideia de que este comportamento legislativo deriva de meras decisões políticas, que não se sustentam em práticas económicas adequadas à realidade das PME.

A obtenção de acordos equilibrados entre os credores e o devedor para reabilitação deste, só podem ser conseguidos através do SIREVE ou do PER, com base em propostas concretas e adequadas ao negócio, e só pode caber ao empresário a opção de se apresentar a uma desses instrumentos. Se o legislador pretender manter o IAPMEI neste processo, e não vislumbramos razão para que o não faça, precisa apenas de consagrar na Lei formalismo idêntico ao PER, concedendo ao IAPMEI funções similares às atribuídas ao juiz no processo PER, ou seja, funções meramente administrativas, traduzindo a função do *interlocutor* e transportando-a para um conjunto de técnicos que possam avaliar e diagnosticar a situação dos devedores, e que especialmente possam acompanhar as empresas no percurso da sua reabilitação que é naturalmente mais longo do que a data da ata final.

De nada servirá um plano de pagamentos, uma moratória ou mesmo um perdão de dívida, se o negócio que suporta a entidade a reestruturar não tiver consistência e credibilidade.

Procurámos ao longo do nosso trabalho evidenciar o que considerámos *lacunas* do SIREVE, especialmente aquelas que operacionalmente e na prática, se tem mostrado como estando na origem das dificuldades do procedimento, mas também das entidades que a ele recorreram. Mas não podemos deixar de admitir que o PER ganha terreno ao SIREVE, por opção de legislador.

O PER surge como forma de tornear uma característica congénita do CIRE, pelo menos aos olhos do legislador que continua orientados para a liquidação, embora agora com o PER como primeira alternativa à *recuperação*. A celeridade de início de um procedimento PER, nada tem a ver com a burocratização e lentidão do início de um processo SIREVE, pelo que não podemos deixar de considerar que o SIREVE já não é alternativa ao PER.

Parece poder inferir-se da intenção do legislador, que o SIREVE se aplica a situações de dificuldade “*menos graves*”, enquanto o PER parece aplicar-se a situações de dificuldade “*mais graves*”.

Ou seja para aceder ao SIREVE não releva a proposta de revitalização a implementar, mas a pretensa situação evidenciada nas suas demonstrações financeiras, que muitas vezes o empresário desconhece como foram construídas.

Com base num juízo de valor, automático, realizado de forma impessoal num simulador colocado no sítio do IAPMEI, o empresário é empurrado sem razão aparente para o PER, ou mesmo para a Insolvência.

Como refere CATARINA SERRA “*A verdade é que o Direito de Insolvência já não é só uma disciplina aplicável à insolvência e vocacionada para o pagamento aos credores (...) é também, e cada vez mais predominantemente, a disciplina aplicável às situações de pré-insolvência e tendente a evitar medidas de última ratio. E a verdade é que à centralização do Direito da Insolvência na pré-insolvência se deveu o relativo insucesso dos instrumentos clássicos*”<sup>184</sup>.

---

<sup>184</sup> Cfr. SERRA, Catarina, III Congresso de Direito de Insolvência, Almedina.

*A ideia de que o Direito da Insolvência é um instrumento da realização dos direitos de crédito é tão antiga que ninguém se lembra de a pôr em causa ... todavia, olhando bem para o passado recente e para o previsível futuro, é cada vez mais oportuno reavaliar a função ou as funções do direito da Insolvência.*

Com modéstia, de uma forma geral, a este propósito aderimos ao pensamento expresso por CATARINA SERRA, durante o *III Congresso do Direito da Insolvência*.

Independentemente da sensibilidade do legislador a estas mesmas considerações e da sua maior ou menor perícia técnica, a matéria será sempre difícil de regular apenas por meio de regras do direito positivo, cabendo à doutrina e à jurisprudência e a todos os intérpretes do Direito da Insolvência a sua sensata aplicação.

## BIBLIOGRAFIA

ALEXANDRE, Isabel - **Efeitos Processuais da Abertura do Processo de Revitalização**. In II CONGRESSO DE DIREITO DA INSOLVÊNCIA, Coimbra, 2014, Almedina.

ANTUNES, José A. Engrácia - **Os Títulos de Crédito – Uma Introdução**. 2ª ed. Coimbra: Coimbra Editora, 2012.

CANOTILHO, J. Gomes - **Direito Constitucional**, 5ª Edição Revista, Almedina, Coimbra, pp. 769, 1991.

CASANOVA, Nuno Salazar - **O Processo Especial de Revitalização. Comentários aos Artigos 17º - A a 17º I do Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas**. Coimbra: Coimbra Editora, 2014.

CASANOVA, Nuno Salazar; DINIS, David Sequeira - **PER - O Processo Especial de Revitalização – Comentário aos artigos 17.º-A a 17.º-I do Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas**. Coimbra: Coimbra Editora, 2014. ISBN 9789723222371.

CASANOVA, Nuno Salazar; DINIS, David Sequeira – **PER – O Processo Especial de Revitalização. Comentários aos artigos 17º-A a 17º-I do Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas**. 1ªed. Coimbra: Coimbra Editora, 2014. ISBN 9789723222371.

COSTEIRA, Maria José - **Questões Práticas no Domínio das Assembleias de Credores**. In II CONGRESSO DE DIREITO DA INSOLVÊNCIA, Almedina, Lisboa, 2013.

CORDEIRO, António Menezes, In II CONGRESSO DE DIREITO DA INSOLVÊNCIA, Almedina, Lisboa, 2013.

CUNHA, Paulo Olavo, **Os Deveres dos Gestores e dos Sócios no Contexto da Revitalização de Sociedades**. In: II CONGRESSO DE DIREITO DA INSOLVÊNCIA. Coimbra: Almedina, 2014.

DINIS, Ana C. dos S. Arromba; LOPES, Cidália M. da Mota – **A Fiscalidade das Sociedades Insolventes**. Uma primeira abordagem. Coimbra: Almedina, 2015. ISBN 9789724058283.

DUARTE, Rui Pinto. **A administração da Empresa Insolvente. Rutura ou continuidade?** In CONGRESSO DE DIREITO DA INSOLVÊNCIA, Almedina, Coimbra, 2013.

EPIFÂNIO, Maria do Rosário - **Os Efeitos Substantivos da Falência**. Porto: UCP Publicações, 2000.

EPIFÂNIO, Maria do Rosário - La Reforma del Código de la Insolvencia y de la Recuperación de Empresas (Ley n.º 16/2012, de 20 de abril). In: **Revista de Derecho Concursal y Paraconcursal**. N.º 17, Madrid: La Ley, 2012.

EPIFÂNIO, Maria do Rosário - **Manual de Direito da Insolvência**. 4ª ed. Coimbra: Almedina, 2012. ISBN 9789724058306.

EPIFÂNIO, Maria do Rosário - **Manual de Direito da Insolvência**. 5ª ed. Coimbra: Almedina, 2013. ISBN 9789724058306.

EPIFÂNIO, Maria do Rosário - **Manual de Direito da Insolvência**. 6ª ed. Coimbra: Almedina, 2014.

EPIFÂNIO, Maria do Rosário - **O Processo Especial de Revitalização**. In II CONGRESSO DO DIREITO DAS SOCIEDADES EM REVISTA, 2, Coimbra, 2012. Almedina.

EPIFÂNIO, Maria do Rosário - **O Processo Especial de Revitalização**. In: II CONGRESSO DE DIREITO DAS SOCIEDADES EM REVISTA. Coimbra, 2012. Almedina.

EPIFÂNIO, Maria do Rosário – **O Processo Especial de Revitalização**. Coimbra: Almedina, 2015.

EPIFÂNIO, Maria do Rosário - **Os Efeitos Processuais da Declaração de Insolvência**. In JORNADAS DE DIREITO PROCESSUAL CIVIL “OS OHARES TRANSMONTANOS”. Valpaços.

EPIFÂNIO, Maria do Rosário, - **O Regime Português da Insolvência**. Coimbra: Almedina, 2012.

EPIFÂNIO, Maria do Rosário; COSTA, Teresa N. Da; GONÇALVES, Filipa; MAGALHÃES, Catarina; MARTINS, Sandra B. – **Estudos de Direito da Insolvência**. Coimbra: Almedina, 2015. ISBN 9789724059136.

ESTEVEES, Bertha Parente - **Da Aplicação das Normas Relativas ao Plano de Insolvência ao Plano de Recuperação Conducente à Revitalização**. In: II CONGRESSO DE DIREITO DA INSOLVÊNCIA. Coimbra, 2014, Almedina.

FERNANDES, Luís Carvalho; LABAREDA, João - **Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas Anotado**. 1ª ed. Lisboa: Quid Juris - Sociedade Editora Lda. 2012.

FERNANDES, Luís A. Carvalho; LABAREDA, João - **Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas Anotado**. 2ª ed. Lisboa: Quid Juris Editora, 2013.

FERNANDES, Luís A. Carvalho; LABAREDA, João - **Código dos Processos Especiais de Recuperação da Empresa e de Falência Anotado**. 3ª ed. Lisboa: Quid Juris Editora, 2015.

FONSECA, Gisela - A Natureza Jurídica do Plano de Insolvência. In Direito da Insolvência. Coimbra: Coimbra Editora, 2011.

LABAREDA, João - **Sobre o Sistema de Recuperação de Empresas por Via Extrajudicial (SIREVE)**, In I CONGRESSO DE DIREITO DA INSOLVÊNCIA, Coimbra, 2013, Almedina.

LEITÃO, Luís M. de Menezes - **A Responsabilidade pela Abertura Indevida do Processo Especial de Revitalização**. In II CONGRESSO DE DIREITO DA INSOLVÊNCIA, Coimbra, 2014, Almedina.

LEITÃO, Luís M. de Menezes - **Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas Anotado**. 5ª ed. Coimbra: Almedina, 2009.

LEITÃO, Luís M. T. de Menezes - **Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas Anotado**, 6ª ed. Coimbra: Almedina, 2012.

LEITÃO, Luís M. T. de Menezes - **Direito da Insolvência**. 4ª ed. Coimbra: Almedina, 2012. ISBN 9789724060903.

LEITÃO, Luís M. T. de Menezes - **Direito da Insolvência**. 5ª ed. Coimbra: Almedina, 2013.

LIMA, Pires; VARELA, Antunes - **Código Civil Anotado**. vol. 2, 4ª ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1997.

MARTINS, Alexandre Soveral - **Alterações Recentes ao Código da Insolvência**

**e da Recuperação de Empresas.** [Consult. 1 Jan. 2016] Disponível em [https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/20699/1/alteracoes\\_CIRE.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/20699/1/alteracoes_CIRE.pdf)

MARTINS, Alexandre Soveral - **O PER (Processo Especial de Revitalização.** In AB INSTANTIA. Nº 1, Coimbra: Almedina, 2013.

MARTINS, Alexandre de Soveral - O P.E.R. (Processo Especial de Revitalização). In **AB INSTANTIA – Revista do Instituto do Conhecimento AB.** N.º 1, Coimbra: Almedina, 2013, p. 17-41.

MARTINS, Alexandre de Soveral – **Um Curso de Direito da Insolvência.** Coimbra: Almedina, 2015.

MORAIS, Rui Duarte - **A Execução Fiscal.** 2ª ed. Coimbra: Almedina, 2006.

MORAIS, Rui Duarte - **Os Créditos Tributários no Processo de Insolvência.** In **Direito e Justiça.** Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005. Vol. XIX, tomo II.

OLIVEIRA, Madalena Perestrelo de - **O Processo Especial de Revitalização: o novo CIRE.** In Revista de Direito das Sociedades. Nº3, Coimbra: Almedina, 2012.

OLIVEIRA, Nuno Manuel Pinto - **Entre Código da Insolvência e “Princípios Orientadores” um Dever de Renegociação?.** In Revista da Ordem dos Advogados. Lisboa: Tipografia Frasco Lda., 2012.

OLIVEIRA, Nuno Manuel Pinto In II CONGRESSO DE DIREITO DA INSOLVÊNCIA, Almedina, Lisboa, 2013.

PEREIRA, João Aveiro - A Revitalização dos Devedores. In **O Direito.** Coimbra: Almedina, 2013.

PEREIRA, João Aveiro – A revitalização económica dos devedores. In **O Direito.** 2013.

PIDWELL, Pedro – **O Processo de Insolvência e a Recuperação da Sociedade Comercial de Responsabilidade Limitada.** 1ªed. Coimbra: Coimbra Editora, 2011. ISBN 9789723219081.

PISCARRETA, Tiago - **PER – Processo Especial de Revitalização, em conferência da Ordem dos Advogados.** [Consult. 1 Jan. 2016] Disponível em <http://www.justicativ.com/index.php?p=1861f>

RAPOSO SUBTIL & ASSOCIADOS, Sociedade de Advogados – **Guia Prático**

**da Recuperação e Revitalização de Empresas.** Vida Económica, 2013, ISBN: 978-972-788-615-91.

RAPOSO SUBTIL & ASSOCIADOS, Sociedade de Advogados - **Código da Insolvência e da Recuperação de Empresas.** Vida Económica, 2015, ISBN: 978-989-768-120-2.

SALVADOR DA COSTA; COSTA, Rita – **Lei da Organização do Sistema Judiciário.** 2ª Ed., Coimbra, Almedina, 2014, ISBN 978-972-40-5863-4.

SERRA, Catarina - **A Contratualização da Insolvência: hybrid pocedures e pré-packs (A insolvência entre a Lei e a Autonomia Privada).** In II CONGRESSO DO DIREITO DAS SOCIEDADES EM REVISTA. Vol. 2, Coimbra: Almedina, 2012.

SERRA, Catarina - **Emendas à lei da insolvência Portuguesa - primeiras impressões.** In Direito das Sociedades em Revista. Vol. 7, Coimbra: Almedina, 2012.

SERRA, Catarina - **Processo Especial de Revitalização – contributos para uma rectificação.** In Revista da Ordem dos Advogados. Lisboa: Tipografia Frasco Lda., 2012.

SERRA, Catarina - **Revitalização – A designação e o misterioso objecto designado. O Processo Homónimo (PER) e as suas ligações com a Insolvência (situação e processo) e com o SIREVE.** In I CONGRESSO DE DIREITO DA INSOLVENCIA, Coimbra, 2013, Almedina.

SERRA, Catarina – **Revitalização – A designação e o misterioso objecto designado. O processo homónimo (PER) e as suas ligações com a insolvência (situação e processo) e com o SIREVE.** I CONGRESSO DE DIREITO DA INSOLVÊNCIA, Almedina 2013.

SERRA, Catarina - **O Regime Português da Insolvência.** 5ª Ed Coimbra: Almedina, 2012, pp 175-191. ISBN 9789724049854.

SERRA. Catarina – **O Processo Especial de Revitalização.** Colectânea de Jurisprudência. Coimbra: Almedina, 2016. ISBN 9789724064802.

SERRA Catarina- In II CONGRESSO DE DIREITO DA INSOLVÊNCIA, Almedina, Lisboa, 2013.

SILVA, Fátima Reis - **A Verificação de Créditos no Processo de Revitalização.**

In II CONGRESSO DE DIREITO DA INSOLVÊNCIA, Coimbra, 2014, Almedina.

SILVA, Fátima Reis – **A verificação de créditos no processo especial de revitalização.** – II CONGRESSO DE DIREITO DA INSOLVÊNCIA, Almedina 2014

SILVA, Fátima Reis - **Processo Especial de Revitalização – Notas práticas e Jurisprudência Recente.** Porto: Porto Editora, 2014. ISBN 9789720061683.

SILVA, Fátima Reis - **Processo Especial de Revitalização: questões processuais, em intervenção na acção de formação do Centro de Estudos Judiciários.** [Consult. 20 Dez. 2015] Disponível [https://educast.fccn.pt/vod/clips/1udop0ld6l/link\\_box](https://educast.fccn.pt/vod/clips/1udop0ld6l/link_box).

SOUSA, Miguel Teixeira - **Estudos sobre o Novo Processo Civil.** 2ª ed. Lisboa: Lex, 1997.

VARELA, J. M. Antunes - **Das Obrigações em Geral.** vol. I, 10ª ed. Coimbra: Almedina, 2000.

VASCONCELOS, Miguel Pestana de - **Modificaciones Recientes en el Derecho Concursal Portugués.** In *Revista de Derecho Concursal e Paraconcursal*. Nº 18, Madrid: La Ley, 2013.

---

As obras referidas na presente BIBLIOGRAFIA, correspondem às que foram utilizadas na investigação subjacente, contudo nem todas puderam ser citadas ao longo desta dissertação dada a diversidade do tema e aos muitos trabalhos que tem sido publicados em torno da Insolvência. Todas foram úteis, mas nem todas se enquadraram no tema investigado, contudo, consideramos ser esta a solução mais justa e útil, porque deixar referenciados referenciar bons contributos doutrinários em matéria de insolvência e recuperação.